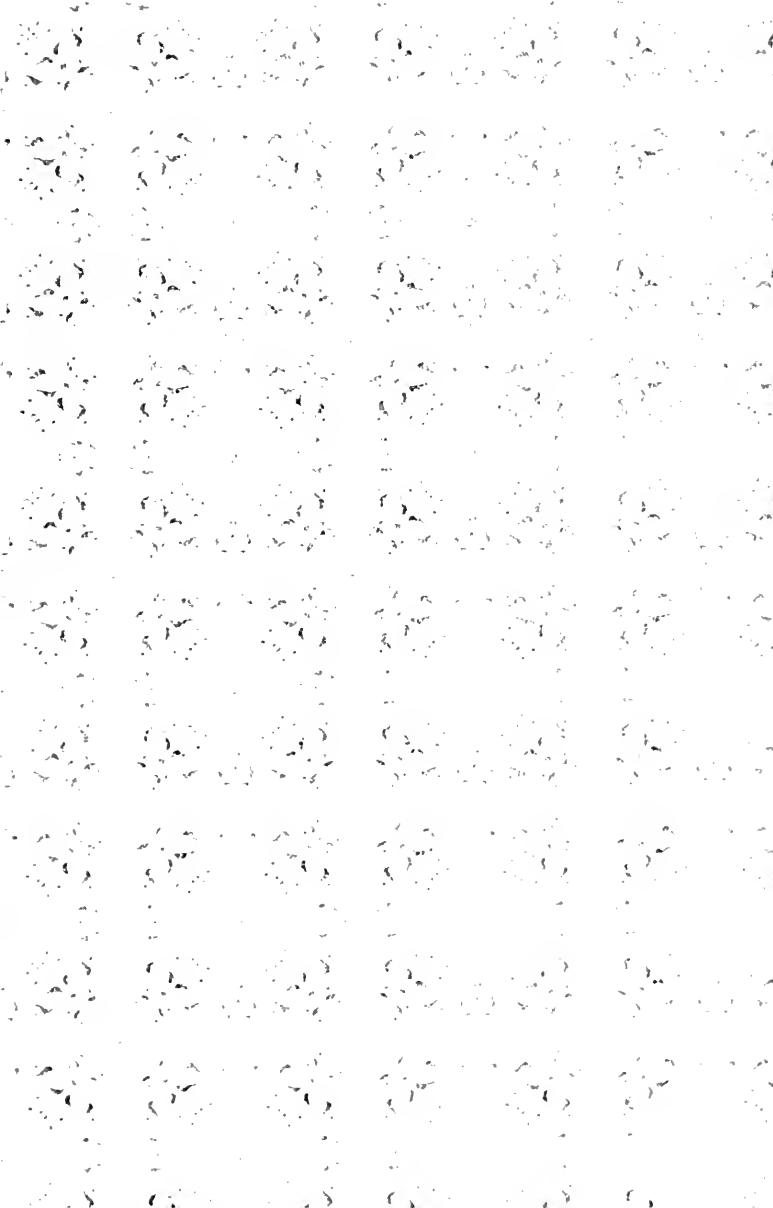




AVIO
80A



CASA DEI CONDE DI CASTROLIBON



OS GATOS

/

L. Por
F4389

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO MENSAL,
D'INQUERITO À VIDA PORTUGUEZA

N.º 1 — Agosto de 1889



123063
29/10/19

PORTO
CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.
Rua do Bomjardim, 95
FILIAL EM LISBOA
75, Rua dos Retrozeiros, 75

11-11-11

11-11-11

SUMMARIO

MEUS SENHORES, AQUI ESTÃO OS GATOS!
— BRIC-Á-BRACOMANIA, COMO CULTURA E
COMO DOENÇA — OS GRANDES LARAPIOZOS AR-
TISTAS, NAPOLEÃO, JUNOT, O «SOUTH-KEN-
SINGTON» E OUTROS MAIS — AQUI D'EL-REI
CONTRA OS CABIDOS, AS COLLEGIADAS E AS
JUNTAS DE PAROCHIA QUE DEFRAUDAM O
PAIZ! — A INDIFFERENÇA DO ESTADO PERAN-
TE O OBJECTO D'ARTE — PRINCIPES ARTISTAS
E SUAS MATILHAS — A CAÇA REAL AO BI-
BELOT» — BARÃO D'UM PRATO DAS CALDAS —
UM ALMOXARIFADO POR UM PENICO — BENS
DO POVO EM CASA DOS REIS — UMA CAPEL-
LANIA DEFENDE OS SEUS MOVEIS Á BORDOA-
DA — OS TOCHEIROS DE MAFRA — COLLECÇÃO
DE RECEITAS PARA SE SER UM REI VIRTUOSO
— O ANJO E O VICE-ANJO — PERFIL DO REI D.
FERNANDO; SUAS VIRTUDES E PERRICES —
NOS TERRAÇOS DA PENA, VESTIDO DE MA-
LHA, A CANTAR DE BARITONO — O TESTA-
MENTO D'ELLE E A OPINIÃO PUBLICA EXPRES-
SA PELA GRANDE VOZ DAS «NOVIDADES» —
AS COLLECÇÕES DAS NECESSIDADES SÃO NOS-
SAS, E TOCA A CRIAR COM ELLAS UM MUSEU

D'ARTES DECORATIVAS! — O SOUTH-KENSINGTON E O ENSINO INDUSTRIAL DA GRAN-BRETANHA — ROUBOS NOS CONVENTOS — SANTA MARIA D'ALMOSTER — OS ARCHEOLOGOS QUE SE CORTAM — ABADESSAS FRANDUNAS — UM CELEBRE ACADEMICO COLLECCIONADOR — ROUBOS NO PAÇO DE S. VICENTE — OS CAPPELLÃES QUE VÃO EMPENHAR ALFAIAS AOS ARMAZENS DE VELHARIAS — A ESTRELLA, OS GRILLOS E SANTA MARTHA — LADRÕES, LADRÕES, LADRÕES, NÃO DEVIÁ HAVER, NÃO DEVIÁ HAVER! .. — COMO SE ORGANISA UM MUSEU D'ARTE ORNAMENTAL, E SE DOTA O ENSINO ARTISTICO, SEM AUGMENTO DE DESPEZA PARA O THESOURO — PUBLICAÇÕES DE ARTE E COLLECCÕES PROVINCIAES — O QUE A COMMISSÃO ARTISTICA DA CAMARA DEVE FAZER — CARTA A S. M. SOBRE AS VANTAGENS DE SER ASSASSINADO — O REGICIDA DE CAMINHA — DE COMO O CULTIVO DAS BELLAS LETTRAS NÃO DÁ IMMUNIDADE AOS MONARCHAS, PARA AS AMEIXAS DOS CONSPIRADORES — QUE LHE CUSTA A V. M. APANHAR UM BALASIO? — OFFERECE-SE UM REGICIDA COM PRATICA NA PROVINCIA — ANTONIO PEDRO E O THEATRO NACIONAL — OS ACTORES D'INSPIRAÇÃO E OS ACTORES DE SAGAUCIDADE — A PORTUGUEZA NO THEATRO — O QUE FICA DEPOIS DA LUCINDA, DE ROSA DAMASCENO E DA VIRGINIA — CONCLUSÃO.



Dens fez o homem á sua imagem e semelhança, e fez o critico á semelhança do gato.

Ao critico deu elle, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o rhon-rhon e a garra, a lingua espinhosa e a *calinerie*. Fel-o nervoso e agil, reflectido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até á tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indifferentes, e terrivel com agressores e adversarios. —Um pouco lambareiro talvez perante as bellas coisas, e um quasi nada sceptico perante as coisas consagradas; acham-

do a quasi todos os deuses pés de barro, ventre de giboia a quasi todos os homens, e a quasi todos os tribunaes, portas travessas.—Amigo de fazer *jongleries* com a primeira bolla de papel que alguem lhe atire, ou seja um poema, ou seja um tratado, ou seja um codigo.—Paciente em aguardar, manso e apagado, com um ar de mysterio, horas e horas, a sortida d'um rato pelos intersticios d'um tapume, e pelando-se, uma vez caçada a preza, por fazer da agonia d'ella, uma distraecção; ora enrolando-a como um cigarro, entre as patinhas de velludo; ora fingindo que lhe concede a liberdade, e atirando-a ao ar, recebendo-a entre os dentes, roçando-se por ella e moendo-a, té a deixar n'um picado ou n'um frangalho.

Desde que o nosso tempo englobou os homens em tres cathgorias de brutos, o burro, o cão e o gato—isto é,

o animal de trabalho, o animal d'attaque, e o animal de humor e phantasia — porque não escolheremos nós o travesti do ultimo? É o que se quadra mais ao nosso typo, e aquelle que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão porque nos acharás aqui, leitor, miando pouco, arranhando sempre, e não temendo nunca.





A paixão pelas obras d'arte, está entre os particulares tomando tão grande espaço, que seria justo suggerirmos-a aos poderes constituídos, na mira de vermos ingurgitados com algumas acquisições, o museu nacional. Por toda a banda o colleccionador acorda, e os moveis d'esta selecção exótica que lhe aguea a sensibilidade, posto nem sempre venham filiar-se n'um fervoroso culto d'arte pura, e muitas vezes se expliquem pelo amor do negocio, por vaidade burgueza, por emulações de familia, ou por doença, não obstante convergem todos a um resultado nobre e saluberrimo, qual o de libertar da poeira e da ruina, quaesquer destrocos, minusculos que sejam, d'essa divina arte com que o Portugal do ve-

lho tempo interpretou o conforto, e soube poetisar os interiores — esses refugios de paz dos combatentes exhaustos pela fadiga das viagens e das guerras.

De feito, não se sohe a uma residencia d'amannense, de simples agente de leilões, ou de bolicario, sem depararmos na sala, no gabinete de trabalho ou no *toilette*, em nucleo ainda, e mais ou menos risivel pela prosapia *d'etalage*, a famosa, a lambida, a suspirada colleccão.

Ventarollas e sellos servidos, pratos das Caldas e oleographias, tudo serve a pôr n'estes sanctuarios do medioere, a mancha de côr que faz entrar na casa o raio d'alegria porque todos os olhos amortecidos suspiram, e a nota de bem estar que ás vezes falta na manteiga das torradas, no roupão de *madame*, nas botinas tortas das creanças, e nos tresentos e cincoenta mil reis annuaes de *monsieur*.



Cumpra entretanto encorajar no publico estes instinctos de pèga, porque se o homem pobre e deseducado collecciona farrapos, em vez de *bibelots*, ascendendo na escala do colleccionador, tè á opulencia, acharemos pelos palacios de Lisboa, em exhibições de gosto, os mais impressivos e serpentinos *echantillons* dos grandes seculos da arte europèa.

Demais que esta predilecção do bello, mesmo caraíba, sendo um syndroma de seriacão cerebral d'ordem superior, consola o criterio, da opinião pessimista que elle se afizera a formular sobre a decadencia portugueza, ao mesmo tempo que irá precavendo a opinião contra as rapinancias e logros, com que os grandes espertalhões cá da casa e lá de fóra, ha cincoenta annos exturquem o que em Portugal havia de magnifico, em todos os generos de pintura e de ceramica, mobilia e bordadura, ourivesaria e decoracão. Como quasi todas as collecções portuguezas (a de D. Fernando á parte) são modernas, acontece nòs estarmos desde o principio do seculo a exportar para o estrangeiro maravilhas, sem a menor consciencia d'esta sangria artistica,

e sem o mais ligeiro esforço de reacção contra ella, apesar dos gritos que vem á imprensa soltar de quando em quando, algumas vozes bem intencionadas. Começou o saque com a evasão franceza, onde soldados e capitães carregaram para o seu paiz de França, o que quizeram, destruindo vellecamente o que não podiam levar. E d'esta infâmia guerreira, filha da cobicia mais aspera, deu exemplo o proprio Bonaparte, que enviava no exercito, delegações d'artistas e peritos, com ordem de rapinar tudo o que de precioso houvesse, nos edificios das povoações invadidas, e antes de concedido o saque á soldadesca. Só á sua parte Junot levou consigo, entre sedas e quadros, manuscriptos, gravuras, alfaias sagradas, moveis, joias, armas, e maravilhosas loicas do Japão e da China, despojos d'uma riqueza innarravel, como nenhum rei possuia hoje talvez; e por tal forma abundantes, que tres navios quasi não bastaram para os transportar. Ainda lhe podêmos arrancar a Biblia dos Jeronymos, e não sei que outros monumentos d'arte nacional, mercê d'uma recompensa em dinheiro, de muito contos. Mas calcula-se o destroco, dizendo que só em prata

roubada, á sua banda, este bandido arrecadou para cima de trezentas arrobas.

Acha-se graça a um chronista do *Echo de Paris*, que escrevia ha dias a seguinte *boutade* feroz, a respeito da *pobrezca* do Louvre: «o meu amor proprio sangra ainda, á recordação das maravilhas que viu no Museu de Madrid. *A guerra de Hespanha não foi para nós tão feliz, como as expedições d'Italia*». — Que espectacularo miseravel!



Quando os francezes se foram, ficaram os inglezes, de rustilhada com alguns portuguezes, *legitimos* ou *adoptiros*, que se valeram do oiro ou da omnipotencia, para nos defraudarem do ultimo quadro de mosteiro, e irem lancando a unha á ultima *boubonnière* de familia arruinada.

Ha setenta annos que o *South-Kensington-Museum*, de Londres, secretamente mantem entre nós agentes seus, com ordem de vindi-

narem o paiz de todos os objectos d'arte que appareçam. E esses homens, que de Portugal teem carregado para aquella especie de formidavel ministerio d'artes e sciencias, pelo menos um decimo das preciosidades que elle encerra, esses homens conhecem, como profissionais, ponto por ponto, a historia das peças que ainda restam, pertencentes ao Estado ou pertencentes a particulares, o seu valor, os seus detalhes, as suas imperfeições, as suas magnificencias, os seus estragos; e implacavelmente, como famintos lobos, eil-os espiam as necessidades de dinheiro dos proprietarios, até chegar o dia em que a venda forcada lhes lance nas mãos algumas d'aquellas joias, divinas e puras, que elles enamoram.

De roda aos agentes do *South-Kensington* pouham-se os espertalhões que vem explorar por conta dos grandes bazares da Europa... francezes que comprem para os judeus mil-lionarios de Paris... americanos enviados de Nova-York e S. Francisco, por conta dos vendedores de cortumes, enriquecidos, e dos negociantes de tocinho monomaniacos de *libelotage*... Acrescentar a isto os espertalhões si-

nhos modestos da Rua do Alecrim e Moinho de Vento, agentes de colleccionadores portuguezes: calcular a cifra das transacções annuaes em seguida; tomar nota do tempo que esta sangria tem durado; e admirar enfim o manancial de riquezas decorativas, indescriptivel, que era Portugal!

Ai! temos assistido impassiveis, como se não se tractasse de coisas nossas, a esse desmoronar d'alfaias e obras primas, tramado na sombra pelas collegiadas soezes, por cabidos indignos, e por audaciosos mordomos e intendentes, que assim foram trespassando das caixas fortes confiadas á sua guarda, para as galerias dos príncipes e dos grandes, as peças de valor historico e artistico, sem o menor temor de responsabilidades contrahidas, e gabando-se do roubo, inda por cima, com a impudencia de pulhastros abroquellados sob os braços reaes dos seus senhores.

Temos deixado vender sem reluctancia, aos estrangeiros, obras unicas, maravilhas extremas d'artistas os mais celebres e os mais deificados pela admiração universal, sem que o Estado tenha offerecido á cubiça de fóra, um esforçosinho de concorrencia, tendente a

adquirir para as galerias nacionaes a obra em almoeda: e sem uma reproducção sequer, um simples desenho, que ao menos nos conservassem a *silhouette* d'aquellas maravilhas perdidas para sempre (a).

É nas raras bibliotecas e depositos do reino, as coisas guardadas jaziam a esmo, ainda ha pouco, devoradas pela poeira e as ratazanas, e sem que nenhuma mão caridosa as fosse de lá tirar, dando aos *touristes*, sob uma luz favoravel, o regalo d'admirar o pouco que ainda resta.

(a) É conhecida a historia do jarro e da bacia de prata, cinzeladas e assignadas por Benvenuto Cellini, que o ourives Tavares, da Rua do Ouro, tinha comprado cremos que aos viscondes de Cintra, indo-as offerecer mais tarde a D. Fernando, que as recusou por um mal entendido de preço, ridiculo quasi. Jarro e bacia, que primitivamente haviam sido offer-tados por pouco mais de meia duzia de contos, foram comprados depois pelo barão d'Alcochete, que os vendeu em Paris por noventa e tantos: e acabam, depois de peripecias varias nas mãos dos *bric-à-bracquistas*, de fazer a sua entrada solenne na



Estas affirmativas demandam porém fixar-se na ideia com exemplos; difficil caso n'um paizito onde todos se conhecem e tractam por cavalheiros, e onde o procedimento de muitos, servos e boyardos, raro extravasa da mais

seção d'ourivesaria do *South-Kensington-Museum*. Assim o refere o jornal inglez, *Decoration*.

O conde da Folgosa possuia duas terrinas de prata assignadas Germain, que o marquez da Foz adquiriu por uma quantia oscillante entre onze e quatorze contos, e que acabam de ser vendidas em Paris, por quarenta, não sabemos a quem.

Nenhuma d'estas obras o governo se esforçou por conquistar, chegando o desleixo a não ficar d'ellas uma simples photographia, para os nossos museus de Bellas-Artes.

accada cavalheirice. De portuguezes que ha quarenta annos fizessem sombra aos prestimannos britannicos, na arte d'empolgar um *bibelot* a preços irrisorios, valendo-se da bestialidade soez dos donos, o mais opiparo pairava, felizmente para elle, n'uma altura em que a vontade não soffre imposições, afeitada ao mando supremo, que se herda com os caprichos, mercè d'essa excepção odiosa a que se chama dymnastia.

Facil a este foi chamar aos seus museus privados, muitas palhetas do filão riquissimo que tinhamos, em preciosidades de todos os generos, pelos palacios e templos do paiz.

Os processos usados para este arrehanbar de coisas raras, não variou grandemente dos que hoje estão sendo postos em pratica, pelos banqueiros em fortuna, e por alguns dos nossos politicos e jornalistas adoradores de *bric-à-brac*. Lançavam-se pela provincia avaliadores de confiança, convividos no *bibelot*, e adestrados secretamente no manejo de verem o que havia, sem á primeira vista lhes parecerem ligar grande importancia. Estas creaturas, vista a jóia, punham-se a sondar manhosamente as necessidades do proprietario, as suas preoccupações, as suas ambições, as suas prosa-

pias — os pontos vulneraveis da confraria, da parochia, ou da municipalidade possuidoras da obra cubicada — e em meia hora concebia-se o plano, e lancavam-se os primeiros lineamentos para o cerco! Se a peca era de vulto, um desenhista enviado de Lisboa recambiava um *croquis* na volta do correio, afim do Potentado illustre decidir. Na manhã seguinte, os forasteiros debandavam, fingindo desdenhar um pouco o merito da obra — mas tres ou quatro mezes depois, tornava um, e *carrement* propunha a compra, não se mencionando nunca, n'essa primeira abordagem, o nome do comprador, afim de não despertar suspeitas nem cubicas.



Acontecia às vezes o dono da coisa, não vender a dinheiro, porque era rico.

O remedio era offerecer-lhe á queima rou-

pa uma venera, uma regalia qualquer d'ordem hieratica, rei d'armas, barão, moço fidalgo . . . Na minha aldeia fez-se um visconde por um prato das Caldas, muito velho. Outro, argucioso, veio ás Necessidades pedir a nomeação d'almojarife, com um bispote na mão, que posto exotico, era infamado já pelos trazeiros de bastas gerações.

Para o caso extremo da recusa de venda ser formal, os louvados tinham ainda um ultimo expediente: pediam o objecto ao proprietario, e levavam-no para Lisboa, onde permanecia até se amollecera de toda a resistencia da collectividade ou do particular recalcitrantes.

Grande porção d'obras d'arte, pertencentes a instituições religiosas e pias, entraram por este meio na capharnaum artistica dos nossos principes—consortes e governantes, como por exemplo a custodia dos Jeronymos, ha immensos annos guardada no museu particular do rei D. Luiz— as pratas da Sé, que só por vozidos da imprensa ha pouco tempo foram restituídas ao cabido, e enfim, o quadro de Holbein, que a Academia das Bellas-Artes cedeu a D. Fernando, em deposito, e lá figura hoje

no inventario do príncipe, como coisa que legitimamente lhe houvesse pertencido. (*b*)



(*b*) O sr. Rodrigues de Freitas, n'um artigo do *Século*, BENS DO POVO DEPOSITADOS EM CASA DOS REIS, fere este ponto, e amplifica :

«Seria acertado que tambem se tratasse de saber se o systema de *deposito*, exemplificado no quadro de Holbein, com vantagem para a galeria de D. Fernando, tem tido applicação a muitos outros objectos de arte, e em beneficio de outras pessoas elevadamente collocadas : quem sabe ? Talvez a collecção de todos elles constituisse um museu digno de ser visitado por nacionaes e estrangeiros. Dizemos isto fundados n'uma grande serie de factos innegaveis : é a serie longuissima das apparentemente mysteriosas desapareições de tantissimos objectos pertencentes aos conventos : suspeitava-se geralmente que tivessem sido roubados, ou dados ; é muito possivel que haja inteiro engano

Este capitulo das capellanias e irmandades que presentearam os príncipes e os grandes, com objectos de que ellas eram simples usufructuarias, meras vigias; este capitulo estava a exigir um inquerito minucioso e implacavel, que desconfiamos havia de descobrir muita estorsão, e ferrar com os costados de muita gente fina no Limoeiro.

Junto a Obidos ha uma capella, cujo nome não colhe para aqui, e em cuja sacristia exis-

em tão atrevida hypothese; foram porventura *depositados* em casas de gente digna de os admirar. É até provavel que, se fossem quadros, os depositarios mandassem pôr nos caixilhos respectivos o seu brazão, para melhor assignalarem a protecção que davam a esses depositos, e o zelo com que os guardavam. O quadro de Holbein, por exemplo, podia ter no caixilho as armas de Coburgo-Gotha. Quem sabe? Talvez as tivesse.

Ignoramos completamente como se fazem ou se faziam estes depositos; qual o formulario da remessa e do recibo. . .

Quando falleceu D. Fernando, publicaram-se artigos vigorosos, nos quaes foi affirmado que muitos objectos pertencentes ao estado figuravam na galleria particular do esposo de D. Maria II. A asserção não foi desmentida, se bem nos lembramos; podia

tiam (se existirão ainda?) algumas peças de mobilia artistica, maravilhosas . . . tamboretos forrados de coiro de Cordova, *grauffrés* de dezenhos soberbissimos, uma meza com embutidos de marfim e ferrarias de cobre cinzelado, uma pequena credencia, etc., doações, cremos que da rainha D. Leonor, fundadora ou protectora da capellania mencionada.

D. Fernando, que tivera noticia d'aquelles objectos, ou passando por alli, lograra vel-os,

comtudo ser falsa; agora porém, se a Academia de Bellas Artes fez aquelle pedido, não é sem fundamento a suspeita de que estava bem informado o auctor dos artigos.

Mas realmente este *deposito* de um quadro attribuido a Holbein é um deposito de nova especie; a pintura não foi levada para a habitação de D. Fernando por não haver onde a guardar; não seguiu o caminho da régia galeria em virtude de uma ordem judiciaria: não entrou lá para ser submettida ao exame de peritos, afim de sabiamente resolverem quem fôra o auctor d'ella: entrou por favor? Sahiu da Bemposta para a posse de D. Fernando, por effeito de alguma portaria amigavelmente surda?

Este caso leva-nos a recordar mais uma vez o que se passou com a famosa custodia de Belem; está na posse da Casa Real e comtudo pertence á

fez diligências furiosas para os alcançar, da administração. Mas a todas as suggestões de compra e troca, brinde ou *deposito*, os honrados homens que geriam os bens da capella responderam á cubiça real, reensas firmes; e os tamboretos e as mezas não figurarão na *corbeille* viual da segunda mulher do rei artista!

Estes exemplos porem não são fructiferos, e a mobilia da capella d'apar d'Ohidos, se es-

nação; os documentos sobre este facto existem na Casa da Moeda; a Casa Real certamente não os desconhece; ella não pôde ignorar que esse monumento da ourivesaria foi *dado* em *troca* de uma pouca de prata do palacio da Bemposta, avaliada em 3:648\$000 réis; importaram-se unicamente do valor intrinseco da custodia, como se o artistico não fosse o principal!

Tambem a prata que pertencen á casa de Nossa Senhora das Necessidades foi entregue a D. Maria II. Entregou-se-lhe pelo mesmo tempo a de um convento da ordem de S. Francisco; foram regulares estas entregas? Os documentos que conhecemos a este respeito, não dão resposta á nossa pergunta.

Desejariamos igualmente conhecer o que foi feito da livraria do convento das Necessidades; parte

capou ás garras do Coburgo, ainda vem a calir provavelmente nas dos srs. marquez da Foz ou Marianno de Carvalho, que Deus guarde. Na exposição portugueza d'arte ornamental, *salla D. Fernando*, vi eu uma grande vitrine de carvalho negro, em talha salomonica, eujas hobreiras e cimallhas, recamadas de grossas esculpturas de passaros, caçadores, gno-

d'ella terá ido para a Ajuda, como deposito analogo ao do quadro de Holbein, ou passou toda para as bibliothecas publicas? E a livraria de Mafra? O auctor da *Descripção minuciosa* do edificio d'este nome, diz que na bibliotheca do antigo convento ha trinta mil volumes escriptos em todas as linguas, e sobre todas as sciencias, industrias, profissões, artes e officios; prehenchem 150 estantes collocadas sobre o pavimento e a galeria... Todas as obras estão systematicamente distribuidas por sciencias e disciplinas, e alphabeticamente catalogadas. Notam-se especialmente entre ellas edições riquissimas de 1470 a 1480 dos melhores classicos latinos, e admiraveis pela belleza do typo e estampas. Encontram-se tambem preciosas edições das nossas chronicas de Portugal, *Os Luziadas* do morgado de Mathens; muscus de pintura, e das medalhas e moedas as mais antigas; grande variedade e colleção de biblias antigas e modernas em varios idiomas, entre estas a polyglot-

mos e folhagens, eram feitas nada menos que das columnas d'uma capella alemtejana, amiga minha d'infancia, que S. M. lá teria mandado buscar pelos seus espíões de *biblotage*, tudo por comprazer ao seu papel de salvador da arte antiga e das batatas.

S. M. a rainha D. Maria Pia levou de Mafra, contaram os jornaes aqui ha tempos, para

ta, e alguns manuscriptos religiosos em pergaminho, com lettras a capricho, perfeitamente illuminadas.»

A quem pertence tudo isto? Parece-nos que pertence á nação; contudo não tem servido para ella. Está na posse da casa real, como o quadro de Holbein esteve na posse de D. Fernando? Cumpre que as auctoridades competentes o investiguem; e que se taes riquezas são do povo, passem quanto antes para bibliothecas publicas.

... Chegamos sempre a concluir que o Holbein jãmais deveria ter ido para a casa de D. Fernando. E embora não tenhamos tido a honra de examinar a escripturação dos *depositos*, parece-nos que se pôde apostar 100 contra 1 que na lista dos depositarios se não achará sequer um nome de artista que seja pobre, por grande que seja o seu talento.

Assim prosperam as artes e os *depositos*.»

os seus aposentos da Ajuda, uns tocheiros de bronze, esculpturados em magnifico estylo, que segundo nos dizem, não voltaram ainda ao seu logar.

Dezenas d'outros objectos d'arte, enfileirados nas colleções de D. Fernando e D. Luiz, teem uma historia equivalente.



Daria um perfil bem extraordinario, na historia da actual sociedade portugueza, se quizessemos visional-o com brutalidade e sanguefrio, este gentilhomem tentão que foi D. Fernando, e que mesmo embevecido no seu sonho d'arte, tinha tempo para ir lançando golpes de vista frios, mercenarios mesmo, sobre as coisas da vida pratica que o cercavam. Evidentemente que elle possuia muitos dotes de bondade particular, todos sinceros, e destroncados d'essas virtudes de cathalogo que os con-

selhos d'estado impõem aos governantes, e n'elles são como que as ferramentas do officio de reinar.

Povo nenhum da terra admittiria hoje por exemplo, uma rainha, que os jornaes não fetelhassem como um *water-closet* de caridade, ou uma vitrine d'elegancias, ou uma especie de realço de sanctidades femininas e domesticas.

Ainda bem os herdeiros da corôa não apresentam a cabeça, pelo postigo materno, ás genuflexões da comadre, já os ministros lhes tem costurada a faliota de virtudes publicas com que elles hão-de mistificar o povo, toda a vida: faliota afinada ao sentimentalismo da epocha, e ás tendencias moraes e sociologicas da geraçào que ha-de atural-os. Na *carte* das virtudes governativas dos Braganças, coube por exemplo a D. Pedro V o papel d'um carneirinho mandado fenezer antes d'armado, afim de justificar o cognome *d'Esperançoso* que o conselho resolveu que se lhe desse. D. Luiz veio já n'uma epocha profusa em manifestações d'ordem mental; então ordenou-se-lhe crystallisasse entre o violoncello e Shakespeare, o que elle fez, charivarisando com bonhomia equal estes dois infelizes martyres dos seus

ocios... E aproveitando a crise agricola, os governos suggerem agora ao sr. D. Carlos, que para a recolla da popularidade, S. A. amosende nas predilecções de lavrador, e vá de chapen á serrana, applaudir as asneiras dos congressos. Já aqui o artificio resalta. Mas ha melhor! Achando-se provido, na pessoa da actual rainha, o logar de consoladora dos afflictos, e tendo passado de moda o beaterio, está por agora a sr.^a duqueza de Bragança sem *travesti*. — E a gente assiste todos os dias a esta comediasinha da sogra e da nora que mutuamente se usurpam a iniciativa das kermesses e bazares de caridade — uma com a chave do cofre dos inuidados na algibeira, coberta de joias, e de mão estendida, Sarah Bernhardt da esmola, aos cinco-reisinhos de quem passa — a outra, um pouco *froissée* do jogo scenico da primeira, e contentando-se, vice-anjo mal ensaiado, em vir ás festas de caridade particular, ou aos bazares das meninas abandonadas da provincia, repetir as creações mais applaudidas do anjo topa a tudo.



Paulo Bourget diz no *Disciple*, «é raro que um homem lançado na batalha das ideias, em pouco tempo se não venha a tornar no comediante das suas próprias sinceridades.» — E que esforços este D. Fernando não fez, para guardar até á morte, na sympathia da cidade, o seu velho *cliché* de rei-artista, rei *bon enfant*, apesar da interferência pessoal pouco correcta que ás vezes se permitia ter nas coisas do Estado, estando já recluso á vida de familia, e apesar de seu morgânico casamento, contrahido no meio do desagrado dos filhos, e das ironias dos seus mais dedicados servidores!

Ramalho pinta-o como uma especie de requintado burgomestre, já no *retour* da idade, gosando a existencia n'uma atmosphera confortavel e balsamica, entre formas raras e cambiantes de bello, vaporosas, todo entregue

a velleidades de *dilettanti*, que mercê da insciencia, percorriam quasi todas as especialidades artisticas conhecidas, desde fazer gravuras de saloios a agua forte, e pintar loiça, até andar com fatos da *Lucia*, nos dias de bruma, a roncar arias pelos terraços de Cintra, para se dar a illusão d'um amor romanesco — aos cincoenta annos !

Entanto, se por uma banda convem não regatear as verdadeiras qualidades que elle tinha, por outra cumpre pôr em equação os defeitos justapostos a essas qualidades. Era uma sensibilidade d'artista, desunida e morbida portanto, propensa ao sonho da phantasia que se ala, como uma borboleta de noite, aos intermundios da belleza pura. Mas aquella mesma sua convivencia entre coisas d'arte lhe fazia os nervos presentidos, a ponto de se lhe produzirem intercadencias no character, com grandes alternativas de bizzarria e de secura. Deve-se-lhe quasi todo o miseravel ensino artistico que hoje temos. Com o apoio ou a iniciativa d'elle se levaram a cabo algumas exposições de pintura e d'arte ornamental. Muitos dos nossos artistas agradecem hoje a mensalidades d'elle, a educação rece-

bida nos *ateliers* de Paris e Roma. Os seus gostos d'artista, a sua imaginação visual d'alemão contemplador, um raro senso evocativo da pureza das formas, originarias ou typicas d'uma escola, d'uma nacionalidade ou d'uma epocha, davam ao esposo de D. Maria II golpes de vista sagazes sobre muitos ramos d'archeologia artistica e d'artes deco-
raes: criterio este mais d'instincto que d'erudição, mas em todo o caso seguro e bem alicerçado.

E sem a sua actividade, intelligente, sem o seu ciúme de bric-à-bracquista, que o fazia policiar os manejos d'alguns larapios influentes, e alguma vez rechaçou do campo das acquisições, a concorrência estrangeira, Portugal teria sido saqueado nos seus *bibelots*, nos seus moveis, bibliotecas e loçarias, em muito menos tempo do que o foi. Entretanto, nós já fizemos sentir como esta interferência de D. Fernando nas coisas estheticas de Portugal, custava cara, e como elle se identificara ao paiz adoptivo, a ponto de confundir os museus publicos com as suas colleções particulares, e d'estabelecer com a maior sem cerimonia, migrações de quadros, baixos relevos, bron-

zes, dos nossos conventos para o seu palacio real das Necessidades, alardeando que os salvava da cubica mercenaria, em nome do povo, e vindo a alapardar-se depois com elles, não sabemos em nome de que. Na generosa franqueza com que lhe abriamos os braços, e permittimos que elle fosse manuseando, como seus, objectos que jamais poderiam sequestrar-se à tutela do Estado, e à propriedade e à posse do paiz, ia para assim dizer formulada a esperanza de todos, em que o principe legaria aos museus nacionaes, por sua morte, os soberbos exemplares que lograra reunir, graças ao dinheiro que nós lhe demos, à situação moral que lhe creamos, e ao enternecimento, imperdoavel, com que o deixámos ir pelas nossas gavetas, ruínas e sanctuarios, à busca de surpresas que apasiguassem a neuresthenia de bello que o estortegava.

Por isso o seu testamento produziu no publico, estupor primeiro, depois incredulidade — e odio por ultimo. Um odio agreste, faiscando desdens e sedes de desforço, contra a memoria d'elle, contra a sua probidade de homem, a sua integridade de ser pensante, o seu

passado, e as afeições que na vida mais o enterneciam. (c)



Os longos extractos que damos, do jornal que mais vivamente tractou a questão do tes-

[c] «As Novidades» de 22 de dezembro de 1885:

«... Mas o príncipe era homem: *Homo sum nihil*, etc. Ninguém, por mais elevado que seja, pôde fugir a esta condição. As fragilidades da natureza humana dão-se nos príncipes, como no common dos mortaes; e a doença exerce sobre aquelles a mesma influencia nefasta, que sobre estes. O cancro que se apossou d'um coração, e o roeu com a ferro implacavel, não pôde inspirar mais respeito do que o cancro que dilacerou a face. A medicina foi impotente para extirpar o shirro da cara, como a luz da razão não pôde surjar o outro, o que lhe invadia o espirito. Essas duas impurezas liquidam-se pela morte (!) Os physicos purificaram o cadaver pelo embalsamamento, á luz tremula dos tocheiros funebres; os criticos teem de purificar a memoria do príncipe, lavando-o do outro cancro, á grande luz da opinião publica. Ficará então, como deve fi-

tamento, se acaso espelham, como o jornalista pretende, a opinião, deixam-nos vêr que ella considerava o amor do rei pela condessa, como um cancro que lhe fez o coração cruel, e lhe arrancou de lá o amor dos filhos, e o respeito do seu passado e do seu nome, acarinados durante quarenta annos pelo affecto leal d'um povo inteiro. Mostram esses extractos mais, com certidões de physicos, que era pro-

car, honrado, respeitado e venerado, no panteon dos reis. A opinião tem esta missão a cumprir, e tem a cumprir tambem e parallellamente a missão de proteger a magestade do rei contra a piedade do filho, e o esplendor da corôa, que é uma dynastia e uma instituição, contra as desfallencias causadas pelos affectos de familia, tanto mais vivos, quanto mais se afogão em lagrimas de dôr... Cá estamos, e começaremos amanhã.»

23 de dezembro de 1885. O mesmo:

«... D. Fernando morreu de dois cancros. O da face, revelava-o a intumescencia e dilaceração dos tecidos; o do coração manifestou-se em toda a sua profundidade e crueza, no testamento com que falleceu. O testamento produziu no primeiro momento uma impressão geral d'estupor, que a breve trecho passou a indignação profunda. Em nossa opinião, nunca a opinião publica se affirmou n'uma solda-

vavel não gozar o rei de todas as suas faculdades, ao redigir do testamento com que morreu, sendo natural que um tal documento lhe fosse arrancado pela mão d'uma mulher devorada de eubica, sem amor ao marido, e levando o egoismo até á infâmia de querer provocar um incesto na familia. E finalmente acrescentam que se inutilise o testamento, confrontando-o com outro que o rei fizera em estado lu-

riedade tão forte, como agora. Como foi que a alma delicada d'aquelle rei artista pôde subscrever um tal testamento? Sem ter perdido o uso da razão, que importa o desconcerto absoluto da vida, teria o sr. D. Fernando perdido o vigor e a energia necessarias para resistir a suggestões perfidas e a ameaças insidiosas?

(Segue uma conferencia com um dos facultativos que trataram o rei, e diz assim :)

... O tumor maligno da face não poupou os nervos e arterias, produzindo até a decomposição visual. Os progressos da doença irritaram necessariamente as meninges, corromperam os vasos, e alteraram a circulação. O lobulo anterior do cerebro deve ter sido comprimido, o que a autopsia não deixaria de mostrar. Este lobulo soffreu por tanto na circulação, e assim na sua nutrição e regular func-

eido; terminando por aconselhar que as colleções artisticas do castello e *chalets* da Pena e do Palacio das Necessiades, já mingnadas de joias e pratas em que fraudulentamente se substituiram monogramas, voltem ao Estado, senão na totalidade, pelo menos em parte, visto como são do paiz muitas das preciosidades artisticas que as compõem. Nós registramos com jubilo esta impetuosa esfusiada de fran-

cionamento. A doença teria alterado tambem o estado plastico do sangue, o que viria a influir no modo de ser da actividade cerebral. Effeitos analogos se registam nas cachexias extremas, nos amolecimentos cerebraes, etc. E de tudo isto se pôde concluir com afoiteza, independentemente de qualquer exame especial, e só pela marcha geral da doença, que o snr. D. Fernando, sem ter perdido o uso da razão, cahira progressivamente n'um estado em que as faculdades affectivas levam facilmente de vencida as faculdades intellectuaes. . . »

«O testamento de D. Fernando data de 13 de janeiro de 1885, quando já elle estava irremediavelmente condemnado, e se sabia que a sua vida devia durar apenas alguns mezes, ou mesmo dias, horas, conforme. O ensejo do testamento foi escolhido com conhecimento de causa, e desalmadamente aproveitado. Tinha feito outro antes, em 1880. Era o do ho-

queza, que põe a questão clara e virgineamente nua dos veus hypocritas, entre que os jornaes usam tratar das grandes falcatruas. Só do nosso applauso expulsaremos os trechos em que se allude em termos pouco generosos ás qualidades e intentos d'uma senhora, que seja o que fôr não tem marido, e resgatára pela sua alliança a um rei de Portugal, quaesquer sombras que podesse trazer da vida de tablado.

mem são. Para se ajuizar da perfeita inteireza do livre arbitrio do testador, seria necessario confrontar entre si os dois testamentos. Assim se porá em melhor evidencia o que pertence ás responsabilidades do testador, e o que pertence á *garra da harpia*. É preciso por tanto que o testamento de 1880 appareça. Não só para se liquidar de todo [*observação do jornalista* — para quem seja preciso, que não para nós) este processo moral em que está interessada a memoria de D. Fernando, mas tambem para se instruir o processo legal do inventario, que em qualquer hypothese terá de fazer-se.

«... O testamento ultimo não é obra de D. Fernando. Não o pôde ser, porque nem mesmo por um egoismo feroz (que aliás nunca manifestou em vida) poderia ser explicado. É descaravel demais até para isso. Está alli, sibilando em cada linha, o rancor venenoso d'uma ambição que serpeou até aos

Sobre a sua cupidez tambem, poucos dados comprovam, desde que essa mulher accedeu a desfazer-se da propriedade da Pena, sem violencia, e abriu elle mesma ás indagações da justiça, as colleções adquiridas por herança. D'ahi, não é necessario recorrer á *harpia que se vinga com a mão do finado*, nem á loucura lucida do príncipe, para explicar o testamento. Já desenhámos a sensibilidade morbida especial de D.

degraus do throno, e que se consumiu em esforços impotentes para ter assento n'elle.

A GANTARINA *procurou viagar-se com a MÃO DO FINADO*. . . E está tambem retratada, com todas as suas mihas, a rapacidade implacavel que nem a pobre gratificação aos mais antigos servidores poupa. . . O testamento assim feito pôde ter como commentario a vibrante apostrophe de Tibullo, na elegia IV, liv. II, á cortezã Nemesis.

— Tu cavas a concha da mão para arrebanhar mais dinheiro.

O poeta definiu a harpia com forma humana.»

24 de dezembro de 1885. «As Novidades»:

«Nada temos particularmente contra a sr.^a condessa d'Edla. Não lhe arremessamos injurias porque é viuva, como lhe não arremessamos flores quando era a esposa morgantica do sr. D. Fernando. *Ninguém aos viu por detraz das janellas do Paço das Ne-*

Fernando, que era a d'um príncipe, complicada da d'um artista; caprichosa, desigual, intransigente em questões d'obediencia, cheia de violencias e d'infantilidades, e exteriormente glaciada e com *dessús* de bonhomia, como deve ser a d'um allemão. Em typos d'estes, a allivez, quando ferida, é rancorosa, e raro é que não chegue a lançar mão da crueldade.

Ponham agora ao redor d'um homem as-

cessidades, currados humildemente diante da snr.^a condessa, quando ella poisara a sua mão enluradu no braço d'el-rei, porque nunca lá fomos; e ninguém nos verá cá fóra a apedrejar-lhe as janellas... que não são suas — (allusão a um artigo do *Correio da Manhã*.)

Os nossos artigos são apenas um pallido reflexo da explosão de colera que rebentou em todas as consciencias. Somos apenas um *ecco* e nada mais. A opinião publica nunca se pronunciou com uma tal intensidade, e uma tal unanimidade, sem ter por si a justiça, e sem haver um grande maleficio a viingar. Os proprios que correm a estender o manto da misericordia sobre a *desolada viuva* (*commentario do jornalista*—dedicatoria de corôa funebre) reconhecem e confessam que o testamento d'el-rei D. Fernando é um documento lastimoso, e que produziu a mais deploravel impressão... O testador podia dis-

sim susceptível, a familia real que lhe não reconhece oficialmente o casamento, Maria Pia que parte o copo, n'um banquete, quando o marido tem o descoco de propôr um brinde á condessa d'Edla, deante de toda a còrte, — e os seus sarcasmos quando lhe fallam na *sogra*, e o seu odio de princeza authentica, todos os dias *froissé* pela impertinencia da cantora — e acrescentem ainda, para acabar d'exasperal-o,

pôr do que era seu, como muito bem quizesse. Mas á imprensa não pôde negar-se o direito d'investigar se na herança do sr. D. Fernando estão todos os valores que lá devem estar. Não fallamos das inscripções d'averbamento que se inverteram em titulos ao portador, para poderem ser sonegadas á herança, nem nas joias de D. Maria II, que passaram a outro colo (estas joias, perguntamos nós, não pertencerão talvez á corôa?) nem das preciosidades artisticas a que se mandou fazer um monogramma d'usurpação, nem das pratas em que se substituiu por esse mesmo monogramma, a corôa real. . . » (*o articulista aqui repete o que mais d'uma vez, no decurso da questão, tem procurado transfiltrar no espirito do leitor; isto é, que não cita factos, nem historios, nem episodias, porque olha as coisas d'alto. E segue, insistindo em demonstrar que a sr.^a condessa d'Edla extorquira da razão vacillante do rei, o testa-*

o afastamento do povo, que recusa ao rei artista a sua antiga sympathia, satyrisando-o nos jornaes e reuniões publicas, pelo facto d'aquelle matrimonio escandaloso, e claro dando a vêr o quanto o melindrava a violação, pela *cabotine*, do *fauteuil* em que outr'ora se sentou D. Maria II.

Ora, injurias assim não se perdoam : quando é impossivel ceval-as de prompto, o tempo,

mento supra, onde se não falla da sur.^a D. Maria Pia, que tanto o affeigouva, e se mencionam seccamente as filhas por as infantas, e se tracta a sur.^a condessa por MUNHA MUITO QUERIDA E AMADA ESPOSA.)

28 de dezembro de 1885. O mesmo jornal:

«... O rei artista, que era amado do povo, com o qual se misturava nos ajuntamentos e festividades, viu-se que nada deixou para o adiantamento e bem estar dos artistas, nem uma insignificante collecção d'objectos d'arte para o estudo, o que produziu um arrefecimento subito nas sympathias de que gosava, e uma indignação vivissima contra a Egeria funesta que lhe inspirou uma tal disposição d'ultima vontade... bastaria entretanto que o testamento contivesse algumas boas palavras, etc... bastaria que D. Fernando escrevesse n'elle uma disposição que resalvasse para a corôa e para a nação

em vez de as punir, centuplica-lhes os impetos, accumulando os dias de soffrimento, em juro d'odio, té ao momento em que a vingança nos desforce integralmente. D. Fernando havia de ter premeditado assim uma desforra, longo tempo, sob as suggestões e conselhos da esposa, não tem duvida, mas por obsessões tambem do seu proprio rancor de governante achincalhado. Essa outorga de riquezas a uma mu-

a propriedade e regalia do Castello da Pena, que lhe foi vendido como *monumento historico* (isto é, por uma quantia minima, que não podia por forma alguma significar cedencia de propriedade) e que o paiz se habituára a considerar como formosissima joia sua...»

Terça feira, 28 de dezembro, 85.

«... vamos terminar esta primeira serie d'artigos, a respeito do testamento d'el-rei D. Fernando. Todas as consciencias pediam uma correção dura e um desagravo proporcional ao maliticio: mas algumas vózes dizem já, *basta!* e nós somos e queremos ser apenas os executores da alta justiça popular. *A segunda serie, porem, não se demorará... se for preciso.* E será talvez ainda mais aspera do que a primeira, e com certeza muito mais interessante do que ella. Porque haverá historias largas que contar.» *[Aqui o articulista, que atroz dissera querer*

lher que apenas podia auferir d'ellas um gozo egoista e improductivo, em detrimento d'um povo, que pelo estudo saberia transformar taes maravilhas em instrumentos de critica e de cultura ; essa doação por certo foi uma vingança de mercieiro casmurro, reles e mesquinha, mas devemos recordar que o rei não tinha outra.

apenas encerrar as coisas d'alto, refere a aventura de uma sobrinha sem tia, que veio das Sabezas para o pago das Necessidades, e que parece a sr.^a condessa d'Edla quiz casar com o sr. infante D. Augusto. Tempos depois, esta menina desposara um official de marinha, abandonando o pago bruscamente, só com a roupa que trazia vestida!

E continua :

«... esperamos que a sr.^a condessa d'Edla se poupará e nos poupará á segunda parte d'esta missão dolorosa. Tratando o assumpto d'alto, não quizemos discutir n'este momento as questões propriamente juridicas que no testamento se ventillam. Havemos, porem, de as acompanhar com euidado, por que nem podemos resignar-nos a que o monumento historico da Pena saia da coróa ou da familia real portugueza, NEM PODEMOS CONSENTIR QUE A RAPACIDADE LEVE, ENGLOBADOS NA HERANÇA, PRECIO-



Se fallando no testamento de D. Fernando, trasladámos os artigos das *Novidades*, foi para sòmente d'elles fixarmos as ultimas linhas, que

SOS OBJECTOS D'ARTE QUE PERTENCEM AO ESTADO.
(Sublinhado por nós).»

Como se vê, este libello das *Novidades*, tão terrivelmente formulado em seis artigos editoriaes, procedia com methodo, e por series — conforme a praxe. Mau grado o nosso respeito pelos homens d'imprensa que tractam coisas d'alto, não desconfessaremos a anciedade com que esperámos a segunda serie promettida, mais o seu supplemento de contraprovas e historias, onde facilmente o nosso espirito beberia as exercuciantes indignações da opinião, contra a mão do finado e a cantarina. Por desgraça, que essa segunda serie nunca appareceu — já porque a questão houvesse tomado directrizes conciliadoras, entre as diversas partes litigantes, accedendo a sr.^a condessa em poupar talvez ao articulista, a *tal segunda parte d'esta missão dolorosa*, em que elle falla: já porque muito pouco tempo depois da primeira serie apparecer nas *Novidades*, o sr. Emygdio Navarro era chamado a fazer parte do gabinete progressista, que subiu.

escriptas por um ministro, quasi valeni por declarações de gabinete.

«... não podemos consentir que a rapacidade leve, englobados na herança, preciosos objectos d'arte que pertencem ao Estado...» Ousariamos completar o sentido do trecho, recapitulando o que atraz deixamos dito, quanto aos meios empregados por D. Fernando, para a amon-toação dos thesouros artisticos que deixou. Assim, S. M. teria adquirido muitos d'esses thesouros por compra, nas provincias e casas opulentas, mas por preços que alguma vez representaram apenas a crassa ignorancia da pessoa que vendia, e o perfeito conhecimento do valor da obra, por banda da pessoa que comprava — acto este que os tribunaes punem com o rigor que lhe assiste. (d) S. M. teria

(d) «... La théorie de la valeur est la règle des esprits civilisés, et qui la méconnaît apparaît comme un être inférieur, stupide ou déraisonnable. Ceci est tellement vrai qu'on finirait par arrêter un homme qui offrirait mille francs d'une image d'Épinal cotée un sou, et qu'on finirait par l'enfermer comme fou. Le seul fait de ne pas avoir la notion du prix suffit, dans notre société actuelle, pour faire retirer sa capacité juridique et l'usage de sa fortune

ainda adquirido alguns, a titulo de simples deposito, como no caso do quadro de Holbein, que o snr. Rodrigues de Freitas verbera. Finalmente, haveria deslocado outros, sem autorisação nem direito, dos logares em que elles estavam, como por exemplo os Lucca della Robia do convento da Madre de Deus, para os fixar nos seus salões da Pena e das Necessidades, o que tambem constitue delicto grave, e de sanha a fazer figurar na parte de policia, qualquer desgraçado das ruas que o commettesse.

Por consequencia, as collecções d'elle pertencem-nos, são nossas; cumpre reivindicar-as para a posse do Estado, e fazer d'ellas um nucleo de museu, indispensavel não sómente á reconstituição da historia portugueza, e ao estudo da arte civil e religiosa dos nossos gran-

à un homme, en toute autre circonstance estimé capable même de siéger dans les assemblées parlementaires et de donner des lois au pays.

Les économistes de tous les temps et de tous les pays, d'Adam Smith à Bastiat, et de Ricardo à J.-B. Say, se sont battus sur ce terrain : la définition de la valeur. On n'est pas encore arrivé à trouver une formule sure, claire et précise. La valeur est tout à

des seculos — o que é o passado — senão tambem á reorganisação do ensino artistico e industrial, — o que é o futuro.

É forçoso não deixar sahir do paiz nem uma só das peças que compõem aquellas collecções; evitar os leilões, que nol-as disperariam pelas garras dos bric-à-bracquistas de todo o mundo, que estão á espreita; e adquirir-as em massa, quer pela acção dos tribunaes, quer por uma compra amigavel, estabelecida em calculos licitos, e paga por exemplo com o dinheiro d'uma loteria patrocinada pelo Estado.

A fundação d'um museu d'esta ordem, não é hoje um simples luxo em paiz nenhum, mas o repositorio de motivos ornamentaes, d'inspirações d'arte pratica, superflua ou familiar, simplesmente exotica ou applicada às indus-

la fois l'utilité d'un objet particulier par rapport à un individu, et en même temps la propriété d'échanger cet objet contre un autre d'une utilité semblable. Au premier abord, l'utilité semblerait créer seule la valeur et former l'étiage auquel cet objet peut monter: la valeur d'un objet est donc toujours relative, ainsi un puits à moitié tari, une maigre source dans les plaines d'Algérie ont plus de valeur

trias, ao qual deva prender-se o ensino official, que lança os povos no caminho da prosperidade e da fortuna. É necessario completar a obra das escolas industriaes, fundadas por Aguiar, pondo-lhe por cupula um museu d'aquelles, organizado segundo os planos do *South-Kensington*.

Para se imaginar o que esse *Sout-Kensington* seja, bastará dizer que elle contem para mais de trinta milhões d'objectos d'arte, authenticos e ineditos, de todas as epochas, generos, paizes e destinos; e um numero ainda maior de livros, estampas e manuscritos, cathalogados com methodo; e outros tantos milhões de modelos d'arte industrial — e que tudo isto faz annualmente a viagem dos grandes centros manufactureiros e estudiosos d'Inglaterra, em series combinadas, que um em-

qu'un abondant ruisseau dans l'île de France; un bifteck à bord du radeau de la *Méduse* valait plus cher qu'un diamant. C'est la rareté qui intervient, compliquée du désir. Ces deux mobiles ont un rôle actif dans la valeur des œuvres d'art. Les objets artistiques ont un caractère d'utilité incontestable pour ceux qui les achètent, puisqu'ils y trouvent des jouissances cérébrales, des modèles, des stimulants, des

pregado do museu acompanha, com ordem de prefeccionar sobre o destino dos objectos que passaria. Museus analogos foram estabelecidos, em Moscou, Vienna d'Austria, Berlin e S. Petersburgo, ha muito tempo. Em 1885, dias antes do jornal *L'Art*, propôr uma subscrição publica em Paris, para a creação d'um *Musée des Arts Decoratifs*, Ph. Burty escrevia estas palavras :

“La France attend encore un musée analogue au SOUTH-KENSINGTON. Lorsqu'elle le tentera, malgré les richesses dispersées dans ses différentes collections nationales, il sera forcément bien incomplet. Les étrangers ont ecrémé tout ce qui est d'un interet supérieur, et la concurrence a amené les surenchères ruineuses...”

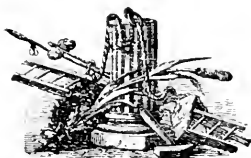
O museu de Paris foi creado em 1887, e todos conhecem a historia da sua interferencia

— — — — —
 moyens d'enseignement, ou tout simplement des occasions de savourer l'orgueil de la possession et de faire des envieux. La science économique constate les faits, aussi bien psychologiques que matériels, sans les apprécier au point de vue moral...»

(E. Lepelletier, artigo *Justice dans l'art*, do *Echo de Paris*.)

nas indústrias francezas, que vem de dar na Exposição uma tão brilhante prova de vitalidade.

Ph. Barty queixa-se dos estrangeiros que expoliavam a França, com dinheiro nas mãos, dos seus thesouros. De quem nos queixaremos nós então!?. . . Estrangeiros e nacionaes — mais nacionaes agora do que estrangeiros — avançando em quadrilhas, tem roubado infamemente o paiz das suas melhores alfaias e *bijoux*, e isto em plena inania dos governos, cujos membros condescendem por vezes, verdade seja, a ter no roubo a parte do leão. E quanto mais a fundação d'um museu d'arte ornamental nos fôr tardando, tanto maiores desfalques se hão-de fazer no pouco que nos resta. As collecções de D. Fernando, uma vez seguras, viriam juntar-se os destroçados espolios dos muitos conventos de freiras que estão fechando, ou fecharão, em breves dias as suas portas; e é provavel que todos estes despojos remidos lograssem dar de si um basar ainda vasto, de formosas coisas.



Só no districto de Lisboa, conventos fechados contamos este anno d'oito a nove; e alguns antigos, com tradições historicas, fundações de princezas, e restos de sumptuosidades devidas ao favor de reis e de rainhas. Em quasi todos, sem que se soubesse em globo o que continham, era voz publica haver trabalhos d'arte, em talhas, colchas, retabulos, lavraria artistica, mobílias, *poteries*, estatuetas, e azulejos: tudo restos d'opulencias passadas, que os capellães-administradores, e as madres, instadas por parentes, por funcionarios civis, ou por simples trampolinceiros, foram vendendo

atravez dos tempos, por um quasi nada mais de tutta e meia. (e)

Um nosso amigo, que foi outro dia ao mosteiro de Santa Maria d'Almoster, casa de penitencia onde foram acabar infantas e mancebas de reis, e ainda aqui ha trinta annos atollhada de preciosidades raras, voltou de lá com a indignação inflada nas palavras, e barafustando contra o desleixo das auctoridades que deixaram roubar estupidamente os sanctuarios, retalhar as pinturas, fazer fogueiras com as estatuas dos santos e os columnellos das capellas: e permittiram, senão collaboraram, nos roubos e salvagerias que vieram a tornar aquella maravilhosa casa n'uma pocilga de camponezes alvares, de sachristas gatunos,

(e) Se nos não falla a memoria, fez-se em 1868 um inventario geral aos conventos de religiosas. Comparando os espolios d'agora com as listas d'aquelle, facil seria calcular o que foi desviado, para em seguida deitar a policia a rabo dos larapios. Que governo ousaria porém vibrar esta justiça, sem afocinhar na escadaria dos paços, nas collecções dos ricos, e na deshonra de muitos crismados por ahi de veneraveis?

e de regedores leiloeiros e canalhas. De quando em quando apparecia por lá um d'estes velhos graves, d'oculos, diplomados pela Academia, pela sociedade dos archeologos, ou pela commissão protectora dos monumentos, o qual a titulo de salvar a arte, trazia consigo o que adregava, esquecendo-se, por afãzeres, de restituir essa colheita ás sociedades sabias que o tinham commissionedo.

N'um mosteiro de Beja, antiquissimo, cuja fachada gothica, posta no alto d'uma escadaria de pedra, concita o forasteiro á contemplação embevecida, conservaram-se, me disseram, por muitos annos, preciosas recordações do velho tempo. As ultimas freiras que lá houve, já um pouco secularizadas pelos pagodes que D. João V mandava ensinar ás suas collegas d'Odivellas, quando os amantes massados não vinham ás entrevistas nocturnas, expediam-lhes por uma alcoviteira, sob a forma de brinde, algumas das bellas curiosidades do mosteiro, baixos relevos, colgaduras, trypticos, gomis, paincis, e peças de mobilia, em termos d'acenderem a carne aos machos lassos, pela esportula da bugiganga, paga adeantada. Ultimamente, houve lá uma abbadessa, cavaquea-

dora dengosa e emerita magana, que convidava os altos funcionarios civis a alegres merendas, d'onde sahia hebede e saltõna, a acompanhar no cravo versos de Bocage.

Conheci um secretario geral que lhe apanhou magnificas prebendas, e um monsenhor, bispo quasi, que não desdenhava fazer sentir á freira rabida, nas occasiões de satyriase, o quanto lhe agradaria avolumar a sua colleção, com uma ou outra peça artistica do convento. Assim foram abalando da casa as bellas coisas; creio que não ha em Beja homem nenhum de setenta annos, que não possua no seu gabinete, em paga d'uma noite, alguma recordação da zorra professa.

Todo o Alentejo baixo, na zona districtal d'entre Evora e Beja, conhece um crudito mazorro, estúpido e rapace, que mais d'uma vez tem figurado em commissões de historia e archeologia. Esse donato reles, que uma academia e um governo, mais reles ainda, se não envergonharam d'enviar ao desempenho de missões de confiança, como inqueritos d'al-faias em igrejas de provincia, constatações de reliquias mortuarias, relatorios d'arte e sciencia historica, etc., deixou pelos sitios de passa-

gem a reputação d'um homem sem escrúpulos, o mais cynicamente deshonesto de quantos monos fardados os governos costumam enviar ao encontro das coisas a que não dão importancia.

De todos os inventarios que esse homem lá fez, pelos conventos, revertia metade aos caixotins do seu museu particular, intimidando descaradamente a timidez das monjas e a bestialidade dos administradores de concelho, negociando á má cara as peças que lhe recusavam, e justificando enfim por toda a parte a reputação d'um velho tonto, abraçado á velhacaria d'um gatuno exhaustinado. Tem um museu riquissimo, este mariola, que foi sempre pobre, e nunca esteve prezo, e possui a consideração de gregos e troianos. E com elle, outros eruditos que fustigam na imprensa o abandono dos monumentos, a pobreza dos museus, e a selvageria do povo, vão accumulando á sombra das commissões que usufruem, *bric-à-bracs* roubados, indiscutivelmente roubados, sem que um ministro austero lhes peça contas da villania com que elles se locupletam. Toda a gente conhece a historia d'uns azulejos celebres, que um architecto possui nas suas col-

lecções, e a d'umas talhas de capella antiga, que um funcionario d'estado arrematou por 205000 reis, para a decoração d'uma casa de campo. Querem mais factos?

Um cirurgião de cunho, amigo meu, costumava comprar a um *bric-à-bracquista* hespanhol, bocados d'arte com que ia ornamentando, *petit-à-petit*, a sua casa de residencia. Aconteceu comprar elle ao hespanhol umas cadeiras de pau santo, trabalhadas; e tempos depois, ao voltar do jardim zoologico, uma tarde, o hespanhol que apparece. . . Havia entre os dois pendente o contracto d'uma escultura em marfim, que obrigou o medico a acompanhar o espertalhão. E como o meu amigo passava por um convento fechado, o outro, subito:

— Lembra-se V. Ex.^a d'aquellas cadeiras? Pertenciam aqui a este convento; comprei-as eu á abbadessa. . . entravamos lá de noite, vestidos de padres, a fazer negocio.

Por occasião de morrer o patriarcha Ignacio, antecessor do actual, desapareceu de S. Vicente um quadro gothico, onde, n'um grupo ajoelhado, se via um retrato do infante D. Henrique, que passava por authentico. Esse quadro está hoje na galeria d'um titular financei-

ro, e ninguem lhe vae perguntar como foi que elle o adquiriu. Já sob o temporado do patriarcha actual, roubaram de S. Vicente um tapete persa, magnifico, que veio a ser vendido por 5:000 n'uma loja d'adelo, e está actualmente no gabinete de trabalho d'um homem muito conhecido em Lisboa. Querem ainda mais? Vão visitar um dia os armazens d'antiquidades de Lisboa; e fingindo-se interessados perante os objectos de character religioso que virem, inquiram do judeu vendilhão a historia d'elles.

Lá saberão que ha capellães que vem á noiteinha com embrulhos nas algibeiras anaes da sobrecasaca, negociar objectos de culto, rolos de telas com pinturas de santos, frontaes e cazulas, miniaturas, pequeninas estatuetas e vasos preciosos, por conta das freiras que liquidam, e de conventos fechados aonde o governo ainda não mandou fazer arrolamentos.

O musen das Janellas Verdes é pobre? A Bibliotheca Publica está em risco de não adquirir a colleção Cifka, por falta d'um conto e oitocentos que a pague aos herdeiros do colleccionador? O governo não tem dinheiro para

acquições? Não ha collecções completas d'arte industrial, religiosa, domestica, ornamental? Podera! Se as collecções do paiz estão sendo averbadas a beneficio dos herdeiros de D. Fernando! Se os commissarios enviados aos inqueritos dos conventos, não zelam como devem a arrecadação dos espolios, nem procuram saber para onde se somem as coisas que faltam! Se o paço d'Ajuda regorgita de coisas desviadas do seu logar! Se os funcionarios graudos espreitam a agonia das monjas nonagenarias, para irem elles mesmos, marcar as peças que desejam recambiar para os seus palacios!

E é por isso que os Grillos fecham e não se apura de lá coisa nenhuma de valor, para os museus. Que a Estrella fecha, e o encarregado de trazer para a Academia objectos d'arte, só encontra nos muros quadros reles, lavrarias sornas, e paramentos banaes.

E em Santa Martha e na Esperança, e por todos os mosteiros sellados, a mesma penuria, a mesma pobreza, e a mesma abominavel pouca vergonha.

— Aqui d'el-rei! Isto é uma liquidação geral nos bens do povo; um saque trinta vezes

mais vil que o de Junot; uma epopeia de furto, mais audaciosa do que a historia celebre d'Alli-Baba, onde tambem figuram cavernas de riquezas, um poderoso chefe, e quarenta ladrões. Morreu o chefe, as preciosidades foram arroladas, mas os quarenta ladrões multiplicaram-se, e por ali continuam a saquear até ao fim.



Movidos pelos alarmantes boatos d'essas vendas fraudulentas, d'essas manhosas caçarias feitas por agentes suspeitos, ao trem cultural dos nossos templos, e ás baixellas e adornos das casas historicas necessitadas, dois deputados offereceram ao parlamento um projecto de lei, em que se prescreviam grossas taxas d'imposto aos objectos d'arte que emigrassem do paiz.

Ora, deveremos dizer que uma semelhante proposta, posto sincera no intuito, ha-de

ser sempre incompleta nos resultados que pretende.

De feito, não derivando ella d'um plano de legislação que abranja todos os casos, fica de si impotente, e quando muito fará mal aos Hambrugers, aos agentes d'Ephrussi, dos Rothschilds e dos Van-der-Bildt, que n'esta ultima phase da *degringolade* artistica que vimos descrevendo, não passam d'uns inimigos nossos, subalternos. Depois, sendo taes vendas feitas em segredo, podendo a maior parte dos objectos d'arte occultar-se em pequenos volumes de bagagem, e não havendo fiscalisação rigorosa sobre os volumes que sahem do paiz, como é que o imposto aconselhado pelos dois parlamentares, ha-de cobrar-se?

O grande mal não vem agora dos compradores estrangeiros: vem dos gatunos indigenas, da cobardia e da ignorancia dos ministros, incapazes de pedirem contas aos salafrios que nos defraudam, e enfim dos abusos da monarchia, que n'este ramo se ha mostrado, já dissemos, d'uma velhacaria incomparavel. Não desse ella o exemplo de larga data, e nós saberiamos se os servidores graduados se arriscavam a andar por Odivellas arrancando os

azulejos do claustro, pelo Alentejo extorquindo baixos-relevos ás freiras, e pela Beira Alta fazendo mão baixa nos columnellos de talha dos sanctuarios.

O governo de certo tem commissarios esportulados para a fiscalisação dos edificios que lhe pertencem. Que diabo faz a chamada *Commissão dos Monumentos*? A chamada *Academia das Bellas-Artes*? A *Sociedade promotora das ditas*? A dos *Archeologos*? A dos *Architectos*? E a mirabolante *Commissão artistica da Camara Municipal*?

Com fóros d'agregiações patrocinadas pelo Estado, ou com simples cédulas de sociedades particulares, aquellas enfermarias de somnambululos, de derreados, de preguiçosos e de pedantes, tinham obrigação de regular entre si a policia dos monumentos, de lhes vigiar ciumentamente os valores, e de se auxiliarem no procurar dos objectos extraviados ou extorquidos — isto por dever de fundação ou por simples fervor de patriotismo — e nada fazem! Ninguem se importa. Naturalmente os das Bellas Artes fazem costas, em quanto os dos Monumentos fazem habilidades; e os da Archeologia fazem escovinhas, enquanto os da Cama-

ra Municipal fazem concursos de pintura historica. — Suecia de mostrengos, acephalos e inermes, cuja indifferença criminosa infunde uma tristissima ideia da austeridade civica, individual ou collectiva, dos funcionarios do nosso paiz!

Dos sete conventos, ou oito, fechados durante os ultimos mezes, querem saber o que o delegado do governo conseguin apurar para os museus? Nada.

O *bric-à-brac* das Lauellas Verdes, que era um punhado de loiças, esmaltes e tabaqueiras, foi adquirido no Luiz da Costa por 2:800\$000 reis, ainda no tempo do marquez de Souza Holstein; e d'então para cá, em quasi nada ha sido accrescentado! Morre a ultima freira d'um recolhimento... quando o delegado do museu lá chega, ou já não encontra nada que arrolar, ou recolhe apenas bugigangas e tarécos velhos, sem valor — não sendo raro que mesmo d'estes, a quantidade baixe, não se sabe entre mãos de quem, no trajecto d'uma casa para a outra.



Ao leitor enausea a lista de proscricção desdobrada por nós ao travez d'este fasciulo, que melhor soaria aos seus ocios, n'um cascalhar de troças e piadas.

Haja paciencia: o escarneo virá: mas já lhe promettemos publicar todas as denuncias provadas, que adregue de nos endereçar sobre a questãõ dos musens nacionaes. Chega uma hora difficil em que, sob pena d'um naufragio geral, é necessario correremos a pontapés os intrujões que se apoderaram dos cimmos, arrogando-se o titulo de chefes e dictadores, em todos os ramos da administração e da vida publica, e antepondo ao bem do Estado a sua ancia de gosos e riquezas, trahida em toda a linha por um banditismo que nem sequer já perde tempo em disfarçar-se!

Porém esta nossa jeremiada vae longa, e compilaremos rapido os pontos principaes da exposiçãõ.

Não temos um museu d'artes decorativas, nem em embrião sequer, e é indispensavel creal-o, se com alguma seriedade cuidamos de dar hausto, pelo levantamento do nivel esthetico quer no consummidor, quer no productor, aos nossos antigos centros d'actividade industrial. Não temos uma collecção de moveis d'arte a que os artifices ignorantes se reportem, nós que possuímos dos primeiros marceneiros e restauradores de moveis do mundo. Não temos um gabinete de ourivesarias, constituido com exemplares das nossas officinas da Renascença, nós que ainda hoje executamos com uma perfeição manual surprehendente, os trabalhos mais arriscados de lavrancia e filigranagem. Senhores dos primeiros canteiros do mundo, não possuímos, sob a forma de collecções *d'atelier*, junto aos monumentos, exemplares catalogados consoante as epochas, os destinos, e as deducções ornamentistas derivadas das nervuras geraes d'un typo d'architectura civil ou religiosa.

Não ha collecções publicas d'estofos, de rendas, e de bordados, n'um paiz que tem as tecedeiras barbaras e geniaes das provincias do Minho e Traz-os-Montes, as rendilheiras de

Peniche e de Setubal, e as maravilhosas bordadoras das illhas dos Açores e de certas povoações ruraes do Alentejo. Nas nossas velhas olarias d'Estremoz e das Illhas, onde a estagnação multi-secular dos processos de fabrico, produziu o milagre de se haverem mantido entre as mãos d'esses rudes louceiros, sem alteração, todas as linhas do etrusco, o mais correcto; nas velhas fabricas de faiança das Caldas da Rainha, que ha duzentos annos davam o vidrado d'uma maneira unica, hoje perdida; nas serrallerias dos arredores de Guimarães, onde camponios brancos ainda hoje produzem á forja, sem instrumentos, ferragens comparaveis ás melhores da Renascença franceza e italiana — em todos estes fôcos extinctos da arte industrial portugueza, não ha um museu onde os artistas estudem a archeologia das suas profissões, as evoluções do producto, as intersecções e as influencias soffridas por suggestão estrangeira — ou sequer uma colleccão central que lhes expressa esses modelos, por viagens circulatorias, como as que o *Kensington* promove atravez as regiões officinaes da Gran-Bretanha.

É indispensavel pois crear esse museu, e

por influencia d'elle depois, museus com séde junto ás escolas industriaes que estão fundadas, mas onde os exemplares se renovem a prazo, n'uma deslocação periodica e fructifera. (f) Os meios praticos de havel-o, são em

(f) Um dos primeiros actos do actual patriarcha de Lisboa foi dirigir ao ministro da justiça e cultos, um relatorio muitissimo sensato, em que se propunha a fundação de museus d'arte religiosa, não só na séde do patriarchado, mas tambem na de todos os bispados e arcebispados do paiz. Estes museus exhibiriam os objectos pertencentes ás residencias prelaticias, e assim todas as alfaias e obras d'arte das igrejas e fabricas annexas. Cada um d'elles teria um conservador estipendiado modestamente, e cremos que ás suas collecções iria revertendo o espolio dos conventos, na proporção em que estes fossem acabando.

Esenso dizer qual tenha sido a resposta do governo. Não havia dinheiro! O sr. Silveira da Motta, director da repartição d'estatistica, e erudito apaixonado pelas velhas coisas, declarou mesmo ao sr. Beirão que se encarregava de crear verba para custeio dos museus religiosos, sem sensível augmento d'encargos para o Estado. Entanto, apesar d'esta boa vontade, a questão foi atirada de vez ao esquecimento.

primeiro logar adquirir as collecções de D. Fernando (*g*); e em segundo lançar mão do que ha pelos conventos, palacios e quaesquer outros edificios publicos desoccupados.

Para a realisação do primeiro desideratum temos a chicana, que ha de pôr de nosso lado a justiça, desde que se provem os poucos escrupulos de S. M. o rei finado, o que com boa vontade não ha-de ser talvez difficil; ou recusada a acção judicial, lançaríamos mão da compra em massa das collecções, com dinheiro obtido, já dissemos, por meio d'uma gran-

(*g*) É uma das maiores, mais variadas e mais completas que andam por mãos de particulares. A secção das loiças é maravilhosa, pelos pratos arabes que contem, e pelas fayanças portuguezas, allemãs e italianas. Em armas, mobílias, bronzes, Saxes, é tambem riquissima; e assim em quadros antigos, de auctores portuguezes e allemães, mencionadamente da idade gothica. A collecção de gravuras figura no inventario com um valor approximado de 13:000\$000 réis, e consta de dezeseite mil exemplares, dos quaes muitos rarissimos, assignados por Durer, Rembrandt, Callot, Ostade, Marco Antonio, Morgher, Vanteuil, Edelvisk, Drevet, Dirk-Stoop, Lucas de Leyde, Goltzius, etc.

de loteria, exclusivamente consagrada ao ensino artistico, como a da *União Central das Artes Decorativas*, de Paris, que produziu cinco milhões de francos d'uma só vez. Lançado o museu, tractar-se-hia de o ir enriquecendo, a pouco e pouco. E por que meios? Um já dissemos: a entrada immediata, nas salas das Janellas Verdes, de todos os objectos de character artistico sobre que o Estado tivesse direitos reconhecidos, e que se achem dessimulados hoje pelos edificios publicos sem funcção.

Dos outros meios, ahi vão alguns que nos occorrem:

1.º — Compra de colleções particulares negociaveis, em detalhe ou em globo, cujos proprietarios desde agora dariam ao Estado condições de preferencia, posto o projecto de lei dos snrs. Fuschini e Consiglieri.

2.º — Acquisições d'objectos por troca, com particulares e museus estrangeiros, de peças que os nossos tivessem repetidas.

3.º — Acquisições de copias e modelos d'objectos (mencionadamente os que digam respeito á arte portugueza e peninsular) que figurem em museus estrangeiros, e de cuja reprodu-

ção e estudo se possa tirar proveito publico.

4.^o—Propostas de compra ás confrarias, hospitaes, misericordias, juntas de parochia, etc., d'objectos d'arte que por sua antiguidade ou mau estado de conservação, hajam sido desviados dos seus respectivos serviços e destinos, e que constituindo exemplares dignos d'apreço, andem pelos thesouros d'aquellas corporações em eminente risco de perda ou de ruína (*h*).

5.^o Vigiar assiduamente as coisas que não podessem logo reverter ao Estado, evitando por todas as formas a sua dispersão, desde ensinar o publico a zelar elle mesmo a conservação d'esses thezouros, até definir as

[h] Exemplo: as magnificas lanternas de prata da igreja das Mercês, cinzeladas n'um estylo tão puro como elegante, e muitas outras alfaias d'esta igreja. Exemplo: as pinturas gothicas, sobre madeira, que se guardam n'um escauinho ignobil da Madre de Deus, aos ratos, á poeira, e que o padre Coentro mostra aos raros visitantes que se dignam procural-o. Exemplo: um grandissimo numero de quadros, mobílias, e alfaias, que fazem parte do trem patriarchal, etc.

responsabilidades dos depositarios, em bases que garantissem ao Estado a perfeita manutenção e conservação dos objectos d'arte, e assim a sua revertencia futura aos museus nacionaes.

Entre os meios praticos de conseguir esta policia, mencionariamos ainda — exposições permanentes, no vestiario dos templos, de todos os objectos d'arte que as nossas instituições religiosas e pias possuam, e onde o publico se acostume a ir reconhecê-los, estudal-os, e apreciar-lhes o valor— fundação d'um grande cathalogo geral das obras d'arte existentes no paiz, já por mãos de particulares, já por mãos de corporações, illustrado a grandes phototypias, e contendo summariamente a biographia de cada objecto, o resumo dos seus caracteres estheticos, menção d'escola e author, e enfim a maior somma de dados materiaes para um computo rapido das nossas riquezas artisticas — educação do gosto publico por via de publicações analogas ás da *Bibliothèque de l'enseignement des Beaux Arts*, de Paris, feitas por conta da Camara Municipal ou da direcção geral dos museus, segundo um plantologico, e postas a concurso entre os escriptores de es-

pecialidade — e finalmente, reforma completa no ensino das Bellas Artes, attendendo-se o mais possível ao estudo do desenho, tão descuidado em S. Francisco, e chamando-se á regencia dos cursos, mestres conhecedores da sua arte, muito embora contractados no estrangeiro. (i)



(i) «Les expositions universelles ont posé dans tout sa rigueur, devant le public, la question de l'enseignement pratique du dessin. En présence des peuves éclatantes du concours apporté par cet enseignement à toutes les industries qui exigent un effort de l'imagination et une exécution supérieure, les gouvernements de l'Europe ont compris qu'il fallait l'associer largement à celui des lettres et des sciences... Des méthodes techniques ont été proposées à l'effet d'initier le plus grand nombre possible d'enfants aux éléments du dessin et de leur mettre ainsi dans la main un outil précieux dans quelque carrière qu'ils abordent. Il ne serait pas juste d'attribuer à notre temps seul la préoccupation de faire, par l'habitude du dessin, des mains plus hab-

Desde que o sentimento do bello estivesse na multidão, em via de cultura, veríamos aquella exercer ella mesma sobre as obras d'arte uma vigilancia sollicita, e facultades affectivas que haviam d'obstar ao descaminho de muitos objectos para fóra do reino. Veja-se o exemplo de Paris, no *Hotel Druot*, ha mez e meio, quando a collecção Secretan dispersou! Entre as telas d'esse museu havia o *Angelus*, de Millet, scena emotiva, pintada n'uma gamma de tons sombrios e fortes, que o pintor vendera em 1867 a M. Foydeau por 1,800

les et des yeux plus judicieux. Les corporations, jusqu'à la fin du xviii siècle, enseignaient a les ouvriers le dessin professionnel. Le grand siècle xviii, auquel rien n'a échappé de ce qui peut former des citoyens, avait comprise et agitée cette question .. Léon de Laborde, dans son rapport sur la première Exposition universelle de Londres, insista avec énergie sur ce point capital: multiplier l'instruction des artisans, entraver les fausses vocations. C'est tout le contraire de ce que proclame la doctrine académique. Dans son livre *Union des arts et de l'industrie*, il écrivait de plus «a onze siècles de distance, il sera voté une loi qui ordonnera qu' en France, dorénavant, tout le monde saura dessiner, comme en 787, Charlemagne jetait, à l'étonnement de ses vastes

francos, que Feydeau vendeu em 1870 a um Pierre Blanc por 3,000, passando-a este por 5,000 a um certo Van Praet, ministro belga, que a vendeu a outro, etc., etc. — té o *Angelus* apparecer em 1881 na venda Joub Wilson, por 160,000 francos, e entrar para o Louvre agora, pela quantia inverosimil de 553,000. No leilão Secretan, muitos americanos e inglezes vindos expressamente das suas cidades, começaram a picar o quadro, decididos a empolgal-o aos naturaes. Por iniciativa d'Antonin Proust formou-se immediatamente alli, nas

Etats, un simple décret qui ordonnait qu' a partir de cette datte chacun sut lire. La France de nos jours peut voir avec douleur l'ignorance de ses enfants dans cette langue naturelle qui est la representation naturelle des objects.» Il conclut à l'enseignement du dessin assimilé strictement à celui de l'écriture. C'est en effect ce qui se passe chez un peuple de d'extrême Orient que nous traitons cavalièrement de barbare, chez les Japonais.

« Tout le monde y sait lire, écrire et dessiner. C'est avec le pinceau que les ambassadeurs qui nous ont visités récemment prenaient le plus souvent note des objects qui frappaient leur attention.»

Pl. Barty (MAITRES ET PETITS-MAITRES)

salas do Hotel, uma sociedade patriótica, que tinha por fim relaver o *Angelus* para o Louvre, não importa a que preço. É essa sociedade instantanea, nascida d'uma embriaguez d'arte apenas perceptivel em Portugal, arrancou o Millet das mãos estrangeiras, por um preço archi-doido é certo, mas no meio da mais plurenetica ovação que talvez se tenha feito a uma pintura.

Outra vantagem do nivel esthetico subir, seria, como succede lá fóra, as doações d'objectos d'arte ao Estado, *chance* de que nós quasi por completo temos sido privados, e a que os museus de França e d'Inglaterra devem parte das maravilhas de que se orgulham.

Insistiríamos mais uma vez, sobre a maneira de recolher os espolios das casas religiosas. A recolla devia fazer-se estugadamente e por completo, não só nos conventos fechados, mas em todas as casas conventuaes que inda teem gente; e fazer-se com methodo, energia, prudencia e sagacidade, escolhendo homens activos, novos, e venhamos n'isto — *não colleccionadores*. O Estado carece d'alijar de si a velhada até gora adstricta a estes serviços de confiança, e que muitas vezes por ignorancia, por desma-

zello outras, e algumas tambem por pouco escrupulo, tem defraudado o paiz de copiosas obras de valor.

Somos o paiz do general reformado. Á testa de serviços em que se ha mister de braços validos, de cabeças claras, e de proibidades austeras, não raro é ver paralyticos a difficularem o expediente, idiotas a exercer no pessoal pressões intoleraveis, e alquiladores que por desculpar as proprias rapinancias, abrem balcão ás gatinices dos seus subordinados. A contagem do merito d'um homem, pelos annos de pascigo ás mangedouras do Estado, leva aos cargos opiparos uma frandulagem de gente, que como os burros só tem de veneravel o orelhame, e uma ou outra vez, a assiduidade.

O conselheiro Melicio, espostejado em 77 nas *Farpas*, pelas ironias terriveis de Ramalho, acaso deixava então deletrear, na sua insignificancia de caguinchas, a nomeação de commissario portuguez na Exposição Universal de 89?

Porque planaltos cortou esta figura, antes de se alar a uma posição de tanta magnitude? Simplesmente por este — a calvicia — sobrepujando esf'outro, a pontualidade.

É a historia d'aquelle amamense tísico, que dizia aos collegas — rapazes! eu cá já podia ser chefe de repartição, porque estou inhabilitado.



N'outro ponto viemos sobre o custeio de museus assim organisados, com as suas grandes compras de colleccões, os seus cathalogs criticos, as suas publicações de livros d'arte, e assim o pessoal adstricto, e as viagens de objectos atravez das escolas industriaes. Certamente que a realisação d'uma tão bella obra custa cara. Mas não póde o governo fundar uma loteria annual, com premios de dinheiro e obras d'arte, cujo producto convirja todo a questões de bibliotheca e Bellas-Artes? A *Commissão Artistica* da Camara Municipal, porque não lança hombros á empreza, e vincula a sua boa vontade, se alguma tem, a esta grande obra patriotica e alevantada?

Na noite de 15 de julho ultimo, um portuguez d'apellido Valle disparou no Rio de Janeiro um tiro de revolver contra a carruagem do imperador Pedro II, quando este sahia do theatro Sant'Anna, acompanhado pela princeza herdeira e a imperatriz.

O tiro perden-se entre as cabeças da multidão que estacionava á porta do theatro, sem raspar chapéu ou muro, nem dar de si outro signal que não fosse a detonação, a qual nem chegou a ser ouvida por todas as pessoas do sequito imperial, incluindo a princeza.

Julgou-se em principio que o regicida fosse um certo Hasslock, redactor d'um jornal republicano, homem exaltado, e ao que parece audaz, té á loucura. Mas o delegado da policia, Bernardino Pereira, que esfusion nas ruas do Rio, á mira de capturar o indigitado, ao topar este, recebeu d'um tal Eduardo Freitas, que acompanhava Hasslock, e passa por amigo particular do conde d'Eu, a denuncia de ter sido Valle o verdadeiro auctor da tentativa.

Preso o assassino e reconhecido, a policia interroga-o. É um rapaz imberbe quasi, de physionomia inexpressiva, tez desbotada, e vestigios d'orgia na figura. Tem mau passado,

e no dizer dos jornaes não poucas vezes recorreu, para viver, a expedientes. Do azedume de não achar na conducta mediocre que desenvolvera, a felicidade a que se julgaria com direito, derivou talvez o republicanismo estulto de que costumava fazer estardalhaço. Na primeira entrevista com o director da policia, dr. Basson, Valle nega terminantemente que seja elle o auctor do crime: em caso contrario, até o confessaria com orgulho, pois um tal acto — declara — não faria senão nobilitar pelo martyrio, o republicano que em terras de Brazil o perpetrasse.

Estas declarações desmoronam-se porém, des'que a policia chamma a perguntas, pela segunda vez, o regicida. E então elle confessa que um homem, cujo nome não disse, o convidára a beber alcool n'um botequim, travando-se entre os dois disputa accesa, no atinente á sinceridade de convicções anti-monarchicas de cada qual: onde o outro declarou ter suspeitas de que em Valle não jogasse a alma heroica d'um verdadeiro filho da republica.

Por aquelle tempo incendia o cognac o olhar do rapazola, que dando murros na meza, reforçava esbaforido os seus protestos de febre

jacobina, enquanto o interlocutor, por contra-prova, subito propõe um tiro no imperador Pedro II — ao que Valle accedeu, já esfuriado em obsessões de bebedo pimpão. Á meia noite, os dois separam-se: é a hora de sahir gente do theatro Sant'Anna, a cuja recita o imperador fôra assistir. Já o coche imperial aborda o atrio, e a familia do monarcha se lhe acomoda dentro, quando sob o latego do sota, os muars destravam o carro, n'um arranco energico de partida. E foi só então que Valle desfechou, sem pontaria, como levando no tiro o proposito apenas do estrondo que chamaria sobre elle as atenções, fazendo-lhe ganhar a aposta, sem recorrencia a derrames de sangue, que horrorisavam, parece, o seu espirito inconsistente e aparvallado.

Comettido o feito, Valle corre atravez as ruas da cidade, sem jámais escolher as menos frequentadas, nem procurar disfarçar-se entre os passantes, mas detendo-se ao contrario a cada passo, para mostrar aos conhecidos o reвольver com o cartucho queimado, cujo destino elle explica, alegre quasi, aos que se achegam a lhe escutar os dizeres de gabazola.



Estauos pois em face d'um regicidio picaresco, que salvaguardada a figura veneravel do monarcha brazileiro, tem diabolicos visos de scena encomendada para emocionar theatricalmente a opinião. O regicida, que tem o nome do nosso primeiro actor comico, é convidado á bebedeira por um personagem mysterioso, n'um botequim d'alcunha romanesco, *Coffé de Londres*, ao soar a hora fatal da meia noite.

Produz-se o tiro, que nem chega a ser ouvido por todas as pessoas da comitiva imperial, não podendo o proprio auctor d'elle informar mesmo se o cartucho estaria embalado, visto como, de carnifice que estava, nem sequer verificou o estado da arma que lhe deram.

Aqui se deita o commissario Bernardino a rabo d'elle, reforçado d'um capitão que assi-

gna Lyrio; e os dois d'esfusiote inquerem da gentana das ruas, se acaso o regicida sinistro alli passou.

De grupo em grupo, e esquina em esquina, lá vae a lei, de que é manitanga o Bernardino, amparada na força, que Lyrio exprime pelos seus galões de capitão, seguindo o rastro da fera pelos cheiretes de polvora que por ventura o cano da arma inda trescale (se outro cheiro os não guia, muito mais fedorento e indicador); e em tão boa hora caminham, que vão afocinhar os dois com o amigo particular do conde d'Eu. Trava-se alarde. Bernardino viera a fariscar regicidio no republicanismo escamado d'Hasslock; Freitas porém salva o amigo da injuria policial, produzindo a denuncia de conhecer o sicario authenticico . . . por signal que ainda ha bocado vinha a brandir um revolver, rua acima, e ao passar perto d'elle, estendendo-lhe a mão, dissera até:

— Matei agora mesmo o imperador, seu Freitas. É extraordinario como um regicidio abre o apetite! Já viu? . . . Vamos ceiar.

Ora, n'estas alturas do drama, tudo quanto a effervencia monarchica do amigo particular do genro, ponde fazer em desaffronta á mages-

tade do sogro imperial, foi recusar a offerta da ceia, não por horror á hediondez do assassino que lhe fazia o convite, mas pela razão, mais digestiva do que civica, de já ter ceado.

Mas eil-o que vac depòr ao tribunal; e diz um jornal brasileiro do seu depoimento:

«Parece que as revelações d'Eduardo Freitas são importantes, e que não se limitou a dizer o que viu, como tambem o que sabia dos antecedentes do crime, e dos seus consequentes, chegando a declarar o nome da pessoa a quem Adriano, depois de dados os tiros, entregou o revolver. . .»

Estranho amigo de príncipes, este Freitas que passeia de noite com os republicanos exaltados, e deixa fugir sem protesto os regicidas, para, postado no caminho, os denunciar depois aos Lyrios da tropa, e aos Bernardinos esbódegados da policia! Estranho amigo de príncipes, este que dá pormenores sobre as conspirações tramadas contra o throno, mas só no fim das conspirações terem gorado! Elle sabe de tudo, conhece tudo, os antecedentes do crime, o criminoso, as suas relações, as suas ideias, quem lhe suggeriu a tentativa de morte, e quem lhe recebeu a ar-

ma, depois d'essa tentativa malograda! E a policia, tão avida em esquadrinhar de que mansarda robespierriana teria sahido o revolver carregado, a policia depois de o onvir, manda-o em paz, exactamente como faria a um alguazil seu, ensaiado a capricho, n'este papel de tyranno d'entremez. (*k*)



[*k*] «... Aquella bala, disparada muito naturalmente depois da partida do sr. D. Pedro II, muito naturalmente disparada para o ar, serviu entretanto para eixo de toda a actual comedia. Ella serviu para demonstrar o valor d'essas declarações de gente que se offerece em holocausto á liberdade, e reclama o primeiro logar sómente quando se trata de fugir a uma phantasmagoria d'attaque, ou a um mandado de prisão. Ella serviu tambem para que todos os candidatos a baronias ou commendas escovassem os seus zelos monarchicos e as suas dedicações ao imperador, e envergassem semelhantes vestuarios

Todos conhecem a situação moral e politica do Brazil contemporaneo. E' a d'um povo joven, debatendo-se como um passaro, na estreita gaiola d'um regimen caduco. Os ultimos trinta annos transformaram-no. As viagens abri-ram aos homens de todas as cathogorias, hori-sontes interminos e profundos.

A mocidade veio ás escolas da Europa cor-ri- gir os vicios da raça amollecida pelos ener- vamentos do clima, e pela subserviencia an- cestral, herdada em habitos timidos e humil- des, d'esses primeiros colonos grosseiros e plebens que nós lá pozemos.

De todos os ramos d'actividade physica e

para a provisão de felicitações com que actualmen- te andam a cumprimentar o sur. D. Pedro II.

Boa comedia! Boa e proveitosa para lições!... que perdure toda essa comedia phantastica *de regí- cidio inspirado em reuniões secretas* OU INVENTADO PELA POLICIA, conforme o explicar a vontade de cada um. Não ha porém razão para fazer uma vi- ctima, para servir á curiosidade publica o especta- culo compungente d'uma creança debatendo-se em plena desgraça, e para maior gaudio de terceiros...»

(PARDAL MALLETT — *Gazeta de Noticias*, 20 de ju- lho.)

especulativa — do commercio, da sciencia, do jornalismo, da politica e da arte — tirou o Brazil delegados seus, que envia quotidianamente aos certamens de civilisação do velho e novo mundo: e esses homens trazem ás missões ardores insaciados, talentos calidos, curiosidades vividas e tenazes: e ao voltar ao paiz, encontrando a rotina em cada braço da especialidade professada, motejam-na, investem com ella, e por ultimo esmagam-na. Hoje, essa vasta nação destinada a ser talvez para o mundo, no seculo XX, o desdobramento d'aquillo que foi Portugal no seculo XVI, posto não seja ainda um composito uniforme d'ele-

«... Se ao facto em questão applicassemos este criterio e a hermeneutica juridico-penal, seriamos levados a suppor que o resumido attentado foi obra de encomenda para reavivar a sympathia publica pela causa monarchica e tornar odioso o partido republicano.

Esse expediente, notorio de uma raça sentimentalista como a nossa, no seio de um povo generoso e de indole pacifica e branda como o povo brasileiro, não deixaria de produzir effeito...»

(QUINTINO BOCAIUVA — *O Paiz*, artigo «Os dois factos».)

mentos progressivos, marcha todavia a passos de gigante para uma renascença de caracter formidavel, que ha-de completar-se a breve trecho, mercè dos nucleos de civilisação quotidianamente fundados no percurso do imperio, por esses innovadores que da Europa lhe chegam, devorados de todas as sedes de reforma.

A sua sciencia repete as experiencias e confirma as leis dos grandes laboratorios da França e d'Allemanha. A agricultura restaura-se, amplia-se o commercio ; o capital abre fontes de credito, inexauriveis, em todos os mananciaes sterlinos da Europa e da America do Norte, d'onde jorram as grandes emprezas d'industria, viação e alta finança. Nascem as artes : a litteratura balbucia e tenta adaptar-se ás formulas scientificas em voga, tendo na frente uma poesia, que aparte a ingleza, é a mais vehemente e a mais lyrica do mundo.

Porta-trombeta d'esta era nova que se respira já por grande numero de cidades brazeleiras, o jornalismo transmuta-se, revestindo a feição d'um grande campo de torneios, onde os campeões vem luminosamente justar pelos ideaes de liberdade, de patria e de justiça. E sempre que algum patriota, o imperador in-

cluido, circumvaga os olhos á procura d'um canto de terra, cuja felicidade aspirar para o Brazil, esse canto evocado por cada brazileiro, em horas d'extasi, esse paiz modelo é sempre o mesmo, os Estados-Unidos, com a mesma forma de governo, o mesmo systema rapido e efficaz de colonisação, e o mesmo aspecto de força robusta e de consciencia inexpugnavel. A' hora presente, quasi se pôde dizer que ha no Brazil, entre os homens d'acção, um unico monarchico, o imperador, e esse por deveres de profissão, jamais por fé. No dia da sua morte, a realeza, cuja actual manutención é no Brazil simplesmente o acto de deferencia d'um povo meigo ás caturrices d'um velho philosopho bondoso, a realeza liquidará em S. Christovam (1), vindo o d'Orleans agio-

(1) «... A situação presente e a impopularidade do príncipe consorte, fazem-nos presentir que a terceira monarchia brasileira não tardará a vêr reproduzido em si o drama terrivel de que foi theatro a França, durante e depois do reinado de Luiz XVI. Que Deus inspire o imperador e sua santa esposa, fazendo-lhes entrevêr todas as tristezas, todas as amarguras e todas as afflicções que parecem ameaçal-os n'uma epocha proxima!... Que os homens

tar pr'a junto do seu primo o conde de Paris, o que talvez o faça mais sympathico á clientella.

A abolição total da escravatura, com que a regente cuidava de sustar por longo tempo ainda, a invasão da ideia democratica; a abolição não fez senão subir o nivel revolucionario, porque á uma não recrutou complacencias no partido republicano, e á outra desviou da corôa os fazendeiros, classe poderosa, privada por aquelle decreto dos serviços gratuitos de oitocentos mil trabalhadores, e não indemnizada ao depois, como pretendia, dos capitães fabulosos que o mesmo decreto lhe arrancou.

Enquanto Pedro II andava por fóra do im-

políticos resgatem os seus erros, e que o seu amor ao poder desapareça perante a paixão do interesse nacional, e o devotamento á grandeza da patria...

(Gazeta da Tarde, do Rio).

«A Republica Federativa Brasileira será porque deve ser. Toda a solução do problema se acha circumscripta pela vida do soberano actual. Se D. Pedro II entrevê os acontecimentos humanos pelo prisma da intuição philosophica que lhe atribuem, elle será o primeiro, como filho da patria, a applau-

perio, os republicanos do Brazil, cuidando que elle só voltasse á patria, embalsamado, precipitaram por tal forma o movimento insurrecto, que se chegou a temer pela segurança do Estado. Uma campanha intelligentemente conduzida, por homens que desmentindo a indolencia lendaria da terra, entrecruzavam por todos os fôcos da vida civica e rural, a sua rede tenaz de propaganda, fazendo apostolagens nos clubs e nas praças, nas fazendas e nas escolas, alizera o espirito ardente da joven nacionalidade a dizer alto as suas angustias e os seus sonhos, sem receio ás revindictas dynasticas, impotentes de resto a amordaçá-la.

A ponto foi que os adeptos do turbilhão

dir do fundo da sua consciencia, este despertar viril do povo generoso e grande que o protegeu quando elle era orphão, e que no decorrer da sua longa vida, soube sempre testemunhar-lhe affeição e respeito, apesar dos erros da sua politica, e dos maus resultados da instituição fatal que elle representa.»

(Q. BOCAIUVA — *Ao partido republicano brasileiro*, manifesto que se bem nos recorda, termina convocando para 30 d'agosto um grande congresso federal republicano, na provincia de Minas Geraes).

revolucionario, centuplicaram de numero e d'exaspero, graças á eloquencia fogosa, barbara, e um pouco emphatica, de cabecilhas como Silva Jardim, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão, José do Patrocínio, etc.

A propaganda foi tam rapida, energica e fulgurante, que a breve trecho nucleos de subversão romperam a harmonia facticia do imperio, quer pelos campos, quer pelas cidades intellectuaes e commerciantes, fecundados pelos apostolos videntes que dissemos; sendo necessario que as auctoridades viessem reprimir a effervescencia dos animos, prohibindo comícios, mettendo em processo jornaes e jornalistas, e até valendo-se da força armada muitas vezes.



Desde que a realza é pois no Brazil uma agonia, o papel dos seus medicos sem esperanza, e dos seus lacaios sem esteio moral, consistirá simplesmente em transigir com o partido forte, revestindo a covardia do acto

em europeus de ceremonial dynastico, que já nem sequer darão ao Estado um exterior da antiga gallardia.

O partido republicano escrevera no seu programma a abolição total da escravatura: veio a princeza e enfeitou com ella a sua regencia! A restauração agricola era egualmente um dos grandes problemas que a democracia se propunha resolver: e o gabinete Affonso Celso corre a empolgal-o!

Para inutilisar os galgões da onda revolucionaria, o governo imperial que não póde impôr-lhe diques d'ideias, manda ao seu encontro os esquadrões—e vem os conflictos de Bagé, de Jundiáhy, d'Itabapoana, de S. Paulo e de Minas Geraes—encarrega a calunnia de morder no calcanhar dos vencedores: e vem a comedia do regicidio, à sahida do theatro de Sant'Anna.

Por mais que tenha feito a critica do Rio, para varrer da hombridade do actual ministerio a suspeita d'esta farçada regicida, sempre a opinião converge teimosamente a ella, por encontrar porto bloqueado a qualquer outra hypothese plausivel. Jámais alguém pensou no Brazil em attribuir o tiro d'Adriano do Valle a

suggestões republicanas. A democracia brasileira bate de frente, sem recorrer como a nossa, a chicanas, nem como a hespanhola, a handitismos. (m)

Ninguém pensa tão pouco em explicar o tiro pela impulsão d'um degenerado e d'um maniaco. Ninguém o explica por determinação espontanea d'um arrebatado, filha d'um exaspero d'ideias de natureza politica ou philosophica. E aquelle desconhecido que dá cognac antes de suggerir a tentativa de morte ao rapazola... aquelle conde d'Eu que faz postar denunciantes no caminho dos Bernardinos e dos Lyrios... a teimosia da policia em tornar o assassinio cumplice d'uma conspiração republicana... todos estes episodios conver-

(m) «... Seja qual fôr a intensidade e a marcha accelerada da propaganda republicana, essa propaganda visa um ideal politico e não se apoia senão em principios.

Na presumpção de interpretar os sentimentos do partido politico que tenho a honra de representar, e fallando com a auctoridade que decorre do mandato de que me acho investido, posso assegurar que na propaganda do partido republicano não entra como elemento, nem isto seria tolerado, o desi-

gem diabolicamente a creditar a existencia d'uma pantomima ministro-policial, mal construida em verdade, e ainda peormente executada.

Logo em seguida ao attentado, o imperador foi alvo d'ovações que se repetiram, no dia seguinte e nos mais, por banda de todas as colonias e collectividades particulares e publicas do imperio. Pedro II correspondia aos testemunhos d'apreço com a sua habitual simplicidade de grande velho conhecedor da giria dos homens, contrafeita no intimo por servir de joguete a estes passes *forains* do seu governo. A frieza que elle apparentou desde a primeira hora do crime, significa não tanto o desprezo da vida, como o das illusorias festanças com

gnio de qualquer injuria ou offensa, moral ou material, quer ao chefe do estado, quer ás pessoas da sua familia.

N'esta lucta incessante da politica, forte pelo seu direito e pelas nobres qualidades que o impulsionam, o partido republicano pôde, como tantos outros partidos em tantos diversos paizes, chegar até ao extremo da revolução; mas não chegará nunca até manchar-se com a ignominia, nem a deshonnar-se pelo designio de um crime.

que os ministros publicamente lhe detraem a magestade luminosissima dos trabalhos e dos annos.

Teve, como monarcha, uma palavra que rescende ligeiramente aos deveres scenographicos da sua profissão, e que alvitiriamos lhe houvesse sido aconselhada, se não fôra sabida a sua austeridade. Foi quando, chegado a palacio, depois da scena do tiro, rende graças por ter sido um estrangeiro, que não um filho do Brazil, o auctor do attentado.

Esta phrase, repetida pelo commissario de policia, n'um officio ao paiz, e pelo presidente do conselho depois, ao plenipotenciario argentino, lembra um *mot-d'ordre* de despeito ou

A violencia nunca fundon nada que fosse perduravel. O crime nunca serviu, nem servirá de base para sobre elle assentarem-se as fundações de nenhuma obra solida e correcta.

Victimar um homem não importa suffocar uma idéa ou destruir uma instituição.

Só as causas vencidas e os partidos desalentados podem recorrer, na cegueira do desespero, a taes expedientes condemnaveis...»

(Q. BOCAIYVA, artigo *Dous Factos*, no *Paiz*).

revindicta, injustamente vibrado á mais activa, á mais intelligente e á mais prestante sociedade colonisadora do Brazil, a portugueza. (n) Resabe vagamente á assafoetida d'uma injuria, que enausca, mesmo quando á face da critica, nem sequer represente a digestão d'um dispauterio. As grandes virtudes que exalçam o caracter d'um homem, podem muitas vezes ser o reflexo das qualidades d'um povo; mas

(n) «... Primeiro que tudo, esse rapaz não é propriamente estrangeiro, no sentido em que essa qualidade podia servir de argumento para tirar valor á tentativa. Veiu para o Brazil com 8 annos e hoje tem 20; aqui se formou o seu espirito, e o que sabe aqui o aprendeu; se alguma politica pode influir sobre o seu espirito—e todos os que o conhecem dizem que elle nunca cogitou d'isso—é a politica d'esta terra, a unica que elle talvez conheça; e que a conhece pouco, prova-o o facto de pensar que pôde ser applaudido por alguem sendo grosseiro com o Imperador, ou que podia ser agradavel a algum partido, deitando uma larga nodoa de sangue em uma propaganda que tem sido sempre feita no terreno pacifico das idéas...»

(Gazeta de Noticias, do Rio).

raro é que os malandros isolados refranjam outra coisa que não seja a maldade, fermentada pelo meio moral em que elles vivem, ou a loucura, que nem sequer ás vezes tem familia, quanto mais ter casta ou nacionalidade!

O conde de Mathosinhos, partido da sua aldeia com um sacco de roupa e um chapéu braguez, chegando á riqueza pela perseverança do seu esforço heroico e immaculado, e constituindo-se — especie de rei pastor d'uma grande tribu d'obreiros incansaveis — em procurador de todos os desvalidos, sem discrepancia de ser ou de nação; Ramalho Ortigão e Eduardo Lemos, vindo pela Europa, até á Russia, abrir mercados para os productos agricolas do imperio, e installando n'um palacio magnifico o *Gabinete Portuguez de Leitura*, a maior bibliotheca actual do Rio de Janeiro; o barão do Alto Mearim, Martins do Pinho, fundando e subsidiando o *Liceu Litterario Portuguez*, onde se faculta a instrucção a todos os individuos que a reclamem; Antonio de Mello, o erudito e fino melancholico, entretendo com Camillo polemicas litterarias do mais puro lavor; e como estes, duzentos mil portuguezes, do seu character ou do seu quilate, collabo-

rando infatigavelmente, com a honra mais alta, em prol da civilização norte-americana — eis quem pôde dar ao Brazil a imagem da alma portugueza, de que a brazileira hoje exhala, orgulho nosso, o mais divino quilhão da sua essencia! Quanto a Adriano do Valle, não significa nem dá coisa nenhuma, alem do exemplo triste do que pôde uma cabeça fraca ao serviço d'uma politica dissoluta.

N'uma coisa sómente os ensaiadores da comedia foram habéis: a escolha do tyranno! Esse paiz que tem no *capoeira* o assassino ideal, scientifico, inverosimil, que abre ventres a um tanto, sem perguntar o nome sequer de quem lhe pága, mais uma vez repulson a industria nacional, n'este ramo perfeita, a beneficio d'um litere de fóra, assegurando assim que a scena tragica não passaria d'uma bufona imitação. Resta saber se na guerra que as auctoridades flumineuses movem contra Adriano, não irá mais do que o luxo emphatico d'uma *pavorosa* politica que já rendeu promoções e veneras, sobre distanciar o d'Orleans cada vez mais, do solio imperial. É natural que os *capoeiras* despeitados da preferencia dada a um estrangeiro, em materia de *serviço*

official, busquem aziumar contra elle a obsessão dos magistrados, desferrando no inerte a desconsideração vibrada à classe d'aquelles aliaz inimitaveis extirpadores.

Esta tragedia brazilica me pôe de queixos. meu senhor e rei de Portugal, a cogitar na forma porque V. M. tem comprehendido até hoje o pesado encargo de reinar. Até ao dia 15 de julho ainda havia no mundo dois monarchas immunes para as tentativas d'assassinato — V. M. e seu tio Pedro. Para qualquer dos dois, a situação era deprimente, um pouquinho. Reis que não gramam chumbadas do povo são como as cigarreiras que não apanham cascudos dos amantes, umas lesmas a cuja existencia se perdeu o interesse. Entretanto a desdita de VV. MM. lá ia tendo conforto no proprio seio familiar — V. M. consolando-se de lhe não furarem as costellas, na immuniidade de seu tio o imperador ; este, illudindo as suas bazofias de grande rei, com a integridade das

costellas de V. M. Uma tal miragem acaba porem, senhor, d'evaporar-se. D. Pedro II já lá tem a sua ameixa para a Historia: por signal que o caroço nunca apparece! E ali está V. M. agora sosinho a carregar com a ignominia de nunca haver despertado odio a ninguem. Desde Alexandre da Russia até Kalakana de Sandwich, todos os monarchas contemporaneos hão hemerecido do povo, inequivocos testemunhos de respeito e d'affecto, sob a forma de minas de dynamite e de balazios — só M. V., moita! É indecente.

Perspicaz como é, e delirando talvez por cair em graça aos vindouros, mediante uma facanha diversa da dom-juansextite chronica da sua familia, V. M. haverá predito a urgencia d'apropinquar á sua real pessoa uma tentativa-sinha de regicidio, já não digo das grandes, mas attinente entim ás suas posses. Porque ás transformações d'este tempo, nem escapam reis nem patriarchas; e se é certo que uns e outros estejam dispensados de fazer as grandes guerras e de prégar as grandes cruzadas, não pelo duvidoso tenho a instancia de cada qual aproveitar a occasião de se fazer temido, e sobrelevar ao vulgacho, por uma altiva bra-

vira ante os perigos — inda que sejam apocriphos, como os do tio de V. M.

Pintar o gosto que todos teriamos, vendo V. M. emparecitar na escala do martyrio, com outros seus collegas, grous coroados, graças á ferocidade d'um sicario, é coisa que não pôde o colorido exangue d'esta pena, afeita a chronicar discursos arroyanos, e a abrir epitaphio ás artes fuschinizadas por esses saguões — jardins-publicos e paços conselhos. Mas calcularia V. mercê o arco de tal jubilo, meu senhor, abiscoitando uma ovação-sinha galopinada cá pelo rapaz, e então medindo a toda a grandeza historica, a vergonha de que libertava a monarchia, caso uma inoffensiva bomba de dynamite viesse a rebentar aos pés mais que tudo Raphaelis — Gabrielis — d'Assis — Gonzagas, etc., de V. M.!



Sobrevenho portanto, meu rei e padre, com patrioticas instancias, a que V. M. se deixe chumbar seja por que buraco fôr. Ah, senhor meu, que rica coisa é um monarcha que procura dar lustre ao seu reinado, vindo à estacada caçar laureis e palmas, sem outra defeza contra as jugatas da turba, além d'uma inoffensiva camisola de flanela! No tocante a armamentos, é singular que enquanto as machinas de guerra vão complicando a ferocidade das nações, e enfreado a sciencia ao serviço da hecatombe, esteja a armadura dos guerreiros reduzida ás formas simples da camisa Jagger, dos suspensorios Pivet, e das meias de borracha contra as varises das pernas. Denuncia isto que a coragem do homem tem crescido, pois que elle dispensa o aço de lhe proteger o cavername, e que V. M. evitando dar motivo de zanga aos seus vassallos, pelo receio pessoal d'uma aggressão, baixa por este facto escandalosamente do nivel epico aonde os reis devem mostrar-se, como em obeliscos de gloria, para as ovações triumphaes da posteridade. E isto me peza, senhor, que possuindo V. mercê todos os attributos d'um grande e illustre rei, só de bravura esteja mal

servido, a ponto de sujar as ceroulas mal lhe dizem que foi um camarada seu espingardeado. (o) Está pois V. M. um monarcha accado! Póde limpar as ceroulas á parede!

Veja o imperador D. Pedro, seu tio, que o *Dia* pintou tomando d'assalto a fortaleza d'Uruguayana, de chapéu desabado, e cuja fria coragem o mesmo jornal assignala, contando que ao cair ao mar, perto do caes, a primeira coisa que fez foi descalçar as botas — que homem! — e a segunda recusar o capilé morno que lhe offereciam, á guiza de calmante. Taes rasgos habilitariam por si sós, epicamente, o tio Pedro a um bronze heroico na Tijuca, quanto mais o saber-se com que temeridade carlovingia elle levou a cabo o seu papel de naufrago, afastando o escaldão de pés prescripto pelos medicos, e apparecendo em pingas á córte, que ao som do côro d'aventureiros do *Guarany*, se propunha vasar-lhe copinhos de cognac.

O monarcha brasileiro lhe vem delineando

jo! Marquez d'Alvito: EL-BEI D. LUIZ NA INTIMIDADE, pag. 14.

pois, meu senhor e rei, o curso de heroe que V. M. terá de frequentar antes de constituir a sua preciosa pelle em alvo á pontaria dos algozes. É abrir matricula nas aulas de martyrio ! Imitar o outro. Ir por exemplo de corôa desabada conquistar o forte de Caxias, façanha commoda, alli tão perto do paço, e com *char-à-bancs* tres vezes ao dia. Cahir ao mar, como o senhor D. Pedro, inda que tirando as babuchas, o povo lhe lobrigue por baixo, pingas de cautchouc. Oh meu senhor ! Fosse eu rei, e diabos me levem se não tinha já nomeado regicida da minha real camara (sem perda de direitos para o dr. May Figueira) o faccinora mais catita da Penitenciaria. A realeza carece de sagrar-se no espirito da turba, pela especie d'aureola que põe n'um homem a realisacão d'um acto extraordinario. Por consequencia faça V. M. com que o escadeirem. Não abrenuncie, por Deus, esta proposta, gritando que se rente para os fideputas que lh'a alvitram. A Razão d'Estado antes de tudo. É o barbadão de Veiros que lhe acena. D. João VI que do tumulo lhe diz : deixa-te chumbar, Lulúsiinho.

Porque emfim V. M. não tem agora tão

grandes coisas no seu reinado que possa prescindir assim d'um regicídio. A nota do odio é tão necessaria ao prestigio da sua corôa, como a nota de vinte mil reis. Mesmo, n'essa dynastia de frustes que vae de D. João IV a D. João VI, não apparece um unico rei com a bonhomia parrana de V. M. — D. João IV era um poltrão, mas enfim lá tinha a mulher. D. João V, um feueceiro, mas propulsou as artes do luxo a um esplendor requintado e extraordinario. A Affonso VI faltava aquillo que Brown-Secquard anda a restaurar nas regiões infra-umbilicaes dos homens velhos; entanto elle conseguiu gastar a enclausura de Cintra, primeiro que a prisão o gastasse a elle.

E convenho mesmo que D. José fosse um maricas, que andava sempre a tasquinhar barrigas de freira: mas, meu senhor, lá o temos em bronze no Terreiro do Paço, porque teve a habilidade de arranjar um terramoto authentico, um ministro energico, e uma tentativa de regicídio menos mal engerocada.

N'este carnaval de Braganças, é pois V. M. o unico que intenta penetrar os humbraes da Historia, sem bagagem — apenas com a sua tra-

ducãozinha do *Hamlet*, a greve dos chapelheiros, e o sr. José Luciano preso por uma corrente ao realejo constitucional onde ha vinte e seis annos V. M. móe a sua propria marcha funebre. Ah, que pobreza de feitos historicos ! que suppressão de vícios e manias ! que ausencia de vultos glorificadores da sua governação !... V. M. não tem a seu lado Luizas de Gusmão; o luxo da sua cõrte infere-se pelas equipagens do sr. ex-conde de Mesquitella e pelas *toilettes* do sr. Teixeira Lacrau; V. M. está como D. Affonso vi, e ainda não delin que eu saiba, prisão nenhuma; e tendo por barrigas de freira a glotoneria de D. José, não teve ainda, como elle, as compensações do terramoto, do ministro, ou da tentativa de regicidio. Como ha-de o reinado de V. M. fazer fumo, se ninguem contra elle inda fez fogo? —E a decadencia !... antigamente só emigravam do paiz caixeiros de tenda, cavadores do campo, e uma ou outra actrizita da Trindade. Agora, até os regicidas... uns desgraçados que a casa real deixa inactivos (pouca vergonha!) e que pr'a ganharem a vida, tem d'ir trabalhar para o Brazil.

Recapitulo: V. M. tem tudo a ganhar em

ser assassinado. Mecha os pausinhos p'ra isso, despache-se ! Digne-se verter o seu sangue, antes que a Historia, julgando-o, sollicite a posteridade a verter agnas.



Convenhamos porem, que apesar do meu dito, eu não fujo a reconhecer em V. M. algumas preciosissimas qualidades de reinante. E comigo o povo, real senhor. Lá quanto a isso, em verdade, muito obrigados lh'estamos. Por bem da patria, já V. M. traduziu tão mal Shakespeare, que esfriou em nós o fetichismo pelas obras primas estrangeiras — subtil maneira esta de V. M. reconduzir o gosto á exclusiva adoração das nacionaes ! — e este bello exemplo, se não vale o das piugas de seu tio Pedro, reveste pelo menos uma flamancia d'amor patrio, digna d'intervir nos desdens anti-

lusitanos do vencido da vida Ramalho Ortigão. Mas meu senhor, se o cultivo infeliz das bellas-lettras inhabilitasse os monarchas para as ameixas dos sicarios, estaria o imperador do Brazil mais que nenhum outro livre e isempto de taes fructos, em razão das esquirolas poeticas que intermitentemente exgrega pr'as gazetas: e viu V. M. como Adriano lhe afinou com um, sem grandemente acatar a sonetaria imperial!

Se Quincey rimou as excellencias do assassinato como obra d'arte, V. M., assiduo interprete da poesia tragica d'Alem-Mancha, podia bem trazer a vernaculo este poema, preambulando-o d'uma falla em que enaltecesse o regicidio como obra de politica. Era trabalho onde o meu rei despejaria a contento geral as asneiras que lhe tivessem sobrado dos seus outros trabalhos litterarios, e que podia suggerir talvez ao sr. Gualdino Gomes, por via do rancor plumitivo, o tirasio que V. M. já-mais pechinchará do sr. Consiglieri Pedroso, mercè do jacobino.

Oh meu senhor, habilite-se! Uma reles bomba que seja. Para o effeito moral até um buscapès seria bastante. Não faça caso das

precauções da medicina, venha á cidade repontar e' o zé povinho, chamar-nos typos, dar cancelões nas nossas mulheres — fazer enfim pelo tirsio enquanto é tempo. N'estas coisas de martyrio, só a primeira abordagem custa um pouco. Que transtorno faria a V. M. um balasio, sabendo a ovação que abichava depois de morto?

Ah; que vida monotonica tem sido a de V. M. . . . jantarinhos de canja magra no quarto, violoncello quando vão artistas de S. Carlos, e como *hors-d'œuvre*, a pouca vergonhasinha extra-matrimonial ás quintas-feiras! . . . V. M. carece de sahir quanto antes d'essa apathia. Um brazileiro, senhor, não usufrue maior ripanso, do que o meu rei sentado n'esse throno, e com a marrafa a dividir-lhe o cranco em duas metades parallelamente encarquilhadas. E quando os republicanos cuspirem á face de V. M. os 360 contos da sua dotação, como ha-de V. M. justificar essa maquia auferida dos erarios, não tendo feito no decurso d'um anno, outra coisa que não seja abrir e fechar cõrtes, levar salvas a bordo, e tapar e destapar ladrões e tolos, consoante a matula dos gabinetes que governam?

Com o tirasio era outro aceio. Pela tentativa de regicidio, disse Guizot, a inoffensividade dos reis cola-se á veneração dos povos, como um rabolho de trampa á barriga d'um macaco: e os povos tanto esgatauham n'essa veneração, que acabam por abrir-se o ventre, sem que a mistella de lá saia e deixe de feder.

Se por consequencia, V. M. está resolvido a acceptar o advitre da sua proxima eliminção, por via Lefancheux, e não achar sicario idoneo que lhe expeça um balasio aos quartos posteriores, d'aqui me offereço eu com toda a lealdade, certo de que V. M. não haverá que dizer do trabalhinho.

De mais, V. M. já me conhece. Ora se não!... Eu era um que estava de chapéu de côco, n'um dos bancos do Aterro, haverá seis annos, uma tarde que V. M. passou de lunetas fumadas. Por signal que até lhe mostrei o *Diario de Noticias*...

Tenho vinte e cinco annos d'idade, lindo talhe de lettra, e des'que me metteram o lèr e o escrever no corpo, ando mesmo hydrophobo por espatifar um desavergouhado. Contracte-me, senhor! Ha em mim um sicario á altura da importancia européa de V. M.— E garantias! fui

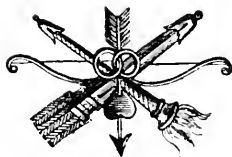
eu que atirei a bomba às janellas do rei do Porto, Correia de Barros, de combinação com elle mesmo. Sou portanto um regicida com pratica na provincia, um regicida em segunda mão, bem conservado, e podendo mostrar abonações como o primeiro. Juro que não farei questão de preço. Sómente, como apesar do meu odio, eu não quero que V. M. morra, porque enfim podia vir outro peor, combinaremos a conspirata por forma que ella revista todas as apparencias de seria, sem todavia deixar d'abexigar-se por dentro, com todas as inoffensividades de jocosa. Eu tenho lá em casa um revolver de nickel, muito lindo, e que é por signal de cantelane, onde, nos meus intervallos de faccinora, uso guardar picado de Kentucky. Se acordarmos em intrujar a Europa com a comediasinha d'onde V. M. ha-de sair ovante e heroicisado, pôde combinar-se a coisa para os começos do inverno, uma noite, ao acabar do theatro. . . Eu pouho um estalo d'entrudo no gatilho da arma; V. M. mette na bocca um zagalote; e quando, sob um jorro electrico, pozer o pé no estribo da carruagem, eu de meu lado — pif! paf! — e deito a fugir, enquanto V. M. cabe nos bra-

cos dos seus officiaes, não sem primeiro entornar sobre a camisa um frasquinho de tinta carmezí.

Atenta a còr da tinta, e o facto de V. M. cuspir a bala no deliquio, os medicos não se recusarão, creio eu, a jurar sobre os Evangelhos, que V. M. foi ferido. . . . Entretanto, n'este tão facil plano, só um tenor me alanceia :

— Com a bravura que todos lhe conhecem, V. M. é capaz de morrer de susto, mesmo tendo a certeza de não ter morrido — do tiro.

31 d'agosto de 1889.



OS GATOS



FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO MENSAL,
D'INQUERITO À VIDA PORTUGUEZA

N.º 2—SETEMBRO E OUTUBRO DE 1889



PORTO

CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.ª

Rua do Bomjardim, 95

FILIAL EM LISBOA

75, Rua dos Retrozeiros, 75

PORTO

Typ. da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184

SUMMARIO

O VIOLINISTA SERGIO N'UM CAFFÉ DA MOURARIA — O SEU TYPO, O SEU JOGO E O SEU HUMOR — ASPECTO DO BOTEQUIM — MUSICA AUDITIVA E MUSICA «VISUAL»: A SYMPHONIA HEROICA, A DAMNAÇÃO DO FAUSTO, E O QUINTETO DE MENDELSSOHN — A RECEPTIVIDADE PARA A MUSICA É UM CASO DE MOMENTO — A HORA DE GLUECK, A HORA DE WAGNER, A HORA DE BEETHOVEN, E A HORA D'OFFEMBACH — O ARCEBISPO DE PERGA RESTABELECE MIRACULOSAMENTE A TIRAGEM INTESTINAL DO GENERAL VALLADAS, GRAÇAS AO USO DE SEMI-CUPIOS MUSICAES — EVORA JUBILOSA POR ESTE PRODIGIO DO PRINCIPE DA IGREJA, NUNES — MUSICAS INCOMPREHENDIDAS — A ARIA DAS JOIAS, A SUA INTENÇÃO, A SUA ALMA, E OS CAMBIANTES DA SUA INTERPRETAÇÃO NO THEATRO — POR CAUSA DA MUSICA VISIONANTE DESCOBRE-SE A POUCA VERGONHA D'UM CARREJÃO — PARA QUE SERVE

A SERENATA DO FAUSTO, NOS CAFFÉS DE FADISTAS — IDYLLIO RUSTICO — SERGIO, MEPHISTOPHELES — NA RUA: QUEM ME DÁ UMA TERCEIRA VISTA, OU OS OCULOS VERDES DE BOCCACIO? — INTERVEM O DIABO QUANDO ELLES SE RESOLVEM A PROCREAR — APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DAS NADEGAS DO REI NOVO — O «REPORTER», LOJA DE FRESSURA — AS MULHERES DEVEM FUMAR? — MORTE DE S. M. O REI LUIZ — MYSTERIOS QUANTO Á DIVULGAÇÃO DA DOENÇA — ULTIMOS DIAS NO PAÇO DE CASCAES — AS LAGRIMAS D'OFFICIO SÃO CUSPO MAL POSTO — SYNTHETISA-SE O REINADO TRANSACTO — O REI GUARDA-MARINHA E O REI ESTUDIOSO: O SEU SYSTEMA DE CORRUPÇÃO E A SUA SUPERIORIDADE MORAL SOBRE OS DEMAIS — OS CÃES DO BOM JESUS DE BRAGA E O SR. MINISTRO DA FAZENDA — O REI FAZ-SE PODER OCCULTO DE TODAS AS SITUAÇÕES — O ESTADO FOI ELLE — REI PODER MODERADOR, REI ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, E REI EXPOSIÇÃO DE SAPATOS D'OURELLO NA AVENIDA — O DITO DO VELHO SAMPAIO — O QUE É O

PARLAMENTARISMO NOS PAIZES CREADOS
A CACETE — CONTRADIÇÃO ENTRE OS
NOSSOS DISCURSOS E OS NOSSOS ACTOS
— MISERIA E CRAPULA DO PAIZ — AS ES-
COLAS SUPERIORES TRANSFORMAM-SE
EM OFFICINAS D'ENGENHEIROS E BACHA-
REIS NEGOCIÁVEIS — O «AGIOTA», O «FAL-
LADOR» E O «ARTIGOLEIRO», CONSIDERA-
DOS OS TRES RATAS DA SITUAÇÃO POLI-
TICA ACTUAL — CULMINANCIA SOCIAL DO
AGIOTA: QUEM NÃO É DO BURNAY, É
DO FÓZ; QUEM NÃO É DO HERSENT, É DO
BARTISSOL — AS GORGETAS POUR LA
REUSSITE DE L'AFFAIRE — DELIQUES-
CENCIA DA VIDA PORTUGUEZA, NOS SEUS
DUPLOS ASPECTOS DA CONSCIENCIA E DA
MORAL — DESPREZO PUBLICO POR TODOS
OS COMMENSAES DA ORGIA POLITICA —
OS QUE SE DESPEDEM, COMO VICENTE
MONTEIRO E CONSIGLIERI, SÃO APUPADOS
— PAPEL POLITICO DO REI: A SUA INTEL-
LIGENCIA, A SUA ESPERTEZA, A SUA MA-
NEIRA DE CAPTAR — PERFIL DA RAINHA
PIA, E SUA MARAVILHOSA INTUIÇÃO DA
MAGESTADE MODERNA — EM 19 DE MAIO
— MARIA PIA E FONTES FORAM OS UNI-

VIII

COS MESTRES E AMIGOS DO REI — PORTUGAL GOVERNADO PELAS ESPOSAS E FILHAS DOS MINISTROS — UM CONSELHO D'ESTADO MEMORAVEL — AFINAL D. LUIZ FOI BOM OU MAU? — APOLOGO DA CAIXA DE MUSICA NA CAIXA DE CHARUTOS — O QUE FICA D'ESSES 28 ANNOS DE REINADO — O REI NOVO — O PRESTITO FUNEBRE NA ESTRADA DE CASCAES A LISBOA, SOB A NOITE — A CHEGADA AOS JERONYMOS: ASPECTO DO TEMPLO — O TRUC DA CAUDA — CONCLUSÃO.





Sergio, primeiro violoncello de S. Carlos, vae dar concertos todas as noites a um café de fadistas da rua Fernandes da Fonseca, antiga Carreirinha do Soccorro, mesmo defronte da caixa do Principe Real.

É d'estes já raros artistas, irregulares por heranca morbida, que passam a vida a cortar as amarras que prendel-os possam a todas e quaesquer conveniencias da vida social, e cuja acuidade esthetica se afusa na proporção da ausencia do senso moral, que dir-se-hia contrariar-lhes as *rêveries* do seu mundo interior. Typo de povo, alto, secco, avermelhado d'alcool, e com uma pequena cabeça de sargento velho d'opera comica, Sergio é o typo d'esses decilitreiros que monologam de noite pelas

ruas, ás esquinas ladeirentas, ás portas das escadas, diante dos monumentos e dos cartazes, pondo uma *silhouette* hoffmanica na banalidade do fóra de horas de Lisboa.

Jámais, na sua vida de violoncellista raro, ora sollicitada pelas deferencias dos convictos admiradores da sua arcada, ora pela blandicia d'esses *parvenus* que só querem tirar da convivencia com musicos e pintores, meros partidos scenicos de dandysmo. . . jámais elle conseguiu moedar-se ás formulas artificiaes da correccão, sem a qual o mais bello espirito se arrisca a passar nos salões por um creado, entre os desdens das mulheres, as jugatas dos sportmen, e a fria insolencia dos velhos pilotos do *cotillon*.

Assim como Heine, que só admittia uma classificacão de plantas — as que se comem e as que se não comem — Sergio só conhece dos homens duas cathgorias: com gravata, e sem gravata.

No primeiro grupo põe elle os seres inferiores, os pedantes, os marotos, os intrujões, os idiotas e os vadios; sendo no segundo onde, esquadrihando bem, ainda se pôde encontrar gente capaz.

Das suas relações com os gravatas, o artista não tem tirado senão desaíres, massadas e sem-saborias, e por principio aborrece-os, muito embora não recuse a mão a varios que lhe estendem as d'elles,—do que vae logo desinfectal-a com abluções de canna branca, ao posto alcoolico mais a geito.



É seguindo esta lei zoologica das especies pensantes discriminadas segundo o trapo que trazem ou não trazem lacado á volta do pescoco, que Sergio depois de ter bastos annos convivido com pessoas de sociedade, mercè do seu logar na orchestra de S. Carlos, prefero agora descer ás baixas espiraes de gente subalterna, onde os seus arrazoados impressionam, os seus ditos tem echo, e o seu divino instruo-

mento todas as noites o salva, pela virtuosidade magnifica do estro, do grotesco naufragio de uma canoeca apanhada com grogs offerecidos — como remember de preto — pelos admiradores em mangas de camisa e tamancos, que para ouvil-o tocar vem ao café todas as noites.

Às oito horas, no corredor estreito e comprido que é a sala do botequim de fadistas que lhes disse, todo occupado com duas filas de mezas onde os freguezes abancam, sentados em mochos de pau, para saborear a pequenos goles, uma cerveja que parece feita d'ourina albuminurica, ou qualquer chavena d'esse café negro e pegajoso que a Mouraria designa pelo pittoresco nome de *carbócha*; ás oito horas não ha no botequim um logar unico, devoluto. Por uma rotula de dois porticos, ao fundo, intercalada de prateleiras de garrafas, d'onde se franjam, por transparencia, fogos de rubis de creme rosa e d'aguardente de ginjas, esmeraldas de Kermann, grandes topasios de licor de canella e tangerina, pousa o busto do cafézeiro, em camisola, um gordanchudo, barbaceno e alvar, que trata a freguezia por *gajos*, e coça as piugas nos entreactos da confecção dos capilés. De roda, outros gallegos ajudam, indo

do fogão para o balde das lavagens, da gaveta das colheres para os *trés-fonds* da bainca, d'onde nos intervallos de silencio vem um guinchar d'enormes ratazanas. Nas paredes, quadriuhos de mulheres offerecendo os seios á succão de quem nas observa — bicos de gaz flambando sob tulipas de loiça pendentes do taboado; e por entre as filas de bancos onde mal cabe a perna do moço que faz o serviço, atravessa de quando em quando uma especie de *rodouse* da rua Suja, chuchada, vestida de branco, com tamancos nos pés e lesmas de cabello ruivo sobre a testa.

— Adeus ó avem!

— Tô, lambedor! retruca ella.

Enquanto a sala, subito hillariada por aquelle epitheto de vicio, rompe em dielotes e risos sobre o escadeirado cocheiro de noite que a mulher assim classificou, e que em desforço promette romper-lhe a peida com chulipa, em a apauhando á gaudaia, n'outro sitio.



Penetrando a garganta estreita do café, topa-se á esquerda, n'uma especie de pulpito de ripas, um piano alugado, com o seu indispensavel cornaca, o pianista, homem balofo e d'olucos, os queixos presos n'um açaimo de barba cõr de coiro, e em toda a figura a desillusão d'um professor primario demittido: e logo, entre os principaes do café, typos de cõco, a unha em lucto, o olho engenebrado, segue n'uma cadeira d'almofada, o violoncellista. Entre violoncellõ e piano, primeiro que o concerto parta, ha sempre altercações roufenhas sobre o bocado a tocar, e a pouca execução do troca-teclas encarregado de fazer de roda á melodia de Sergio, o acompanhamento.

— Homem, diz este, apenas o pianista zoa na sala os primeiros compassos: isso não é

musica, é um boi que saltou a trincheira do sol! Ora queira embolar-se, amigo Pratas, e fazer favor de seguir o que lá está.

Lá recommçam. O outro, triste, com um cachimbinho de raiz posto entre os dentes, bebe um trago de *pintada* lentamente, e vê-se-lhe no alto do cráneo a coroaesinha de calva branquejando, como cortada no polo d'uma melancolia sem chorume.

— Toquem o *Chegadinho faz, faz*, diz uma voz, quando o pianista, preocupado d'arte, faz correr no teclado a melodia do Fausto, na Kermesse. E a mão de Sergio, tremula de grogs, dando saltos macabros, com as pontas dos dedos choreicos, sobre as cordas, subito fixa-se, lança uma arcada profunda, decisiva, nitida e de mestre, uma d'estas arcadas *frissonantes*, onde vão quarenta annos de musica e d'ouvido, d'aspirações, de sonhos, de trabalhos, e que pela expressão pathetica deixaram de ser vibrações de cordas sobre cordas, se não vozes partidas do coração da angustia humana, Deus o sabe! para a nevoa dos problemas eternos e insondaveis.

É então um momento typico, na rustilhada de fumadores e hebedores que estão confusa-

mente, emborcados sobre as bancas da alfurja, bovinos, brancos, e trescalando o rapozinho dos seus corpos lisuados pela murrça do suor e das vestes de trabalho. O calor asphixia, um ralo passa nas respirações sustadas para ouvir: e cada vez mais a fumarada dos cachimbos vae relegando para planos distantes, os grupos de bebedores que estão ao fundo, a rotula onde o cafézeiro entrega as bandejas e dá trocos, e a encardida *silhouette* dos moços da cosinha, de quando em quando mordida pela chamma da fornalha, sobre que pulam, em caldeiras de cobre, cachões de beberagens. Se alguma voz então corta o silencio, logo as cabeças todas se levantam n'um shut! de colera egoista, que fecha a bocca dos mais audaciosos: e o violoncello cala-se ainda, á espera de que passe na sala o primeiro calafrio d'impaciencia, todo elle banhado n'essa onda de fluido emocional que rola d'alma a alma, engrossado pela nervosidade dos mais fracos, e revolutando d'entorno á indifferença dos rudes, té conquistal-a e fundil-a, como uma cera molle, sob a conturbadora volupia do seu spasmio.

Emfim lá cessa o piano os latidos do acompanhamento: a voz de Sergio regonga ainda

contra o pianista algum diçhote verberando a desfilada pastosa dos acordes, que elle compara a grasnidos de patos, n'uma poça — quando bruscamente, a melodia do violoncello esboça as primeiras volutas, pelo ar!



Já vocês repararam porque processo os grandes musicos conseguem fascinar um auditorio, seja d'artistas ou de carregadores, de cretinos d'asylo ou d'animaes de jaula, carniceiros? Coisa singular! não é tanto pelos ouvidos que essa musica dos grandes auditivos nos doma, é pelos olhos. Ha sons que ferindo o tympano, nos fazem gosar, sem duvida, mas só pela vibração rythmada que produzem, localmente. Uma tal musica, ao ir do ouvido ao cerebro, faz-se emoção por certo, mas

não tem poder para evocar dentro de nós estados plasticos, sob cuja martyrisante acuidade os outros sentidos visionem a porção de gozo que a alma assimilou. Copulado por ella, o espirito permanece infecundo, e a reminiscencia ao repassar-lhe os bocados transcendentis, não sente a necessidade de os repetir em certos e determinados logares, ou sob o dominio de certos e determinados estados psychologicos.

É esta a musica da cabeça, a musica escripta ou executada sem dôr, feita pelo maestro de côr, e interpretada pelo artista com sabedoria, mas sem alma. Sempre que releio Massenet, ou oïço tocar o Pablo Sarrasate, o interesse domina-me, mas sem nenhuma especie d'ideação embevecida. Aquillo será bem feito, ou sabio, correcto, inimitavel: emtanto eu não consigo, durante a audição, isolar-me de mim proprio, amordaçar as animalidades do meu ser: e aconteceu-me ter fome, ouvindo Sarrasate tocar pedaços de Beriot. . .

Oh! mas outra musica ha de que o ouvido é mero receptaculo instantaneo, transmissor mudo; outra musica que a imaginação visual plasticisa rapido, em imagens, quasi que ia

a dizer dotadas d'existencia, imagens que se vêem, se palpam, se enlaçam, soffrem e esmorecem, como essas aparições translucidas que os mediums theosophos desagregam de si, e deixam no ar, pairando, em linhas phosphorentes, feitas d'um fluido astral, e reproduzindo aos olhos d'um circulo de crentes, a physionomia ou a figura da creatura ausente ou morta, que evocámos.

Extraordinario phenomeno, não só da correspondencia, mas da substituição inconsciente, em dadas crises psychicas, d'um sentido por outro, sem ruptura do satuo physiologico!

Os contemporaneos, Tschaikowski e Gounod aparte, substituíram o calculo integral áquelle divino não sei que, que presta ás paginas de certos velhos symphonistas a melancholia theogonica de Jehovahs foragidos, que soluçam. A musica actual é cortez e fria, mesmo na violencia, e é necessario tornar á marcha funebre de Beethoven, na *Symphonia Heroica*, por exemplo, á walsa de Berlioz, na *Damnação do Fausto*, e áquella melodia rara de violino, que finda o primeiro tempo no quinteto celebre de Mendelssohn, pr'a sentir bater o coração em plena musica visual, plas-

ticisante — d'essa que tem a imagem como poder supremo d'expressão.

Quem alguma vez escutou a walsa dos sylphos, tocada em surdina, n'uma orchestra de mestres, não mais esquece a paisagem lunar que *via* desenrolar-se-lhe deante, á margem d'uma ribeira tragica e parada, onde os canaviaes se sublinham apenas na noite, em tons d'azul e phosphoro, muito vagos, e o diabo passa, de pescoço estendido, as azas lassas, de cocaras quasi, aos pulos sobre a roca, como um griffo caduco á procura d'almas que escorchar.

E sem rumor, d'entorno aos troncos, geleiras, penedias, começam a passar de vagar rondas de gnomos, leves como luzernas, embryões de seres inutilisados na officina de Deus, fugidos do barril dos restos da criação, correndo o mundo, incorporeos e maus, a impulsionar os crimes e as doenças... e a cadeia d'esses pequenos monstros espirala, n'uma dança infectante, ora quebrando a bicha das suas formas deliquescentes, desfazendo-se na *rêverie* da noite hyperborea, incognoscivel, onde as coisas tem formas de ballada — ora voltando com fermentações de larvas, n'uma

fúria de viver febricitante, e apenas rythmada pelo ting-ling das gottas calidas da folhagem.

Bem depressa, á medida que o *lento* se começa a caracterisar nos violinos, o nosso ouvido pára, toda a especie de som parece que morren, mas os sentidos fundem-se nos n'um unico, a visão, e eis-a seguindo no ar o turbição diaphano d'espectros, que ella invocou, por cambiantes, com uma sensação de relevo quasi physica, e uma magia d'assombro extraordinaria!



Mas assim como as evocações dos mediums querem penumbra e silencio pr'a travestirem materialisações involucraes, assim as imagens acordadas pelos musicos reclamam para se produzir, a ausencia de suggestões que desviam o espirito, a attenção, d'outras mate-

rias. Um salão de concerto, com a polychromia dos trajos, as distrações da belleza feminina, a affectação dos typos, e a chateza das opiniões pedantesamente alardeadas, raras vezes é amphitheatro affinente á transformação do phenomeno acustico em luminoso. Tem por demais motivos irritantes, vindos das luzes, das côres, da permutta das ideias e da intensidade rubra dos desejos, que entram em nós como agentes corrosivos da sutilima trama mental sob que poderia dar-se a transposição sensoria que lhes disse.

Tam pouco o isolamento absoluto convém á materialisação (applicemos a palavra dos theosophos) de certos trechos. Meyerbeer por exemplo, não é musica para se ouvir sózinho em parte alguma. Pelo contrario, Chopin, que seria ridiculo de dia, ao ar livre, readquire na alma o seu prestigio doloroso, quando tocado a deshoras, n'uma alcova de mulher, sobre um jardim d'esguias arvores, á lua.

Já me tenho surpreendido a pensar se a questão da receptividade psychica para a musica não será exclusivamente um caso de *momento*. O som d'um harmonio, por exemplo, tocado na rua por um cavallarico estúpido que

passa, consegue às vezes orvalhar de sonho a melancholia d'um artista, cuja nervosidade em outras horas se permittiria desdenhar a mais correcta musica d'um quarteto de mestres europeus. Um andaluz extasia-se, por exemplo, como qualquer homem do norte, ante a choral de Luthero, entoáda a plenas vozes por uma bancada d'estudantes tentões d'olhos azues: e eil-o abysmado, elle um fogoso, que tem sol liquido por sangue, em tudo quanto ha de profundo e recondito, de reflectido e de sério, n'aquella musica de bruma, crepusculisada em presentimentos do *au-delá*, tão peculiares ás raças metaphysicas. E eu já vi uma aldeia bronca chorar toda, cavadores e mulheres do campo, ao som da Ave-Maria do *Othello* que uma senhora cantou no côro d'uma vetusta igreja alentejana.

Logo, nem sempre a especie d'instrumento que transmite a musica, nem sempre a raça de que o auditor faz parte, nem sempre a educação, nem sempre o meio, são factores indispensaveis á justaposição de tal trecho a tal sensibilidade.

A razão da idolatria havida por certos compositores e instrumentistas, está na magia

com que o genio d'elles consegue vir identificar-se, atravez dos seculos, ao nosso; está na eloquencia com que esses grandes consoladores nos contam, pela melodia ouvida, a *sensiblerie* pathetica, a felicidade, a negação, o desespero, que contravieram em nós n'uma hora apathica em que, sem elles, não teriamos voz com que reagir á enervancia d'aquelles estados intimos, e psychologia ou lucidez com que julgal-os — está na bonhomia enfim, na sensitividade rara, com que elles gravaram na nossa reminiscencia, para sempre, esses estados, com o talhe doce d'uma medalha votiva á quintessencia das nossas alegrias e das nossas dôres. Cada hora da vida exige, para apasiguar-se, uma musica diversa, como cada enfermidade reclama uma diversa therapeutica. A alma tem crises, resolveis sómente aos encantamentos d'uma aria lenta de Glueek, sopros d'epopeia que reclamam Wagner como interprete, manhãs de nevoa em que lhe é grato exhalar-se entre uma symphonia de Beethoven, e thedios còr de tinta nankin, obsessões canalhas, cabotinagens, que lhe fazem bater o pé, nada menos que a provocar galopes d'Offenbach.

É por esta razão que n'um concerto publico, feito de bocados heterogeneos, apenas se é sensivel ao trecho que vem condizer ao nosso momento psychologico, e que o mesmo concertante, ouvido com indifferença ou enfado d'outras vezes, subito, uma noite, se nos revela sob um aspecto passional que nunca lhe haviamos podido escortinar.

Já vocès repararam que uma ceia com moças, n'um cutê de rapazes, pede o fado, e que não ha rapariga nenhuma com derriço, que não toque no piano a serenata de Schubert? Conhecem por certo a historia do general Valladas, commandante da divisão militar do Alentejo. Homem dureiro, com atonias de tripa superiores talvez ás suas atonias de cerebro, acontecia-lhe fazer das defecações, verdadeiros partos, tamanhas dôres lavravam no guerreiro, ao alijar das primeiras cibalas matinaes!

Foram contar ao arcebispo de Perga estes martyrios; e monsenhor Nunes, verborrheico preclaro do pulpito eborense, sabendo o que custa ter uma pessoa vontade e não poder, vae e aconselha pr'aquillo, nada menos do que o hymno da Restauração.

Ah, que remedio! Todas as manhãs vae a charanga em grande uniforme cornetear-lhe ao reverso, o drastico famoso.

*Lusitanos é chegado
O dia da Restauração...*

e ha sete mezes que por efficacia d'elle o general remoça, que é um louvar á tripa... cagaiteira. Em Evora, agora, quando ao primeiro sol o forasteiro intrigado ouve os acordes do resolvente canto patriotico, ha sempre um ebo-
rense amavel que lhe explica a oportunidade d'essa musica, que d'uma banda da fronteira faz fugir de pavor os castelhanos, e dar de corpo aos generaes — da outra banda.



Na existencia actual está reservado á musica pouco mais ou menos o papel que a religião teve na antiga. Ha arias que andam ha seculos, incomprehendidas, pelo mundo, á procura d'um estado affectivo ou intellectual qu'interpretar, assim como ha espiritos, tristezas, sonhos, que ainda não acharam musica que lhes sirva de lenitivo e d'evangelho. Evidentemente que o drama visual desenrolado aos olhos d'um grupo, pela audiçãõ d'um numero de musica escolhido, raro é para todos os dilettantes o mesmo, visto como, mesmo nos phenomenos opticos directos, a sensaçãõ chromatica, posto que identica em todos, nunca pôde ser mathematicamente igual de retina para retina.

Ora, são os infinitamente pequenos d'estas differenças de sensaçãõ que constituem a originalidade individual d'um temperamento, e elles que, no campo esthetico, evocam ás vezes d'um mesmo motivo fixo, qualquer que elle seja, as comprehensões artisticas mais antipodaes.

Todos temos ouvido a aria das joias a seis ou oito prima-donas de genio, a Patti, a Sembrich, a Theodorini, a Tetrasini, a Van-Zandt,

a Nevada e a Devriés... Digam-me se já alguma d'ellas lhes reminiscenciou as outras, na interpretação d'aquella maravilha. E todavia o respeito ao escripto do maestro em todas subsiste: lá está a cinzelura para assim dizer arestal do relevo musico que Gounod lhe deu, as cadencias que elle prefere, a nitidez melódica que tanto o caracteriza... Só a alma do canto é diversa, porque essa está na cantora, e não se impõe.

Côm os musicos instrumentistas succede o mesmo. A musica, sendo uma linguagem universal posta ao serviço d'uma sensibilidade universal, logo implicitamente deixa prevêr como essa linguagem possa pôr na mesma phrase, conforme a pessoa que falla, e a quem se falla, cambiantes de ternura, de mysterio, d'ironia, de brutalidade ou de franqueza, alternativas—questão d'intuito moral, de tom, que o mais grosseiro instrumento dá, quando vibrado por algum grande artista em inspiração. Porque enfim, interpretar uma obra d'arte é traduzir em vulgar uma sensibilidade, dar repercussão dentro de nós a uma alma identica: e não se imagina como o violoncello de Sergio catechisa a alma d'esses ignorantes plebeus,

pela emoção pathetica do som, que lhes perturbava a rudeza em não sei que melancholias ancestraes !

Na primeira noite em que eu fui, vestido de saloio, ao botequim de fadistas da Carreirinha, aconteceu-me ouvir-lhe a serenata do Fausto, por uma forma que jámais na minha vida esquecerei.

Entrára no caffè uma especie de carreiro escanhoado como um conego, reboludo de musculos, sanguineo, e debordando appetites sensuaes : d'estes homenzarrões de Torres que vem trazer vinho em carros do Alentejo, e levam em deboches a noite, pelos alcouces e caffès musicaes d'entre a Magdalena e o Capellão.

O homem entreabriu os batentes *à jour* do botequim, espreitára um momento, de charuto na bocca, e com um ar decidido dirigira-se a abancar na meza, ao pé da porta : quando ao reparar que alguém ficava entre portas, perplexa, tornou a erguer-se, vindo parlamentar cá fóra da bainca. Cinco minutos depois voltava elle, conduzindo á força quasi, com palavras mal firmes, para um logar na sombra do piano, uma saloiasita receiosa, toda confusa das gentes avinhadas, da incidencia

das luzes, e da audacia de se aventurar assim n'um sitio prohibido. Os dois sentaram-se. Ella enfesada, tremula, n'um delirio de corça surprehendida, procurava apagar-se mais na sombra do seu canto: tinha um saiote azul de chita pelos hombros, a estamenna amarella, escorrida ás ancas, debruada de preto e muito curta, o lenço atado pelas duas pontas tendidas, sobre a testa: e em toda a sua adolescencia de lavadeira, a exasperada virgindade d'uma cadella ciosa que fugiu da estalagem, attrahida pelo bulicio orgiaco do bairro, enquanto a mãe ficava a roncar talvez sobre a tarimba, entre trouxas de roupa, ao pé dos burros...

Primeiro que o homenzarrão conseguisse fazer-lhe aceitar qualquer bebida, foi um suor d'angustia, uma canceira, durante a qual umas poucas de vezes a rapariga fez com a espinha, o sobresalto ascencional de quem se vae erguer, para outras tantas a fascinação do macho a esgarar alli d'encontro ao muro, sob a avidéz sardonica dos homens, e as delirantes febres da copula, que lhe vibravam todas no typo, com uma especie d'animalidade louca e irresistivel.

Emfim, o rapaz trouxe aguardente, caffè. . . e o carregão, apenas as chicaras foram cheias, vasou no d'ella um copasio cheiosinho d'aguardente. Todo o sen fito por certo que era ir aquecendo o caco á raparigota : e achegara-se, tocava-lhe com o joelho de lado, contra a coxa, tinha-a mordida em diabolicos circulos de posse, vivos a ponto que ella deixou emfim de lhe poder supportar o olhar chispante, e começou de responder ás suas perguntas, palavras incoherentes; tremiam-lhe as palpebras, tremiam-lhe os dedos; os cantos da sua bocca tinham paresias spasmicas p'ra beijos, e d'entre as roupinhas do vestido, os seios erectis, crispados como ventres, subiam e desciam, com um soffrear toraxico de soluços.



A brusca entrada d'elles fizera erguer uma ou outra cabeça presentida. O cocheiro de noite, que estava em successo de ridiculo, des'que a rapariga ruiva o casquinára, quiz descarregar de si as attentões, e começou a tossir com modos ribaldeiros, piscando o olho para o lugar onde a saloia tinha ido alojar-se. Já de todos os cantos, os risinhos corriam, meias vozes no ar zombeteavam; e por ventura a chacota redundaria em apupo, se o violoncello de repente não faz voltar as attentões dos maltezes para os primeiros apellos da serenata que Mephistopheles diz, por debaixo do balcão de Margarida.

É uma terrivel coisa, vaga a principio, penetrante e glacida a um tempo, a verter deliquio amoroso por todos os gemidos, perversidade satanica por todas as rizadas, e com volutas por onde sobem e descem roldões de desejos e ideias que contrastam, injurias que principiam por supplicas, escarneos que vão acabar em extasis divinos...

Assim como do hymnario dos symphonistas primevos, sobe o disco vermelho e oiro da aspiração terrena para os cimos, assim d'aquella monstruosa injuria do diabo á innocencia,

uma lingua de vibora rompe a imbuir peçonha em todas as almas, no preciso instante de as prosternar, estonteadas de paixão.

Mas que eternidade viva a d'essa musica ! Que intensa alchimia psychica a d'essa serenata, de cuja furia corações escorchados pulam ainda, com virulencias d'amor extra-animal !

Oh como o possivel do *au-delà* estremece nos seus flancos, e como os seus gemidos fecundam a culpada terra de presagios ! A rastos do seu echo vê-se uma aza tremendo ainda por librar-se aos mundos da pureza, quando já um caprino pé bate compasso ás farandoles cynicas do vicio. E quando finalmente ella se firma, por gradações mal sensiveis, na perturbadora nupcia d'aquelles dois sentimentos antagonicos, o amor e o escarneo, subito, o ouvido perde a noção do instrumento que a nuança ; direis que falla então uma bocca de carne, uma bocca de mytho, em que um dos labios fosse d'anjo, e o outro labio fosse de demonio.



E começámos a reviver a scena goethiana, o bandolim do diabo desviando Gretchen da prece, a rua esconsa, de cidade medieva, nevoenta a deshoras, cheia de silencio e casas de granito, nichos fumosos, lampeões na agonia... e o tentador concitando a donzella a vir escutar a serenata, tendo Fausto na sombra, e sobre o gorro as duas pennas de fogo a esgrimirem no ar, como floretes. Aquillo rapido, febril, relampagueante, como um illusionismo de vida desenrolado n'um cerebro cataleptico, mas intenso, inolvidavel, profundo, porque a virtuosidade do artista era um completo prodigio d'intuição psychologica, e havia no jogo d'elle um mordido pictural, a restituir, formidavel e completa, a impressão dramatica que o tomára, á simples evocação mental d'aquella scena.

Inda a serenata nem esboçara os primeiros lineamentos melodicos, já um movimento d'interesse friccionava o dorso de todos aquelles asperos matullos.

A rudeza faz com que os homens do povo tenham o espirito em fragmentos, mesmo apesar do coração lhes bater d'uma só peça. Pela quasi completa carencia de methodisação no pensamento, a imaginação d'elles, como a razão, tem grandes noites, e só por instantaneos relampagos fulgura. É ouvil-os fallar, reconhecer nas conversações de muitos, pontos focaes de rectidão, bom senso e intelligencia, rasgos grandiosos, finuras singulares, isto perdido n'um ossuario de disparatados e confusos solliloquios.

Que admira pois que um homem culto visiona a musica d'um jacto, enquanto o popular exige tempo e suggestões exteriores auxiliares para fazel-o? Quando, depois da phrase *ma l'amico favorito*, os dedos de Sergio foram por cima dos bordões do violoncello, a imitar o rir do diabo, com uma malignidade humana incomparavel, no calafrio dos corpos sentiu-se, como no ralo oppresso dos gorjas, e no galgão dos hombros movidos para o mesmo ponto

da sala, sentiu-se, dizia eu, que um grande esforço mental se estava fazendo em todos os crancos, e que esses homens do povo tentavam esfarrapar interiormente um grande cerceiro, para attingir a nitida visão d'essa tragedia que a mephistophelica musica interpretava.

Do que elles se haviam apercebido logo foi do cynismo da gargalhada livida, intercadeando-se aos haustos de horrivel magua, que põem n'aquelle canto, como uma dolorosa sombra no escarneo. E com os cotovellos na banca elles torciam-se, pedindo suggestões iniciaes d'onde partir pr'a visualisação: e bem depressa uma loucura phosphorejava nos olhos de todos; raivas nervosas quebravam as unhas, como animaes de preza, d'encontro á impotencia do esforço — até que de repente um velho còr de bronze, todo rasgado no fato como um doido, se ergueu de sobre o banco em que estivera, e meio bebedo, circumvagando os olhos d'agnia, deu com o idyllio da raparigota e do carreiro, perdidos na sombra que o piano deitava sobre o canto de mesa adjacente...

O rompante d'esse carregador enorme e ju-

piteriano, levára na direcção do seu olhar, os mais olhares; e allí se fez então, na lucidez de todos, a revelação visual da serenata.



Resvalado assim dos parâmetros da musica, para o real, o drama de seducção plasticisou-se desde esse instante, nas tres figuras da salaíta, de Sergio e do carreiro, e com tão vivo crescendo d'impressão no auditorio, que Fausto fugiu logo com o braço na cintura de Margarida, desviando as pernas tremulas do calor seminal das suas saias, a assoar-se com grandes roncões de disfarce, enquanto a risada de Mephistopheles morria em echos sardonios, pondo o mau estar d'uma placa que soa falso sobre a mezinha de cabeceira d'uma puta.

Ao contrario do que haveria succedido antes do violoncello concitar Margarida, para

as aphrodisias toxicas da culpa, todo o botequin começou a murmurar da canalhice de Fausto, e a deixar transparecer pela pequena simplesmente uma ironia benigna, misturada de piedade e de desejo. Os dois agora, todo o seu desejo era sumirem-se nas profundezas da terra, escapar áquella infamante exhibição dos seus arroubos, sahir da kermesse incolumes, sem saraivada d'apupos e assobios. Já elle correra a aba do chapéu p'ra sobre os olhos, afogueado, batendo na meza com a quina do dinheiro, prestes a sahir; enquanto ella, meio erguida, estralejava os dentes de terror d'encontro á chicara, e engolia o caffè quasi a ferver, entornando-o por cima das roupinhas, offegante, o olhar descido, os beiços brancos, n'um assomo d'angustia inexprimivel.

E d'alli a bocado elles sahiram; o homem puxava as calças, á porta, fugindo um dialogo de despedida com a lavadeira. Deram assim alguns passos na rua, de mãos dadas, escutando as chuffas que a partida motivara, e fugindo ás luzes, com uma prestesa de quem conseguiu escapar-se a um supplicio atroz d'empalação.

Já mais além, n'uma ilha de sombra, como

elle a conservara presa por um braço, fallando-lhe ao pé da bocca, com a solercia da sua bestial virilidade, eu vi-a de repente fazer um safanão para fugir. De novo, um tremor nervoso como fazia zig-zaguear sobre a parede a sua *silhouette* de virgem nymphomanica, debatendo-se entre a preconcepção d'uma hora de deboche, e os presagios da vóz do violoncello, cujo diabolico rir lhe historiava talvez a vida do prostíbulo, e as agonias sem fim do hospital.

Estiveram assim por muito tempo: ella a fugir, elle agarrando-a: e pela cadeia das mãos a luxuria do homem transiltrava-se toda, por desfalencias hystericas, ao apparelho de gozo innato, ao utero servido por órgãos, que ella era. E eu vi-a estortegar-se assim mais d'uma hora, como uma ciosa gata que se esfrega, em deliquios, por um sacco de raiz de valeriana... Vi-a voltar-lhe as costas dez vezes, já livre, e outras tantas convergir como sonambula, á perdição de lhe sentir a carne, espedaçal-a—e agora louca, já sem receio dos apupos, mostrando o rosto, e convidando-o, tentando-o, na esfuriada obscessão erotica que a roia!

Evidentemente que se eu possuísse a terceira vista que William Crooks diz que ha-de assistir aos ultimos homens, quando a degenerescencia houver feito dos netos dos nevropathas actuaes, rachilicos seres com cabeças de genios e adivinhos, móvendo-se irresponsavelmente, por suggestões longinquas e theogonicas, sobre um cadaver de mundo desactuaado pela fecundação dos raios solares : essa terceira vista me faria ver sem duvida, como ao Macbeth na sala do banquete, sahir um espectro da terra, Mephistopheles, o genio adunco de todas as malevolencias psychologicas, cortado em morcego de purpura, e descrevendo deredor da mulher as suas grandes espiraes funestas d'impulsor.

Mercè do endemoninhamento que o violoncello pozera no idyllio, esse Mephistopheles deveria ter, sob a calote de fogo, a cabecinha estreita de Sergio, toda feita d'accentos circumflexos, e espiritualisada em mascara de bode de sabbat... Já a intervenção d'este terceiro typo, na scena, me trespassava, não sei, d'um glacial horror té á medulla, remexendo na minha razão as fundalhas de loucura pen-

sante que lá vivem, á espreita da hora em que devam precipitar-me em Rilhafolles.

Mesmo, houve um momento em que eu vi positivamente em pé, por traz da rapariga, o tentador terrivel alongar as unhas, como de quem fosse desencravar-lhe do seio as radículas ultimas do remorso; e forçoso me foi chamar alguem, tanto a allucinação visual entrára em mim!

Hoje tranquillo, posso analysar sem *partipris* a extraordinaria perturbação mental d'esse minuto. Procederia ella da tinta delirante sob que eu vejo, de ha uns tempos para cá, todas as coisas dramaticas ou triviaes que me circumdam?

Emtanto é certo que eu não phantasio, ao escrever *que vi* uma forma escarlata enredar nas suas espiras sinistras, a mulher. Explico o phenomeno por uma aberração synergica dos eixos oculares, resultante da fadiga dos globos irritados pelo calor do caffè, pelo reverbero das luzes, pela entoxicação talvez do fumo do tabaco, e mais remotamente ainda pelo dynamismo anormal em que a musica me pozeira o cerebro, hereditariamente propenso já de si, ás meias-visões macabras da alta nevrose.



...Estou a vêr o carregão bovino a enlaçar nos galfarros dos dedos a pequena, este grupo movendo-se n'uma reintrancia de beco sem lampeões, que a sombra alaga, por entre incertezas de fundos movediços, e perspectivas falsas de planos e d'arestas.

Da falta de luz do largo, e do estado effectivo e morbido da minha ideação, teria resultado, supponho, uma de duas :

— Ou a incoordenação dos meus eixos opticos desdobrou o grupo das duas figuras, vendo eu quatro, uma das quaes se perderia em sombra, enquanto a outra, tinta na purpura d'um reverbero de camas para pernoitar, pousava a distancia, como um ser de verdade e expiação.

— Ou a percepção real do grupo amoroso me serviu simplesmente para evocar imagens

cerebraes, que se objectivaram, dando nascida á imagem allucinatoria do diabo, igualmente avermelhada, pelo clarão da lanterna do pros-
tíbulo.

Esta visão porém fôra instantanea, e rapido o frio da noite restituira ao meu sêr pensante a integridade. Mirei o charuto, disposto a caminhar p'ro meu destino, quando o chuveiso engrossou de modo que tive de me acollher, quinze passos além, n'um vão de porta. O reverbero da hospedaria era fronteiro, a filtrar coagulos de sangue sobre as poças da rua lamacenta: luz sem reflexos, deixando a treva espojar-se nos pavimentos baixos do predio, como um animal d'esponja e de carvão.

Tanto a diffusão da luz era mediocre, que os meus olhos de miope não poderam discrepar em começo mais que uma brecha de sombra na sombra, demarcando o portal da casa, e sobre a lãna a mancha clara d'um gato que atravessou direito a uma sargeta... Mas pouco a pouco a pupilla acomodara-se-me ao bastidor de noite que era esse becco de viella miseravel, e vi que sahia um pulso do portal, um pulso de homem comido pela treva do corredor que dava accesso ao valhacontou, agitando no ex-

tremo uma formidável mão toda de dedos, resumo e cúmplice do dono, agarrada à saloia, com uma persistencia de liana que vive e medra pelas seivas do tronco a que se enroscas.

O movimento de sucção e de palpar d'esses dedos de carrejão lascivo (que dir-se-hia ejacularem spermas de gozo por cada contacto de papilla nervosa da mulher) é uma coisa que jámais em minha vida esquecerei. E ella circumvagava o olhar de corça ao de redor, debatendo-se já sem energia, n'uma nubilidade febril de bacora ciosa, e exasperada, quebrada, com o apetite d'uma aranha que brutalmente a rasgasse, até aos mais fundos poceirões da maternidade e do prazer.

Dois minutos aquella mão tateou assim o braço da mulher, que se deixou tragar finalmente pela porta, e desapareceu a rehoque do pulso, enquanto o morticho gaz dava á rubescencia da lanterna as contracções d'um utero titilado, e o violoncello de Sergio começava a gemer lá longe a maldição de Mephistopheles.

Souviens toi du passé,
Quand sous l'aile des anges
Abritant ton bonheur...

A pretexto d'assistir ao baptisado do filho dos duques d'Aosta, foi S. A. o príncipe real visitar a exposição. Não esquadriharam os jornaes se viajaria por conta propria, ou estipendiado: nem pelos telegrammas se infere que a peregrinação do príncipe houvesse outro alcance diplomatico, além d'aquelle que põe os pataratas regios ás mezas uns dos outros, co'as gran-cruzes trocadas, a permutar dilates n'esse franciú cosmopolita, que os discursos da corôa classificam depois *d'estreitamente de relações entre os dois povos*.

Se porém os telegrammas foram parcos em desalterar a avidez justissima do povo, quanto á missão politica do sr. D. Carlos, por outro lado exultemos com o que elles nos dizem da attitude mantida por S. A., no precurso de todo o regabofe.

Segundo a Havas, o príncipe, apenas pôz o pé na exposição, fez-se logo guiar ao bazar de tres vintens do Melicio, no pavilhão das Artes, onde esteve assentado; e em seguida ao armazem de loiça das Caldas do Bordallo, no caes d'Orsay, onde esteve sentado tambem; e logo depois á Torre Eiffel, em cujos andares, elevadores, redacções e gabinetes, com hom-

Vai em dois annos que o *Reporter* quotidianamente produz um boletim sobre os figadinhos dos seus co-proprietarios e redactores. Segundas, quartas e sextas, trezena á hepatite do dr. Marçal Pacheco, mais estremecida hoje na Europa do que as varises das pernas de Bismarck.

«... porque o nosso glorioso amigo, inexplicavel parlamentar, e nunca assaz chorado jornalista, etc., cá vai indo melhor das talentosissimas cachollas, sim senhor; razão porque nos trocou hontem pelo Algarve, para onde partiu a dar escoante á bilis que o lambusa. Com as duas mãos no coração, d'aqui endereçamos a Pacheco, uma das mais luminosas intelligencias do parlamento e das pescarias do Algarve, votos do mais sincero jubilo, etc....»

Terças, quintas e sabbados, trezena ás cachollas do dr. Alpoim, com ladainha identica ás melhoras, e os mesmos *gloria in excelsis* ás qualidades mentaes do viajor. A differença do lausperenne consiste apenas, para os dois, na menção do ponto de chegada, e no qualificativo anteposto á intelligencia de cada um. Por exemplo, Marçal, quer vá para Paris, quer para o

Algarve, é sempre uma das mais luminosas. Alpoim, quer tome bilhete para Lamego, quer para as Pedras Salgadas, nunca deixa de ser uma das mais esclarecidas. Claro está que este modesto epitheto desnivela Alpoim, de Marçal, na adjectivação da casa, pelo menos, sem lhe tirar todavia o usufructo do cumprimento em letra redonda, escripto á partida e á chegada, *com as duas mãos no coração* — consequentemente com os pés.

Esta cantata dos figados, tracejada pelo *Reporter* como pretexto para um reclame aos miolos, dá que fallar não só por Lamego e Loulé, como pelo restante paiz tambem, onde os figados dos dois conspícuos parlamentares, mesmo enfermicos, quero aventar que sejam talvez ainda mais apreciados do que as iscas. Por ventura a concorrência d'este saboroso pe-tisco, á celebreira visceral dos dois preopinantes, levaria o *Reporter* a atirar assim prodigamente ás voracidades da turba, com ellas ou sem ellas, o cacholame cirrotico dos seus...

— Invio periodico que dás de merenda aos assignantes, as miudezas da tua propria redacção! Calumniado Prometheu que jámais empalmaste do ceu o fogo sacro — tu que tens

sacro, é certo, mas sem outro fogo celeste além do hemorroidal; e se alguma cousa empalmas, não é fogo, são notícias; e essas já-mais á habitação dos deuzes, mas á reportage dos outros camaradas!

Quando nos boletins diarios da tua hepaticite caseira, oiço gemer o coração do enfermeiro localista, e no *Jornal dos Jornales* te sinto a lingua, vem-me a suspeita de que tu não sejas talvez como jornal, obra d'espírito, mas com esses penduricalhos de ligado, coração e lingua, pura e simplesmente uma esbeijada loja de fressura.

Ah! toma tento, *Reporter*, toma tento!

— A gloria, que levanta estatuas aos que padecem d'ideaes alevantados, não sei por que, esquece-se quasi sempre de registrar o nome dos que padecem d'ictericia.

O *Daily Telegraph* offerece ás cogitações do publico britannico, um difficil problema, qual o de se averiguar se as mulheres devem fumar ou não.

Chovem cartas á redacção do *Daily Telegraph*, na maioria opinando que visto ser o tabaco um excitante intellectivo, e equipararem-se actualmente os dois sexos na concorrência á lucta pela vida, quer por via da sciencia, quer por via da industria, quer por via da arte, nenhuma razão plausivel d'ora ávante impedirá que a mulher fume.

Completamente d'acordo. Sómente na pratica de mais este vicio, nós quizeramos que ella não feminiliasse o tabaco, attenuando-lhe os effeitos por meio de macerações mui prolongadas, e só levando aos labios, por pura pose, de quando em quando, uma palliativa e magra cigarrilha. Esta pratica, que vem perturbar a pureza do halito ás senhoras, nem sequer ao menos lhes facilita, pela esthesia nervosa, as locubrações do pensamento. Por consequencia, madamas, ou V. Ex.^{as} esquecem o tabaco, ou então passam a só fumar charutos de homem.

Em 19 de outubro, pelas 11 horas e 5 minutos da manhã, morte de S. M. o rei D. Luiz, no palacio de Cascaes.

Desde muito se previa desfecho tragico á

enfermidade do pobre agonisante, enjos ultimos mezes foram um martyrio cruel de todas as horas, quer latejando nas garras da tortura physica, quer nas da intriga palaciana, de sobejo por elle adivinhada atravez as consolações ambiguas dos famulos, aborrecidos já de tantas noites perdidas ao de redor da sua paralytia.

A doença do rei foi uma coisa obscura para todos, e ácerca d'ella mil contradictorias versões vieram correndo as follhas dos periodicos, versões que uns attenuavam, e exageravam outros, conforme o interesse partidario ou pessoal ligado á conservação ou á aniquilação do soberano.

Da bocca dos facultativos do paço, nem uma palavra coada a tal respeito. Á uma, o segredo profissional, n'aquella altura solemne, mercê da hierarchia altissima do enfermo, inhibia-os de qualquer informação precisa ou cathgorica. Á outra, a policia da rainha, sobre sequestrar do paço os indiscretos, com tal arte assediava os assistentes, que lhes faria pagar com o desfavor do throno a mais ligeira indiscreção d'algun, cá fóra, aos ouvidos da imprensa e da opinião.

Compreende-se entanto a ansiedade geral, perante aquella mysteriosa agonia passeada de palacio em palacio, quando entre as locaes optimistas dos jornaes do governo, e os sombrios prognosticos dos jornaes da opposição (os dois jogando os dados com os ultimos dias do rei, com o sentido no ganho das proximas eleições) um campo de cogitações se abria, enorme e vago, aos receios de uma subita catastrophe que alancearia de magua o espirito publico, ainda não preparado a vêr no throno outra cabeça que não a d'esse bonacheirão e sceptico D. Luiz.

Todos á uma, incertos da duração d'essa vida de rei, previam já o instante em que a paralytia das pernas lhe subisse aos braços, em que a sclerose cerebro-espinhal lhe estendesse a abolição sensorial, do ouvido aos olhos, tornando o enfermo n'uma especie d'estrauhlo morto-vivo, paralytico e cego, gastralgico e mudo, consciente e delirante — alimentado por uma sonda, despejado das urinas por outra, pariudo as feses a ferros, phlyctenado, hediondo, coberto de escaras, e contaminando-se, pesadello horrivel! d'essa podridão vagarosa, methodica, generalisada, atrocissima,

sem pressa, em que os tecidos e os órgãos, já decompostos, ainda para assim dizer fingem ter vida, e em que a dôr remorde o intimo do sêr continuamente, mil vezes mais fulgurante do que no organismo integro — porque o suppliciado tem consciencia d'ella, e já nem sequer pode jogar a voz p'ra se queixar!

Em torno á cadeira de rodas em que os lacaios passeiam da alcova para o terraço, este cadaver lucido e nostalgico, reconstruir um drama é coisa facil, a quem se lembrar de Frederico II d'Allemanha.

São os velhos servidores, receosos de perder o prestigio na còrte, quando esse rei sorrir pela ultima vez, pallidamente, ás artificiosas consolações que lhe trouxerem. São os ministros, lividos como grillhetas, e acossados como cães, n'um canto da antecâmara, a duvidar se acharão no character do rei novo, aquella amavel tolerancia com que sempre os recebera o rei finado. São os chefes da opposição, esfaimados por seis annos d'exilio, circunvagando de roda ao crepusculo real as cynicas figuras, a especular com a impaciencia febril do herdeiro do throno, cuja memoria é boa, e fará presidente de conselho o que primeiro

o tractar por magestade. É a Igreja que não quer perder o final d'acto, e a cada momento espreita á porta, impaciente, com as sagradas vestes n'uma trouxa, aguardando a hora em que haja de fazer engulir ao viajante o pão azimo, como um bilhete de primeira classe, para a viagem das sibericas neves do outro mundo. E finalmente a rainha — ia a dizer a imperatriz Frederico — soberba e escultúral nas suas grandes roupas, os seus olhos d'estatua dolorosa, a pallidez de Juno despenhada, arrastando-se sem forças, de sophá para sophá, lassa de vigílias sem conta, allucinada já de ciumes sem refrigerio, agarrando-se a todas as vergonteas da esperança, pedindo á sciencia a resurreição d'esse cadaver, prometendo a Deus magnificas offerendas; e logo renegando Deus e renegando a sciencia, ao sentir as suas lastimas quebrarem-se d'encontro á mão de bronze do destino, que a relega, magnifica orgulhosa, á semi-sombra d'uma vida subalterna, tão asphyxiadora para os predomínios theatraes da sua grande raça.

E, fatalidade d'un cargo que tantos invejam como supremo pinaculo das grandezas da terra! — fazendo tremulo áquella agonia do

monarcha, não ha talvez uma unica lagrima sincera, uma lagrima só, que evaporada deixe no cadinho ontro residuo além d'impuras coisas, ambições resvaladas, prestigios findos, favoritismos em naufragio — lagrima que refranger pudesse a pura essencia da angustia sem mistura, essa liquifacção ternissima da alma, que provocam no coração dos simples, os queridos mortos que d'este mundo se vão sem blasphemar. Oh, é cruel, pensar que man grado a sincera intenção talvez de todos os comediantes d'aquelle drama lugubre que finda, nenhum d'elles possa exhimir-se á suspeita de ter vindo alli chorar por *parti-pris*. Apenas a melancholia d'um, poderia mostrar-se como uma coisa isempta d'egoismo: mas esse reviravoltava em velocipede, sobre a esplanada do paço, no dia em que os medicos tiravam das pernas de seu pae, pedaços de tecido em gangrena!



Fecha os olhos o rei, e o panno tomba sobre o quadro dos physicos que lhe agarram com pinças, sob uma chuva de phenol, na carne que vem aos bocados, e sobre que já não é possível produzir a mumificação pelos anti-putridos e balsamicos que manda a pragmatica. E porque se desarma o tablado dosapparelhos funebres do cenotaphio, quando a carcaca do pobre litterato vai engrossar o fumeiro real de S. Vicente, não se persuada o leitor que o drama finda, visto como, apenas se representou ainda a primeira parte d'uma vibrante e grandiosa trilogia.

Recompile se pôde a summula d'essa primeira grande peça historica, que teve o palacio d'Ajuda por scenario, e levou vinte e oito annos a representar em Portugal.

Logo no prologo figura um rapazola, loiro e bonito, bravo e leal como um cadete, que teve d'abandonar o seu navio de guerra, quando uma noite, estando a jogar com camaradas, lhe vieram dizer que seu irmão, o rei, tinha morrido. Nada na sua vida de bordo attestaria as saburras selectissimas do seu sangue, se não fôra o tratamento d'alteza que lhe davam, tanto a sua expansiva gentileza, a cris-

talidade, a graça, faziam d'elle um doidivanas d'escola, um *jovial fellow* de convez, com a paixão das viagens, do jogo, do vinho e das mulheres.

Em Angola, onde esteve agnarellando palmeiras e bebendo cognac, o governador preparou-lhe uma especie de revolta com soldados e pretos ensaiados, persuadindo-o de ter sido elle o abafador da sedicão. Ao baccarat, muita vez lhe succedia perder tudo, e pedir dinheiro aos mais modestos guarda-marinhas que o cercavam. E quanto ao amor, o adoravel rapaz tanto segnia á risca os preceitos de D. Sebastião o casto, seu parente, que até lhe imitou a aventura de que falla picarescamente o chronista « *como houvera calor nas casas da marquezza, se descen el-rei á rua das fermosas — de quem houve molestia.* »

Para o throno, onde o assentou a morte d'um rei que ia começar a ser funesto, eil-o trazendo a bonhomia fundamental da sua raça, que é uma especie d'atrophia da vontade, complicada d'uma especie de velhacaria. Entretanto a sua alegria tempera-se, a sua impetuosidade acalma-se: e d'esse official de marinha pandego e sensual, d'essa especie d'edi-

ção anterior do infante D. Afonso, brota um personagem novo — o estudioso pachorrento, o sceptico risonho, o grande corruptor bem humorado, que estudou nos livros a lei da reedição periodica dos caracteres, que soube amaciar as verduras juvenis pelo convivio das artes e das lettras, que aprendeu a procurar nos homens a repercussão do mesmo ponto fraco, e a valer-se d'elle enfim para os domar sem ruido, nem apparente esforço, nem precipitações, nem compromissos.

Aos conselhos de um grande homem d'estado, que o adorava, deveu elle o levantar o respeito de si proprio á altura de uma força inexpugnavel, e o desprezo pelos outros á categoria d'um lemma governativo, inilludivel — o todo involucrado em taes formulas d'affectuosidade e deferencia, que mesmo nas suas crises violentas de caracter, jamais alguém lhe viu um tic que atraíçoar pudesse os exteriores da mais correcta impersonalidade. Poucos monarchas haverão seguido mais ao rigor as praxes constitucionaes, que fazem do rei um idolo de barro, omnipotente e inutil, sagrado e subalterno, investido de poderes platonicos, quasi sem responsabilidade nem exercicio, as-

signando de cruz, discursando d'ouvido, e fazendo por toda a parte a caricatura d'um Deus contemporaneo, d'um Deus de Roma, que falla aos peccadores pela bocca dos seus padres, e nem sequer é responsavel pelas calamidades que elles acarretam.

Sabendo o preço de todos aquelles que o cercavam, e adivinhando pelos sarilhos jornalisticos ou parlamentares dos que ainda viñham longe, approximadamente o que esses lhe viriam a custar, era eximio em receber-lhes os hotes impassivel, té ao momento em que o inimigo se lhe tornasse perigoso ou necessario, e urgisse, para montal-o manso, cingir-lhe ao dorso uma vistosa albarda de ministro.

Das tres gerinzeucas politicas sobre que assenta a constituição do estado, a representação popular, a coroa e a camara alta, todas elle pezou na sua clara sagacidade d'alemte-jano e de allemão, loiro e sabido. Posto o seu conhecimento da subserviencia e da torpeza dos homens, posto o inabalavel conceito em que se tinha, a sua conducta de rei salta de chofre: fazer das duas camaras rodados para o throno, atrelar-lhe os ministros como bri-

dões esparvonados, e guiar elle mesmo o carro sósinho, mas *sans en avoir l'air*, e conservando aos cavalloos a illusão de serem elles os cocheiros.



Este domesticar da fera humana, pela impassibilidade risonha d'um só homem, cuja força unica estava apenas no orgulho hierarchico, ao passo que faz do rei um dos maiores desprezadores de homens que tem havido em Portugal, por outro lado nobilita-o, porque entre a jolda de gorilhas cynicos que é a camada dirigente do nosso paiz, aquella figura era das poucas que parecia marchar na vida, amparada ao respeito inabalavel da sua missão.

Na sua maneira de corromper havia uma suprema finura intelligente, calculada por fór-

ma a não humilhar jámais o corrompido, e a deixar pairar fóra de qualquer suspeita grosseira, o corruptor. Por occasião do sur. Marianno de Carvalho escrever no *Popular* as catilinarias celebres da *capa de ladrões*, o caricaturista Bordallo produziu no *Album das Glorias* uma figura do rei, que áparte o proposito satyrico, visiona aquella particular feição do seu character. Representa ella S. M. a caricaturar o jornalista, que está de barrete phrygio, em mangas de camisa, a fumar um cigarrinho: e sublinhando o desenho, o sorriso do rei guarda essa expressão indefinivel, que era sempre a d'elle em publico, riso morto de labios exangues, labios franzidos, riso p'ra dentro, que podia ser tudo, fastio, bondade, lassidão, firmeza ou comedella, mas que o seu olhar illucida n'uma palheta de reflexo insupportavel, não pela agudeza, ao contrario — pela proposital vacuidade.

Mais tarde, quando já o pamphletario do *Popular* seguia a familia real na viagem ao norte, ajaezado n'essa farda de castellos, que é a camisola de forças dos furiosos açulados contra o throno, aconteceu passar o rei no Bom Jesus, por entre duas cazotas de corpu-

lentos cães dinamarquezes. Um d'elles magro, escarzelado, formidavelmente colerico e audacioso, começou a ladrar ao rei com grandes vózes; enquanto o outro medio, tendo acabado um repasto de ministro, se viera arrastando a um aceno da luva moderadora, até ás grades da jaula, na esperança de passar a lingua humildemente, por cima d'aquillo que mais condissesse á vontade real. . .

Dizem que S. M. se voltára então para a rainha, e a meia voz dissera, apontando-lhe c'o beijo alternativamente o mastim fero e o mastim sarrataçal:

— São assim todos, antes e depois de comer. . . na Ajuda.

Esta haveria sido talvez a unica palavra onde o sarcasta revelasse a convicção da sua esmagadora superioridade moral sobre os demais. Habitualmente o rei comprazia-se em vencer sem honras de guerra, em conquistar, mas sem exhibição de prisioneiros, certo de que quanto mais se apagasse por traz do seu biombo constitucional, tanto mais a influencia da corôa iria crescendo sobre a matulla dos homens publicos histriões dos seus estados.

Assim elle ponde ascender sem protesto,

lentamente, seguramente, de simples orago nominal da egreja politica, á quasi omnipotencia d'um Jehovah conciliador mas firme, bonacheirão mas gajo, distribuidor de todas as graças e fortunas politicas, móla real de todos os manejos, e poder occulto de todas as situações. Com mais rigor ou menos, eu poderia dizer que o Estado foi elle, durante os vinte e oito annos que reinou.

Não que parecesse tolher n'alguma coisa, a observancia formal da constituição que rege as attribuições e funcções de cada poder do Estado! Não que jámais cuidasse em facultar ou impedir a este ou áquelle, o exercicio legal da auctoridade! Nem que violado houvesse alguma vez o patrimonio commum da liberdade, no que ella tem de sagrado, a opinião, expressa pelo voto, pela palavra ou pela escripta. O respeito real por todas aquellas regalias publicas, a que está de guarda a lei politica, tinha o ar de ser vivo e indiscutivel. Era um escravo da formula. Mas contradicção estranha! apesar de todos os seus rigorismos de praxista, nem sempre, durante o seu reinado, foi a constituição o Evangelho do poder; nem o suffragio quem indigitou sempre

os homens para a direcção dos negocios publicos; nem o merito quem por direito de conquista se revestiu nos cargos de importancia; nem as honradas famas que atiraram para a camara real, os conselheiros; nem tam pouco o culto da opinião quem conservou no mando, a despeito dos clamores geraes, os funcionarios puidos pela suspeita de crimes hediondos.

Elle affastava ou approximava os partidos, conforme lhe convinha; prolongava ou encurtava nas mãos d'um grupo, o exercicio do poder, conforme lhe fazia conta; e moderando a impaciencia d'este chefe, com deferencias dozeadas sabiamente... uma partida de bilhar na Ajuda, meia hora de conversação n'um logar publico...; desviando suspeitas de favoritismo d'aquell'outro, por uma especie de fuga simulada, para o lado da facção politica contraria; contrabalançando um esbanjamento de dinheiros com a fundação d'uma obra phantropica; escamoteando a sentimentalidade publica com uma visita a um pateo de miseria, a instituição d'um premio litterario, meia duzia de coisas lacrimosas escriptas n'um jornal d'incendiados, ou a postura d'um crachá no peito d'um comediante em ovação... Sim,

o Estado foi elle. Nos seus mais complicados funcionalismos, nas suas dependencias remotas, nas suas minuciosas attribuições. Foi elle! Muito embora as praxes constitucionaes não fossem violentadas, os ministros guardassem o *aplomb* de verdadeiros administradores, e a Carta esfregasse, por debaixo do avental, as mãos de satisfeita. Elle era ao mesmo tempo poder moderador, suffragio e camaras. Academia das sciencias, ministerio de beneficencia, exposição de carneiros na Tapada, e exposição de chitas na Avenida. Absorvia tudo, substituia-se a tudo, estava por detraz de tudo. E n'um jantar intimo, pintando a um amigo o lastimoso estado do paiz, a decadencia das instituições, a falta d'iniciativa, o resvalado da probidade civica e familiar, o velho Rodrigues de Sampaio disse uma vez:

— Portugal hoje, é o rei.

Ninguem synthetizou ainda esta choldra mais fundo nem melhor!



Dado o prematuro fim de D. Pedro v, poderemos dizer foi D. Luiz o nosso primeiro rei constitucional. O seu reinado é a adaptação infeliz a um povo de mariolas, d'um d'esses systemas politicos theoricos que a Inglaterra impingiu, nos começos do seculo, aos paizes da Europa seus subordinados, sem primeiro indagar se filhos de homens governados a poder de chicote, estariam aptos a espojar sob um regimen de liberdade, outro modo de vida que não fosse o do desaforo e o da licença. É o tempo em que uma aristocracia decrepita, copulada por uma democracia impubere e desorientada, pare de si um estranho mundo d'androgynos e de frustes, e em que os malfeitores fugidos dos pinhaes já não atravessados por seges de posta, vem de casaca e de farda, com gran-cruzes ao peito, roubar no proprio portal das instituições, os transeuntes.

Por toda a parte formulas luminosas, evolutivos ao direito, estatuas de bronze ao devotamento e ao martyrio, hymnos á sciencia, e á ignorancia prédicas, e á intelligencia corôas e ovações.

... Em 1862, abertura da Escola Normal; exposição do Porto em 65; em 67 abolição da pena ultima; em 69 abolição da escravatura; estatuas a poetas, a legisladores, a guerreiros, a patriotas; travessias e estações civilisadoras n'Africa; caminhos de ferro, centenarios, festas agricolas... Dir-se-hia o alvorocer d'uma era de ouro, este reinado. Uma especie de resurreição do seculo de Pericles, em que os homens fazem o balanço de todas as ideias, promulgam em dictadura a realisação de todas as utopias, e vão lançando o veto decisivo, sobre os que bemereceram da patria e da humanidade.

A cada momento se espera ver realiado aquelle ideal de paiz que os Goncourts sonham en'uma sociedade que fosse uma aristocracia de capacidades, aberta a todos, um governo promulgando a extincção da miseria e da valla commum, decretando a religião e a justiça gratuitas, instituindo o ministerio do

sollrimento publico, empenhado em dar á invalidéz e á doença, uma hospitalidade admiravel.»

Oh, mas que de chimeras e mentiras!

Aquelles ostentosos credos das boccas, afinal não vão alem d'um reclame feito a publicanos. O humanitarismo romantico dos discursos e dos livros, não passa afinal d'um travesti ridiculo do egoismo. Promulgam-se coizas sublimes, mas nunca se praticaram coizas mais abominaveis. Sim, é verdade, nós sacrificamos á justiça,—o que nos não impede d'especular c'o privilegio. Exaltamos a intelligencia, mas vamos deixando ao abandono os sabios e os artistas.

Fundamos asylos, mas prostituimos as mulheres, e attentamos contra o pudor das creancinhas. Abriram-se escolas — maguitico! — mas quem está ali que saiba ler? Os condemnados já não padecem a pena ultima; mas padecem a penultima, que lhes prolonga o martyrio, e é peor. Não ha escravos n'Africa: ha-os mais perto, aqui nas officinas de Lisboa. Estações colonisadoras no Nyassa... que é uma coisa que falta ainda nos descampados do Alentejo e Traz-os-Montes. Caminhos

de ferro : só resta agora arranjar mercadorias e passageiros. E quanto a festas agricolas, que bem cabidas seriam, n'um paiz que pelo menos tivesse, agricultura !

A pavorosa descrença que hoje impalluda tudo, e afugenta os tímidos das batalhas da vida, ao conluar-se á cubiça, ganha uma especie d'audacia fria e *faure*, que desatrêla na escalada da riqueza e do mando, os audaciosos. As classes dirigentes povoam-se de theoreticos que ninguem ouve, e d'especuladores e bandoleiros que todos temem.

A politica é o balcão em que se vem rebater por cédulas d'empregos e honrarias, as mais bellas forças creadoras da nação ; e mercê do bom preço das consciencias, n'aquelle mercado d'estrume contemporaneo, eis-nos assistindo á deserção dos homens cultos, de todas as profissões nobres e finas ; eis-nos testemunhas da inania de todas as actividades sociaes independentes, sciencia e artes, mercedos engajadores politicos que todos os dias nol-as desgarnecem dos engenhos que melhor poderiam fazel-as caminhar.

Aos quinze annos, a ambição de nós todos é ser rico, seja como for : e ser rico em

Portugal é hoje quasi tão difficil como ser honrado. A vida complicou-se d'exigencias, sem grandemente alargar os praseres que lhe deviam de ser correlativos. Subiu o preço de tudo, e á medida que o *struggle* se faz cada vez mais inquietante, o campo em que elle se exerce cada vez é mais safaro e improductivo. Por toda a parte, a pequena industria absorvida pelo monopolio; a posse da terra resvalando das mãos do camponez para as mãos do syndicato; o braço da machina substituindo o braço humano; o estrangeiro senhor dos nossos portos, dos nossos rendimentos e dos nossos campos; e o povo enfim explorado por todos, pelo padre, pelo recebedor, pelo deputado e pelo rei, sem recursos com que valer ás plantações phylloxeradas, sem igreja onde a religião de seus paes lhe caste apenas a fé, sem thear que o vista, sem escola que o ensine, sem hospital que o tracte, e sem a geira de terra que o sustente.

Nas proprias escolas superiores, a mocidade, perdido o sentimento da hierarchia scientifica, e a consciencia d'uma missão superior ás pequenas miserias do dinheiro, segue os cursos sem enthusiasmo, só pelo fim *d'arran-*

jar-se, e zombeteando o espirito da profissão a que esses cursos dão direito.

A sciencia resvalou assim do seu pontificado espiritual e supremo, a uma especie de forja onde se malham em vez d'engenheiros e legistas, simplesmente imberbes negociaveis, particularmente cynicos e servis, artigos de corruptella, que as familias vão empennar depois ás companhias de caminhos de ferro e aos comités eleitoraes onde aquella farraparia tem valor. Coimbra por exemplo, tem o monopolio dos oradores (a); Lisboa e

[a] Só na legislatura d'este anno vem á camara cerca de vinte e oito a trinta bachareis novos em folha, e ainda nem sequer desencasqueados das cencias da batina universitaria.

É conhecida a historia do conde de Valbom ensaiando o filho, nas ferias do primeiro anno de direito, a discursar contra um governo imaginario, fornecendo elle mesmo os ápartes, para acostumar o pequeno ao sangue frio. Tanto o menino estava certo do destino alto com que o futuro viria a galardoal-o, que inda de fraldas...

—Para que anda a estudar o meu lindinho? perguntou-lhe uma vez o conde da Figueira.

—*Pa minto.*

Porto reservam-se o fabrico de financeiros e jornalistas.

E sobre estes tres typos de rufiões em voga, o agiota, o fallador, e o artigoleiro, é que turbina, graças á apathia de cinco milhões e meio de portuguezes, o moinho politico, onde durante vinte e oito annos fez farinha o extincto rei.



Estabelecido que tudo em Portugal corre ao dinheiro, não vale apontar que a todos sobreleve em importancia, o agiota, e este tenha nas suas mãos o artigoleiro e o fallador, tanto monta dizer a imprensa e o parlamento, e atravez d'elles, negue o diabo se pôde — a monarchia.

É verosimilmente o que acontece: jornaes e camaras, quem não fôr do conde, ser do

marquez, e quem não fôr Hersent, ser Bartissol. Entanto esta batota publica sempre teria um ar menos devasso, se as cautellas apañadas no bolso dos politicos, *pour la reussite de l'affaire*, traduzissem ao menos o advento de capitaes portuguezes á execução das loucas obras que os ministros fazem votar... para a pesca dos dotes de suas filhas, e para o custo dos bric-à-bracs de suas esposas. Mas nem sequer esta consolação resta ao paiz! A moeda empenhada n'aquelle phrenesi de corromper funcionarios, para construir portos que estragam os rios, e caminhos de ferro que estragam passageiros, toda ella ou quasi toda vem de fóra. Mandam-na as judiarias de Paris, os banqueiros d'Allemanha, e os ladrões de colonias de Inglaterra. Ella sóa nas votações do parlamento, nas diatribes dos periodicos, e nas concessões secretas dos ministros; tremula no pau de fileira das gares e nos formidaveis titans dos novos portos; so-letra-se na magnificencia dos contractadores d'emprestimos, e na prodigalidade insolita de certos jornalistas. Funda sem escrupulos, por onde quer que passe, o regimen dos trinta dinheiros, e a sua tentação, que rola dos gene-

raes aos mais somenos *pious-pious* do exercito politico, afunda em diluvios de lama as sagradas conquistas da liberdade, e o luminoso prestigio entre que devera aureolar-se a ideia do Poder!

A citação de factos n'este ponto, além de repisar infamias conhecidas, só serviria a nos grangear conflictos pessoaes. Quem reler os jornaes dos ultimos nove annos, quem recordar as legislaturas dos ultimos quatorze, quem se fizer dizer ao ouvido os preambulos de certas fortunas, e as biographias de certos nomes, por demasia se illustra, á guiza de concluir que nós somos verdadeiramente os netos dos aventureiros por quem o sr. D. Pedro IV repartiu, como recompensas de guerra, os pedaços do reino usurpado á progenitura, e os filhos d'aquelles deputados que Rodrigo da Fonseca só comprava feitos, pela razão de lhe sahirem mais baratos.

De resto, é um contrasenso exigir que os costumes politicos sejam melhores que os particulares. O parlamentarismo não fallhou entre nós, por mau regimen, mas porque não ha formulas efficazes para nacionalidades cadueas como a nossa.

Conclue-se d'isto a deliquescencia da vida portugueza, nos seus duplos aspectos da consciencia e da moral. Lá começa primeiro uma separação completa e desdenhosa entre os interesses da grossa massa da população, e os da matilha que reparte entre si os dinheiros das rendas publicas, e se crapulisa na porfia escandalosa do poder. Vê-se em seguida a indifferença publica crescer em materia politica, os jornaes serem lidos só por passatempo, os actos do governo serem mencionados só como uma variante d'anecdotas obscenas, a politica armar em profissão sem hombridade, em impune *chantage*, e jornalistas e honuens d'estado enfileirarem, no conceito geral, logo em seguida aos ratoneiros e aos assassinos.

Os bem intencionados apressam-se a abandonar ao seu destino a causa publica, como Vicente Monteiro e Consiglieri, por não serem partes nem cúmplices nos crimes de lesopovo que sob a egide d'ella se commettem. Virá um dia em que o povo desnaturado por todas aquellas lições de compra e venda, farto de ludibrios e vexames, abdique por fim do seu ideal d'autonomia, perca a noção de solo, encha d'escremento as paginas da historia. . . e

permitta Deus que o não ouçamos bramir, com desesperada voz, aos echos da fronteira :

— Livrem-me d'esta canalha que me fez odiosa a liberdade, que em paga d'isso aqui lhes offereço a minha servidão !



Sobrepujante á sociedade irremissivelmente frascaria que pintei, o papel politico do sur. D. Luiz haveria por força que seguir alguma das versões que vou dizer.

— Ou o rei se tinha proposto a corrigir auctoritariamente os desmandos, pondo no throno uma especie de continuado de seu irmão D. Pedro V — Ou participava da orgia dominante, consentindo nos saques, para á sombra d'elles gastar folgadoamente — Ou tendo sondado a indole do povo, e os caracteres dos servidores e homens publicos que o cer-

cavam, apprehendia, como elle fez, uma obra d'absorção centripeta, matreira, paciente, entre os differentes circulos da vida social portugueza e o throno, posto como um fóco de crystallisação, no centro d'elles.

Nenhum homem fino, está claro, haveria seguido as duas primeiras. A da violencia, porque ella sobre não ter fundado nunca uma obra perduravel, só daria de si a formação quasi instantanea d'um grande partido hostil á realza. A da crapula, porque além das consequencias vacticinadas á primeira, acarretaria ella mais uma, funestissima — desgostar a Europa dos Braganças, e fazer-lhes perder as amizades que sempre tem ligado os nossos principes ás velhas monarchias.

Não houvesse outro testemunho das faculdades do monarcha extinto, a simples linha conductorial de seu reinado bastaria para conduzir o medico nevrista ao diagnostico d'um cerebro archi-perfeito. Era um intellectual: demonstra-o a sua habilidade politica, revelada pelo modo que atraz disse, muito melhor do que a cobardia physica do seu animo, do que as suas aptidões de musico, do que os seus gostos de litterato e d'artista, e do que a

sua prodigiosa vocalisação de polyglotta. Já-mais esses olhos de gomma, esses olhos d'agua, sem fixidez de pupilla, esses olhos de retrato e d'idolo, que rolavam o olhar sem ponto de mira, e olhavam p'ra dentro, p'ra longe, para toda a parte, excepto para a coisa em que apparentavam fixar-se; já-mais esses olhos ao envolver um homem, deixaram de tirar d'elle a prova real d'um talento ou d'um caracter— e em qualquer d'elles, sendo possivel, forejava o rei por abrir um canto de sympathia onde installar-se, como senhor ou como camarada.

Tão agudo era já por fim este proposito seu de seducção, que muita vez elle dispensou ou reduziu a etiqueta, para mais directamente hypnotisar, por via democratica, a gratidão ou a fraqueza dos individuos de quem desejava approximar-se.

A collaboração da rainha foi n'este ponto d'uma efficacia suprema e incomparavel. Poucos monarchas da Europa haverão tido companhia mais intelligente, associada mais habil, e comediante mais finamente senhora da marcação thronica, e da *mise-en-scene* dymnastica.

No jogo d'ella, nada vulgar, nem mesmo

as brusquérias, nem mesmo as palavras soltas, nem mesmo as *toilettes tapageuses* da sua ultima phase de mãe de filhos homens. Sobre um throno d'imperio, esta mulher ficaria sem duvida como um modelo de grande imperatriz. Dizem-no a sua indiscutivel grandeza d'animo, a sua orgulhosa comprehensão do prestigio real, a transcendencia rara do seu typo, moldado para o throno com um inolvidavel poder d'offuscação, e mais que tudo as suas subitas intuições da magestade moderna, que é toda artificial como uma creação de theatro, e no entanto lá continua a esmagar ainda, sob as rodas do seu carro, as desgraçadas e cegas multidões.

Quantas vezes, o animo do rei, ao ir humilhar-se e transigir perante a ameaça d'uma conspiração politica, ou d'um violento ataque dos jornaes, encontrou a seu lado essa varonil figura a ordenar-lhe energia, e a sustentar ella só as prerogativas da corôa enxovalhada? Em 19 de maio, quando o Saldanha subia a Ajuda, acaudilhando tropas insurrectas, o terror do rei foi a tal ponto, que se fechou n'um cubiculo do paço, sem força quasi para articular uma palavra. A rainha veio ter com

o marido, incitou-o a resistir contra todas as intimativas que representassem menoscabo á magestade; e vendo-o passado, branco, gaguejante :

— O senhor é um m. . . ai quem pudesse descer á rua com uma espada !

N'este reinado neutro de vinte e oito annos, podre de paz e de costumes, com tapas d'ouro sobre catacumbas de miseria, e villanagens odiosas sob apparencias de progresso e d'egualdade, duas figuras apenas conseguem romper a chatinagem commum, aspirar á consagração da estatuaria, e adquirir por vezes a grandeza historica de typos dominadores e extranormaes. São a rainha, e Fontes, os dois verdadeiros mestres, os unicos sinceros amigos que teve S. M. o rei D. Luiz.

Maria Pia ensinou o marido a ser rei. Fontes Pereira de Mello ensinou seu amo a ser politico. Pelas lições do ministro, aprenderia o monarcha a respeitar as apparencias quanto á lei, e a substituir-se aos partidos, no ponto em que a acção d'elles ia ser nulla, ou ameaçava tornar-se contraproducente ou perigosa : isto sem os desprestigiarem jámais á face da nação. Assim cuidámos ter sido governados,

n'esses vinte e oito annos, que os jornaes officiosos chamam *progressivos*, unicamente pela vontade collectiva, expressa pelo voto, e resumida nos charivaris do parlamento, e nas sessões nem sempre pacificas do conselho d'estado — quando era o rei quem fazia pender a balança, as mais das vezes, pondo n'um prato o seu veto de senhor inexpugnavel, embora brandido de gesto, e cordeal e meigo de sorriso.

Com os seus conselhos, Fontes deu-lhe força. Com a sua nobresa, a rainha impoz-lhe auctoridade. Expira o ministro, mas a rainha fica, e é ainda ella quem galvanisa esse valedudinario cada vez mais sceptico dos homens, que de bom grado passaria o resto da vida a interpretar Sakespeare n'um canto de bibliotheca, e a dar vasante pelo amor ou pela musica, á porção de sonho que d'Allemanha lhe trouxera o romanescos sangue de seu pae. Expira o ministro, e o rei então comprehende que se a vacuidade ambiciosa das camarilhas politicas que o cercam, lhe permittira arrogar-se até alli o papel de primeira e unica força inabalavel do paiz, é essa mesma vacuidade quem d'ora avante o impedirá d'aglutinar os homens em partidos nitidos e estremados,

de fazer mover a engrenagem constitucional sobre roldanas solidas, de dar á representação nacional uma sombra sequer de legitimidade — porque se esfarella tudo em igrejetas de seis e sete, postos de roda d'um balofo, proclamado em familia chefe de facção.

Mercè d'esta *degringolade* successivamente affirmada em quatro annos de cadeiras partidas, de discursos pulhas, e de composições e sizões para a direita e para a esquerda do antigo partido fontista, ahi temos thronando um dos compositos ministeriaes mais heterogeneos e peores que tem havido, porque governam o paiz as esposas e as filhas dos ministros, enquanto os maridos e os paes andam pescando, nas altas e baixas de fundos que elles mesmos provocam, a fortunasiuha arraujada de combinaçào com os banqueiros.

Tivesse o rei escutado a voz da esposa, n'aquelle memoravel conselho de ministros, uma tarde, quando o gabinete aturdido pelas terriveis accusações feitas a um dos seus membros, onsou supplicar da coròu, dizem, a immediata amputaçào do accusado: e não teriamos assistido a essa barafunda medonha de processos, represalias exerci-

das contra adversarios, sobre o testemunho de minutas duvidosas; de copias photographicas de documentos officiaes, mandadas tirar aos volumes, pelos ministros, como arma de vingança contra futuras accusações; e a toda essa insolente prosapia que se lhe vem seguindo depois, fundada na impunidade d'uma primeira absolvição, e ameaçando impor-se em dictadura á *nisaiserie* do rapazolla recém-coroadado que ali está no paço de Belem, á espera do primeiro ensejo p'ra debutar com uma tolice.

Perguntar-me-hão agora se o senhor D. Luiz foi bom ou mau, como soberano. Bom, dada a especie de gente que o cercava. Pessimimo, quanto á ruina do paiz, que o seu reinado adeanton mais que nenhum.

D'elle se conta que, sabedor das empalmanças que lhe fazia o medico, n'uma preciosa caixa de charutos, mandara occultar-lhe na tampa um apparelho de musica, que desandou a tocar, d'uma vez em que o vicioso doutor tentou abril-a. Isto define talvez a sua attitude sobre o throno, que foi a d'um intelligente bem intencionado, frouxo é verdade, mas cheio do respeito do seu cargo, e cons-

ciente das altíssimas responsabilidades que impendem á corôa, como fiadora das instituições e da ordem nacionaes. Infelizmente elle não podia esconder realejos d'alarme na tampa de todas as concessões e contratos do seu ministerio, attento o barulho infernal que isso faria a toda a hora, em toda a parte, e por todos elles. Qualquer linha de conducta diversa d'aquella que pessoalmente seguiu, haveria precipitado irreparavelmente a nação em bancarrota politica e financeira. Entanto o seu reinado escora apenas uma obra de presente, e não deixa um raio de luz que atravessando a historia, vá recordar o seu nome á civilisação. Foi ephemero, deleterio, sem ideal, sem hombridade. Do seio dos costumes politicos, que elle talvez pretendesse adoçar, rebentam cada vez mais paixões ignobeis. E d'aquelles vinte e oito annos de parlamentarismo não fica um orador; de tantas pugnas jornalisticas não fica um artigo; da litteratura que elle apadrihou, não fica uma pagina; dos artistas que protegen, não fica um quadro, uma estatua, um edificio; e d'essa alta finança enfim, que fez no seu reinado a chuva e o bom tempo, não restará sequer um perdulario de gosto, ou um philantropo.



Fechando o caso.

O rei que vem, tergiversa do pae, ou continua-o? Saltando para a tipoia do throno, eil-o entra na Ajuda governado pelo snr. José Luciano, o mesmo sereno que acaba de levar a S. Vicente o rei finado. É mau começo!

Emquanto simples janota, o snr. D. Carlos tinha uma certa graça ao interpretar a corôa como uma especie de chapéu de côco, em oiro, que se passeia em trens de praça, e se põe á catita nos beijamãos de que reza o kalendario. Mas depois d'aclamado, o caso muda: a corôa pesa, e o janota, ou a põe como deve, ou vae-se embora. Vida nova nunca se fez com gente velha.

Segunda-feira 21 d'outubro, pelas 10 horas da noite, foi o cadaver do rei trazido da alcova mortuaria de Cascaes para o grande coche que devia arrastal-o até aos Jeronymos. Estava uma noite escura e tormentosa, com ventania e chuviscos; por fórma que a alablada da cidadella, á luz dos brandões e dos archotes, foi uma d'estas grandes pinturas a dois tons, negro e vermelho, magnificas para gravar no espirito a nota funebre, e para trazer a emotividade publica á suasaõ optica d'uma especie de catastrophe irreparavel. Sahlido da camara ardente, o cortejo desceu as escadas que vem da bateria ao pateo da cidadella, desenrolando-se lentamente, em *silhouettes* tenebrosas, sobre o fundo da muralha lambida pelo sanguino de chamma dos luzeiros. Vinha adiante um monte de figuras, que me disseram ser os guarda-roupas, os moços de camara, particulares e reposteiros, com brandões que derretiam de lado, ao revolver dos fogachos torcidos pelas inquietações da ventania; e logo apoz o grande vulto da tumba coberta de velludo roçagante, e trazida em padiolla por archeiros fardados de vermelho e d'amarello. Aquelle enorme caixão vinha

sem pressa, e d'aonde eu estava, parecia que alguém por detraz se lhe tinha agarrado á cabeceira, como quem se abraça, desesperado, a uma jangada que vem de rustilhão, por uma cheia.

Era a rainha.

Grande e de negro, com uma cauda de lastima e um grande veu de musa da tragedia, essa mulher tinha no porte a formidavel rigidez com que a dôr cadaverisa o orgulho humano, e esse prestigio hierarchico, amplissimo, grandioso, que mesmo aos scepticos se impõe como um retoque de Deus sagrando as castas predestinadas a eternamente intervir nos destinos dos homens e das nações.

Ao lado o infante, o filho amado, o querido Saboia, o mais que todos real e galhardo gentilhomen da familia — esse de roda a cuja impetuosa mocidade, franqueza rude, e limpidez serena de caracter, todas as sympathias acordam, como em presença d'uma figura desherdada por engano chronologico, da fortuna politica de ser rei... E vem depois ministros, açafatas, padres, gentishomens : aquillo tudo espalha-se com attitudes phantasmaticas no pateo, n'um circuito piedoso que é todo

um drama de tinta da China e vermelhão, á luz das tochas — quando de vagar um coche avança, os padres se achegam murmurando as encõmmendações do ritual, e o athaude entra por fim dentro do carro, no meio da estropiada da cavallaria que se põe a caminho, pela estrada de Lisboa, da soturnidade da noite que amadorna as alturas, da impaciencia do vento que faz bruxulear as chamas dos tocheiros, e da melancholia do occano, phosphorente, alli perto, a cantochar o psalmo das grandes agonias apasiguadas em fim no seio da morte !

Lenta, mui lenta, a procissão caminha pela estrada, abandona o povoado, entra nos campos; a rainha fechou-se n'um landeau, os dignitarios fizeram o mesmo; só os creados vão de roda ao carro funebre, espalhando o crepusculo das luzes, palmilhando a lama de bicornes, vestidos d'escarlata e d'amarello como arlequins. A cada passo, uma casa entreabre-se nas arvores, um portão de quinta entreabre-se, luzes avançam, e é toda uma familia que desce a receber o enterro, attonita da mistura de grotesco e de tragico que elle repercute. Depois percorrem-se ainda novos

campos de sombra, atasqueiros medonhos, gargantas asperas entre rochedos e muros: e ouvem-se os cães latir funebremente, ha vozidos de mochos, e estrondos de canhões longinquos, que vem sobre a agua, n'um ullular d'espanto e de pavor.

A estrada é difficil, pedregosa, ondulante, ora a estreitar-se entre barreiras, ora a descer tumultuosamente a terrenos de leveda e escusos valles, em que se ouvem gorgear as lymphas dos barrancos.

Nas arvores que passam, desconnexas de forma, em grupos umas, outras destacadas como torres e monstros na còr de cinza do ar, ha como acenos de pantomima e de galhofa. As rajadas do vento trazem do largo rumores não se sabe de que, segredos, beijos, imprecações, miserias, lastimas, insultos — todas as vozes das coisas em que ainda ha consciencia e restos de pessoas. E quando se põe o ouvido á escuta, ouvem-se phrases inteiras, da terra que tem fome, do ar que tem miasmas, das arvores que não querem mais estar captivas, do mar que pede que o larguem, para tragar d'um góle o mundo inteiro!

A obsessão da morte paira na ideia de quantos alli vão. Raros conseguem, n'essa asperíssima jornada, fechar olho; é uma inquietação, uma impaciencia, uma angustia de todos os nervos e de todos os suspiros, que parece que se tem no peito a pedra d'um sepulchro, e que todo o resto da vida se hade passar assim n'aquella treva espessa, empós d'aquella rainha pallida, comboiando o rei morto, como Joanna a doida, atravez as solidões dos seus estados.



Já não tem conta as vezes que o prestito fez alto, as cabeças vieram espreitar ás vidraças dos carros, e cravados em lama até ás curvas, os archeiros se uniram p'ra desencalhar dos atascas o coche mortuario. Longe, n'uma zona do ar que deve ser a cupula de Lisboa, um diffusivo rubor tinge de vivo a noite lo-

brega. É o reverbero do gaz d'encontro ás nuvens. E a cada instante, fitando aquella aurora ephemera e movediça, que não avança, nem se caracteriza, nem se alastra, todos perguntam se falta muito ainda, impacientes porque lhes finde o pezadello.

Só a viuva quer que esse caminho não finde, que essa jornada prosiga sem acabar já-mais, ao vento, á chuva, entre as animalidades chimericas que a imaginação ergue das trevas, entre os soluços da sua alma ulcerada de martyrios, entre a agitação dos panicos tumultares, e todas as grandes illusões crucificadas e desfeitas d'aquella sua ultima noite de rainha.

Dôr, que deliciosa tu és para essa mulher que ainda tem a corôa na cabeça, quando ella ousa comparar-te ás grandes agonias d'envelhecer amanhã n'um palacio sem côrte, nem recepções, nem comitivas, alli, a um canto, longe da culminancia do throno, dos evolês da imprensa, dos grandes triumphos scenicos de roçagar brocados e velludos, esquecida talvez pelos proprios miseraveis que ella cobriu de beneficios, e dos dignitarios e servidores que fez tremer sob a imperiosa suggestão do seu olhar!

Oh como ella quizera encher esse caminho de cirios que fossem incendios, como ella quizera tetanisar esse cadaver de gestos que fossem resurreições, e surgir outra vez transfigurada ante o seu povo, reviver a existencia altivola d'outr'ora, quando em S. Carlos, vestida còr de malva, os cabellos magnificos em aureola, via as mulheres invejarem-lhe o prestigio, e toda a gente emover-se á incomparavel distincção da sua estatuaría!

E em terriveis golphiões, as suas lagrimas de novo a asphixiam: a camareira toma-lhe a cabeça, de joelhos supplica-lhe coragem: ella não pôde, ella rebenta: soluços tragicos derreancam-lhe a architectura nobre de princeza, o temperamento hysterico visiona-lhe para alem do real, as confusões da sua grande queda, e nos gritos da garganta, semi-roucos, lê-se a angustia da christã que não pode afogar em si a colera da rainha impotente para mandar castigar Deus, como o furia a qualquer regicida, seu vassallo!

A cada momento o infante, inquieto, traz o cavallo á portinhola do landeau, bate nos vidros: os dois rostos contemplam-se.

— *Petite mère, vas tu bien?*

Oh, se ao menos este filho mais novo fosse o rei! . . .

Na lama, os coches ameaçam ficar despedaçados, as grandes rodas acravam-se té aos eixos, rangem as correias, o gado esfalta-se, e a fadiga dos moços é pelo menos egual á dos muares.

Luzes n'um vale. Um logarejo! O caminho aplaina-se, e pela primeira vèz podem marchar em prestito ordenado.

À beira da estrada, illuminados com lampadas electricas, chalets afusam no ceu plumbeo os cocurutos d'ardozia: ha stores de côres, salinhas de jantar com arbustos de luxo, pianos abertos, cristaes, gaiolas e tons claros; depois cantos de parque, d'onde sahe um bullicio de cascatas e de folhas, portões senhoriaes, alterosos cancellos, grandes palacios mudos como fortalezas: e de todos os recantos da noite chegam tochas, homens e senhoras, creados ainda em avental, bebés que trazem na bocca uns restos de brioche e de torrada, toda uma população voluvel de praia que tomou chá mais cedo, essa noite, e vestiu à pressa o dominó do lucto publico, para assistir entre duas walsas, ao que ella já intitula—a chegada do cirio de Cascaes.

À passagem do feretro alguns inclinam-se, e um murmúrio d'avidéz passa nas boccas — é a rainha, é a rainha — quando o landeau fechado entra na zona luminosa do caminho. Todos desejaríam vêr o rosto d'ella, tanto a memoria do publico está cheia de rumores sentimentaes. . . a sua dedicação magnifica, as vigílias no quarto do marido, e das palavras solemnes que ao filho disse, hirta e de negro, estendendo a mão, já sem anneis, sobre o cadaver. . . Lamenta-se em geral que os fócios electricos tenham estragado o golpe de vista funebre das tochas, e que aos iniciadores da recepção não occorresse mandar parar a machina, em termos das lampadas d'incandescencia não acanalharem áquelle ponto, o vestuario d'entruído dos archeiros.

— É a rainha! é a rainha! — e algumas tochas quasi lhe vem bater nos vidros do landeau, como a chamal-a, para que venha agradecer a proscenio aquella manifestação de sentimento. Ella não sente, ella não ouve: passa indifferente á algazarra e aos commentarios. . . é que o seu ouvido bebe, atravez do brouhaha d'esse publico grazina, disfructador, postico e miseravel, não sei que som de pia-

no, lá longe, lento e abafado entre os arvoredos, um som de piano hostil, que nem á passagem do rei morto quiz calar-se.

Alli é-se talvez feliz! Ser feliz... aonde? como? E esta ideia molesta-a por fôrma que as suas lagrimas rompem outra vez, n'um choro manso, agora sem soluços, sem queixas, n'uma effusão de ternura subita, fundente, choro de mulher enfim desilludida das artificiaes condolencias de quem, mesmo ao interessar-se por lastimas d'outrem, por mais que queira, fica totalmente estranho á essencia d'ellas.

Oh lagrimas puras de rainha desilludida, que te resolves alfim a ser mulher! Deus haverá pesado essas amarissimas horas da tua fraqueza, e permittido que tu, não podendo entrar na immortalidade por mercè de grandes feitos, ao menos fiques na memoria dos artistas, como uma translucida visào do feminino eterno e do ireal!



Outra vez o cortejo entra na noite, e prosegue entre os clarões dos archotes, a sua vagarosa marcha mortuaria. Na frente ha um esquadrão de soldados a cavallo, moços com fachos, e logo em seguida os trens n'um grande renque, após dos quaes vem o landear da rainha, o coche funebre e o carro de respeito, fechando tudo com as gentes do infante, e outro magote ainda de creados a cavallo. Aquella lenta cobra engolpha-se, coleando, na escuridão phantastica da estrada, onde o clarão dos fachos deita instantaneos golpes de vermelho. Á direita, por baixo dos taludes da rocha, o rio resfolga : é uma planura densa e alcatroada, linhas d'espuma e phosphoro nas ondas, fervores e fugas, galgões, açoites, e para além d'agua, uma grande barra de montanhas, esbatida a nankim sobre um ceu d'es-

ponja, onde escorregam franjas gigantescas, em todas as gradações do cinzento livido das nuvens preches d'agua. Da esquerda, abruptos socacos, despenhadeiros e ranhuras de calvarios, onde alguma arvore se estorce ás rajadas do vento. E para além, charneças alagadas de tinta, sem luzes, sem perspectivas, sem arvores, d'uma desolação perplexa, a resumbrar nostalgias d'ossuario. Dir-se-hia uma paysagem do rei Lear, a tres côres opacas e infundiveis, o negro, o vermelho e o pardo, e nenhum horisonte mais que a nevoa, e nenhuma decoraçào além d'aquellas nupcias do orgulho e da morte, arrastando-se ao passo dos cavalloos.

Carravellos. A estrada internou-se pela terra, deixamos d'ouvir o rio, e n'essa campina raza ha um silencio de campos sem cultura, que o latido dos cães apenas atormenta. Alguns pinhaes mais além, gemem ao longe; depois a estrada enterra-se entre muros de quinta, galga pontes vetustas, lançadas por cima de riachos; passa-se o arco, e Oeiras apparece. Novos archotes, gente ás janellas, luzes, magotes de povo ao longo da rua irregular por onde o enterro passa... Depois, tor-

nam-se a ouvir os marulhos do Tejo, pela direita, a dois tiros d'espingarda, e alvejam como montanhas d'ossos, a um lado e outro do caminho, os depositos de pedra dos canteiros de Lisboa. Entra a chover. As grandes franjas de nuvem que zebram o ceu, parece que se alongam cada vez mais, como enormes crepes. Por momentos dil-as-hieis miragens d'arvores gigantes, cryptomerias, copressos, wellingtonias, todos os monstros da flora anti-diluvial dos velhos continentes, com a sua sensaçõ de pesadello subterraneo e mina de hulha, a sua luz hyperborea, e a frialdade medullar que infundem as grandes obras da natureza em via de regressão ao eterno nada. Caxias, Gibalta, Boa Viagem... já uma vida começa a trepidar n'esse ainda longiquo arrabalde de Lisboa. A estrada vae quasi toda á beira rio. Ha poucos arvoredos, mas os jardins abundam, fechados em muros alvos, os *chalets* abrem os olhos pelas persianas das janellas, tornam-se a vêr salinhas confortaveis, interiores de familia, *nurserys* claras onde as creanças de bibe tomam chá, ou adormeceram nos braços das poltronas: e de repente, no alto da Boa Viagem, o panorama do rio abre-

se em leque, na noite, entre tres fogos de pharoes — Cacilhas, S. Julião, e Torre de Bellem!

Rembrandt apenas, ou Domingos Sequeira, poderiam dar a impressão do que me passou pela cabeça, n'aquelle morro calado sobre o mar, às duas horas d'aquella madrugada d'outubro, sob a chuva e o vento, e os aspectos tragicos da natureza e dos homens conluídos na mesma conspiração de bello-horrivel. É quasi certo que me hei-de rir amanhã d'estas visões, cujo fundo d'assombro não existia talvez senão na febre gestadora do meu cerebro: entanto é extraordinaria a epilepsia com que a imaginação começa a esfuriar-se em certas horas, e larga, das cavernas do medo, o bestiario da allucinação doida e disforme!

Sobre a planura d'agua, lá em baixo, um movimento ascencional d'ebullicão fazia-se na sombra, um rumor de diluvio — *cu! cu!* — prestes a engulir d'um salto a costa e a terra: aquillo crescendo em vozidos roncos, da barra, como um tropel de toiros furiosos: quando por cima, outro bestiario maior rolava já, de nuvens lobregas, d'animaes-demonios, de seres tallados na turgencia da deformidade,

larvas e sphinges, morcegos e pantheras, misturando especies incoherentes, as viscosas ás córneas, e o todo a esfarrapar-se em chuva sobre a cabeça das coisas que tocava. Aqui e além, fanaes que por instantes se somem: phosphorencias que voam, como fogos-fatuos, sobre a crista das ondas; ou subitos relampagos, a que succede nma fiada d'estrondos de canhão... E das bandas da terra, a mesma indecisa abundancia de negrumes, sem *silhouette*, imbricados uns nos outros como ardosias, e obliquando-se, em sinuosas linhas, té á agua. São terras lavradas, parques, fações adormecidos, charneca, solidão... Depois uma serie de manchas lividas, sobranceiras ás informes corcovas d'essas trevas, a trepidarem d'incertas claridades: e por ultimo as raras, as fugitivas zonas luminosas... o reverbero d'um candieiro n'um muro branco, o braço d'uma torre, hirto no ar — aquillo suspenso em attitudes de capricho, e entre esse ruge-ruge de vida invisivel, que é á noite, a respiração dos sitios habitados.

D'ahi por deante, é já Lisboa. Successivamente a estrada povòu-se de gente, ha candieiros de petroleo nas janellas, carro-

ças e burros de lavadeiras no caminho, pelos pateos, nas tabernas, á porta das estalagens.

Cruz Quebrada: nova recepção com brandões, no bairro dos chalets. Seguidamente o cortejo faz a sua entrada no Dafundo, passa entre o jardim publico e as residencias de campo que alli ha, entra em Algés ao troar dos canhões da bateria, avança ainda pelo corredor do Bom Successo, e vem apontar finalmente ao arco, como uma scena de Hugo, interpretada a guache, por Gustavo Doré.

A chegada aos Jeronymos é lugubre. O rio resmungo: ha nevoeiros que fecham o horizonte, e envolvem n'uma gaze alvacentá, os lampeões; e cada vez mais o ceu rebate sobre os tectos, *ventre á terre*, o seu chuvisco fino e enregelado! Da fachada gothica da igreja, amarello ferrugem, que dir-se-hia feita d'ossos cariados, apenas se lobrigam na luz dubia, aos lados do portico, grandes janellas esguias, cujos *vitraux* choram vermelho e azul, em grandes gottas, e a torre bysanthina de Cinatti, posta no angulo solido do edificio, como a

thiara d'un papa sepultado lá dentro, aos pés do altar.

Do sítio em que eu estou, aquella thiara immensa occulta-me as primeiras torres dos dormitorios da Casa Pia, e um grande bocado ainda de muralha: e só vejo lá longe, dois phantasticos luivos perderem-se no ceu cinzento, brancos e finos, que são as outras duas torrelhas octogonas entre que se abre a entrada para o Museu Commercial.

Dentro, na igreja impossivel d'esclarecer com luzeiros de lampadas e tochas, uma sagrada penumbra erra nas naves: ha pavores seculares, restos de lendas trazidas das viagens, demoniuharias medievas, nos escauinhos das capellas e dos nichos: e pela abobada alta, artezoada em caixões de bordos salientes, figurando rozaceas, cruces e xadrezes, turvos vapores oscillam como incensos, apagando os relevos, prolongando mais a desmesurada altura das columnas, e tocando tudo do quer que é d'apothetico e d'incerto. Áparte a capella-mór, todo o templo está limpo de decorações e d'ornamentos, e conserva, á luz

das velas, a sua nudez monastica e grandiosa. E é magnífico vêr todos esses columnellos pallidos subirem, alados quasi á força de ligeiros, té ao tecto, a destacar sobre o boqueirão de noite que é o côro ás escuras, aberto ao vago, e em cujo mysterio os *chatons* da rozacea põem como dois olhos de gato, cor de phosphoro.

Eis o instante do cortejo abordar a gradaria externa do mosteiro. Renques de povo enchem os passeios fronteiros a essa grade, e é pelo corredor intermedio que os lanceiros passam, que os trens desfillam, e os homens de vermelho brandem archotes, como velhos d'entrudo, ao de redor do carro funebre. Vejo uma procissão de tochas golfar então da portaria dos Jeronymos, descer á rua, envolver em clarões bruxuleantes o portico e todas as incorporeas rendas da fachada: e logo, n'esse circulo de chammas, homens d'escuro virem ao chão, reverenciando a mulher que sahio do landeau, e que parece enorme e splingica, n'aquella postura immovel, entre as brumas do veu, como uma allegoria de dôr e expiação.

Já prestes, grandes alas se abriram para deixal-a passar, direito á igreja. Porém ella voltou-se, alguma coisa lhe falta, abaixa a vista; e a camareira comprehende...

É a cauda, que convém primeiro despregar nas lageas, em pregas magestáticas, uma a uma, não vá ella estragar a sua grande entrada d'atriz, na scenographia gothica da igreja.



OS GATOS

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO MENSAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 3 — Novembro de 1889 a Fevereiro de 1890



PORTO

CASA EDITORA ALCINO ARANHA & C.ª

Rua do Bomjardim, 95

FILIAL EM LISBOA

75, Rua dos Retrozeiros, 75

PORTO

Typ. da Empreza Litteraria e Typographica

178. Rua de D. Pedro, 184

SUMMARIO

O ENTERRO DO REI D. LUIZ — BANDEIRAS A MEIO PAU, VITRINES A MEIO TAI-PAL, SALVAS A MEIA POLVORA, E PATRIOTAS A MEIA LAGRIMA — A COMEDIA DA DÒR: JORNAES, TALHOS E LOGISTAS — OS QUE TRAFICAM COM A MORTE — O NOBRE ANCIÃO QUE AGRADECE AS DEMONSTRAÇÕES DE PEZAR AOS ESTRANGEIROS — CORRELAÇÕES MYSTERIOSAS ENTRE O CHAVELHO E O LUCTO — LISBOA MACABRA — DE COMO NADA A DIVERTE MAIS DO QUE UM ENTERRO — PARA A HISTORIA DA MINHA AFFECTIVIDADE — O QUE FOI O SAHIMENTO FUNEBRE DO REI — OS MAGNATAS TEEM QUASI TODOS CARAS D'ESTUPIDOS OU DE FACCINORAS — RAPIDO ESBOÇO DO PRESTITO — POR QUEM CHORA ESSE COCHEIRO DE PRAÇA? — AS DEPUTAÇÕES POPULARES — O REI EM DUAS PORÇÕES — PORQUE NÃO VEIO

A TERRA O D'EDIMBURGO — DE COMO O ENTERRO DO TIO ACIRROU NO SOBRINHO IDEIAS DE PROPAGAÇÃO — PEDE-SE AO PUBLICO QUE VÁ VISITAR O HOSPITAL E A ESCOLA MEDICA — AS ENFERMARIAS, AS AULAS, E O RETRATO DE D. JOÃO VI — DERROCADA GERAL — O DR. THOMAZ DE CARVALHO DECRETA A ABOLIÇÃO DO CAPILÉ — REFORMAS A INTRODUIZIR NO CURSO MEDICO — COMO OS GOVERNOS CURAM DO ALTO ENSINO — D. LUIZ DECLARADO PAE DA MEDICINA PORTUGUEZA — RECEANDO FICAR SOB OS ESCOMBROS, ALGUNS PROFESSORES COMEÇAM A DAR AULA NOS JARDINS — JOSÉ LUCIANO VISITANDO A ESCOLA MEDICA, ASSUMPTO PARA O PROXIMO CONCURSO DE PINTURA HISTORICA — DO RECEBIMENTO QUE POR BANDA DOS CATHEDRATICOS HOUE — GUARDA-CHUVA SYMBOLICO, E DIALOGO EM QUE SE RELATAM PRODIGIOS D'OCULISTICA — O HOMEM DOS TRES OLHOS — O CASO DA OPHTALMOLOGIA FACULTATIVA — JOSÉ LUCIANO, ARBITRO MAXIMO DOS DESTINOS DA FACULDADE — FORNADAS DE LENTES SEM CONCURSO — MANEI-

RA PRATICA D' AVERIGUAR SE UM RATÃO É CELTA — «INTERVIEW» COM O IMPERADOR DO BRAZIL — A BORDO DO «ALAGOAS», DESAMPARADO — O AMIGO REPORTER E O AMIGO DE PENICHE — A ROUPA SUJA DOS PRINCIPES NO DESTINO DAS NAÇÕES — DE COMO DEODORO SABIA QUE O IMPERADOR USAVA MEIAS BORDADAS — AS LIGAS DE BENJAMIM CONSTANT E AS CEROUHAS DO CONDE D'EU — O EXERCITO VÊ NAS CEROUHAS UM ANTAGONISMO DE CASTA, E REVOLTA-SE — IDEIAS DE D. PEDRO II SOBRE A BANDEIRA DA REPUBLICA — A FARINHA DE PAU, REFRIGERANTE DOS ESTADISTAS BRAZILEIROS — SINGULAR MANEIRA D'ACABAR UMA «INTERVIEW» — CARTA A D. CARLOS SOBRE AS MAGNIFICENCIAS DA SUA ACCLAMAÇÃO — SEMELHANÇA ENTRE S. M. E O COCHEIRO DA SNR.^a DUQUEZA DE PALMELLA — NECESSIDADE QUE TEEM OS REIS E AS COCOTTES DE SEREM BELLOS — COMPUTAM-SE AS FESTAS REAES — DOIS CORTEJOS ANTIGOS — CRITERIO HISTORICO DA REALEZA — AFINAL DE CONTAS, QUEM É V. M.? — GALERIA DE MONSTROS BRIGAN-

TINOS — O PAÇO É UMA DEPENDENCIA DA LEGAÇÃO BRITANICA — CHEGADA DO CORTEJO AO PALACIO DAS CORTES: OS ARAUTOS, OS COCHES, E AS BARRIGAS DAS PERNAS DOS REIS D'ARMAS — ASPECTO DA SALA DO THRONO — O NUNCIO DE ROXO, E GRAVIDO — O COUPLE REAL: PEDEM-SE UMAS SAIAS PARA O REI, E UM BIGODE POSTIÇO PARA A RAINHA — FOME NO EXERCITO E INTERFERENCIA DO CIMONTE NO GENERALATO — A CORTE EM S. DOMINGOS — D. CARLOS I E ULTIMO REI DE PORTUGAL — O BRAZIL ENVIU-NOS O SEU IMPERADOR NO «ALAGOAS»: PAGUEMOS-LHE A OFFERTA, ENVIANDO-LHE CARPAS, N'UMA BARRICA DE SALMOURA — HA VINTE DIAS QUE O PAIZ NÃO FAZ SENÃO GRITAR, VIVA A REPUBLICA! — A COROA NÃO TEM MAIS QUEM NA DEFENDA: TODO O EXERCITO É REPUBLICANO — O SONHO D'UMA GRANDE FEDERAÇÃO PENINSULAR — ÁMANHÃ.



Sabbado 26 d'outubro, trasladação da magestade extincta para o carneiro real de S. Vicente. Foi um dia feriado em toda a cidade. Quasi todos os estabelecimentos fecharam as suas portas. Quasi toda a gente appareceu de lucto nas ruas. As bandeiras estiveram a meio pau. De quarto em quarto de hora, os canhões das fortalezas e navios de guerra davam salvas. E os jornaes publicaram retratos do monarcha, com artigos de choro em verso e prosa, deplorando aquella perda nacional...

Já quatro dias antes, esta jeremiada começara a produzir nos animos um vago estado irritativo, um nojo dos homens, e um asco a feira das vaidades, sobremaneira nocivos á eclosão de qualquer sentimento sincero e des-

interessado. Na barafunda de todos aquelles testemunhos publicos de condolencia pelo throno, o que se viu foi cada qual sacarrollhar do caso o expediente que mais rapidamente lhe podesse dar diuheiro, vangloria, ou probabilidades d'exitto em qualquer coisa. A comedia da dôr, representada por vinte ou trinta cortezãos, na alcova mortuaria de Cascaes, viera-se generalizando, por espirito de bugiaria, de zona em zona, té descambar em farçadas de rua, mercê da inconsciencia da bestiola popular que macaqueia o que vê, sem grandemente pôr sombra d'intuito n'aquelles actos reflexos do seu eixo nervoso amolleido.

Não houve em Portugal ninguem, graças a Deus, que não violasse o respeito da magestade morta, talhando-o em taboleta de loja de fazendas, em episodio de galhofa, ou em thuribulo infame para abjectos *Te Deums* á magestade viva!

Brazões d'edificios publicos e lojas de cautellas, cobriram-se de negro. Os jornaes trataram com a agonia real, matando o senhor D. Luiz seis horas mais cedo, para serem os primeiros a vender supplementos choraminhões. Coroneis fizeram-se pagar versos na inu-

prensa, dando pezaues á rainha, e de caminho attestando a disciplina dos seus regimentos. Nos armazens de modas, exposições de merinos de lucto, onde os disticos dos preços se entrelaçavam d'allusões ao *chorado monarcha*. Lojas de bugigangas, armaram a frontaria de crepes e pannos mortuarios, como se os bonecos de porcelana estivessem lá dentro a celebrar exequias pelo rei. E de quarto em quarto de hora, durante tres dias, os cuvilheiros de Belem tiveram alma de massacrar os leitores do *Tempo* e *Novidades*, com filetes do grande desgosto em que tombára a D. Anelia, ao saber que lhe tinha sahido a... sorte grande!

No capitulo das manifestações de dôr individual, chega a ser clownico o sardonismo que a canalha publica fez chispar do lucto decretado pelo sr. José Luciano, no *Diario do Governo*. Homens que não haviam deitado lucto pelos paes, cobriram-se todos de fumo pelo rei. No dia do enterro, vi eu um gordo descer a Rua Nova do Carmo, coberto de nojo, e trazendo uma facha de crepe enorme, no chapen de chuva. Outro, já velho, d'aspecto aristocratico, entrou na livraria Fern lavado em pranto, e dirigindo-se a um empregado,

pediu-lhe transmittisse ao cavalheiro francez, dono da loja, os agradecimentos que elle, como lusitano de gemma, lhe trazia alli, attenta a prova de benevolencia que a França dava ao paiz, conservando meio taipal aparafusado nas vitrines do estabelecimento d'um dos seus representantes.

E para cumulo do desaforo, um talho que ali ha p'ros Romulares, adornado de cabeças de boi, em barro e gesso, enramalhetou os chavelhos das rezes (*b*) com louro e crepes

(*b*) Esta correlação mystica entre a homenagem devida aos mortos, e o corno, é uma das poucas características sobreviventes á já hoje apagada indole portugueza. Ali vão dois exemplos. Um *ganadero* do Ribatejo, a quem morrera a senhora, a primeira vez que, depois de viuvo, forneceu curro para uma tourada em Santarem, mandou enfeitar d'escomilha preta os pans dos bois. Ao fim de farpado o decimo terceiro, todo o mundo por módos inquiria, como era crível ter uma só mulher abysmado em tamanho lucto, quatorze maridos!

Ao bandarilheiro F... homem estimado, d'uma occasião morreu-lhe o pae, como infelizmente succede a toda a gente. A morte do velho, claro está, foi induzindo o orphão a aproximar-se na Praça do Campo de Sant'Anna, um beneficio, onde elle ap-

oudeantes, tres dias — ao tempo que aproveitava aquelle ensejo de magua, para augmentar trinta reis no preço das mãosinhas de carneiro.



Ora, uma cidade que exteriorisa o respeito pelos mortos pela clownesca forma que viram, se por um lado tem d'esse respeito uma comprehensão semelhante á do escarneo, signal da aniquilação completa do character cívico; em compensação tira do funebre um riquíssimo filão de pittoresco, que pôde até inspirar

pareceu vestido a character, mas toda a farpella preta d'azeviche. Abre-se o curro, um toiro espirra, e não cachaco o artista galhardamente lhe crava ferros quarteados, ficando erecto na arena, e com um ramo de perpetuas em cada mão — que escamoteara de dentro das garrochas!

uma arte nova, se habilidosamente o canalisarem, da indole avulsa da massa, para as locuções dos que produzem co'a penna e c'o cinzel.

Lisboa é singular!

Não lhe bastava já ter do amor uma noção invertida... ou duas, senão despolarisar tambem a tristeza e a alegria, dos seus focos d'impressão psychica normaes, fazendo-nos vêr por exemplo os entudos em funebre, e as Semanas Santas em hiliariaute; os baptismos em lacrimoso, e os enterros em humoristico. É o que geralmente se dá. Nada nos torna mais bisonhos do que um baile de mascaras. Nada restabelece curso ao nosso bom humor como um enterro. O motivo é simples. Geralmente, entre nós, o mascarado parece um morto, ao passo que os defunctos tem quasi sempre o ar de mascarados.

Um companheiro de casa que eu tive em estudante, joia entre as joias, meu inseparavel amigo de recreios e trabalhos, cinco annos, comette um dia a refinada tolice de morrer. Horas e horas, o meu desespero não conheceu caluante ou refrigerio. Doze dias, febril, velára eu ao de redor da sua cabeceira,

e depois d'elle morto e glacido no leito, fui eu ainda quem lhe compoz a ultima *toilette*, Alguem que vinha às vèzes, acordando na minha fraqueza organica, cachetisada por tres dias da mais completa abstinencia, lembrou-se, na derradeira noite em que velámos, de me trazer do Baltresqui, um pacotesinho de sandwiches. Oh torpeza da carne! Tanto bastou para que eu, mesmo sem deixar de chorar, pensasse menos no morto, e cada vez mais nas sandwiches.

A proximidade do repasto açulava-me a fome, que a presença do amigo me obrigava a deixar sem victualhas. Venceu por fim a besta, era fatal: e por causa d'uma pouca de vitella com mostarda, surprehendi-me eu a ter odio aos despojos do mais fiel companheiro da minha mocidade! E mais este era um amigo: que será então com os que a gente nem conhece!...

A nossa vida é tão curta, a nossa miseria tão intima, tão desesperada a lucta em que nos vamos, que no que se pensa é em viver *au jour le jour*, empenhado em dois fitos: fazer oiro de meio mundo, e guerrear ou escarnecer do outro meio. Ser mau tornou-se

uma necessidade contemporanea. Ser perverso um ideal... que infelizmente poucos saboream.

O homem não é mais irmão do homem, é seu concorrente, é seu rival. A fortuna d'elle não quer dizer o premio d'um esforço respeitavel: representa apenas a dentada em quinhão que nos pertence. Por cada um que morre, menos uma bocca esfomeada a defraudar-nos. Acresce além d'isso que os poderosos representam quasi sempre, apar d'uma concorrência energica, por via de regra uma extorsão methodisada — e legitimo desforço é que nos riamos quando elles tombam, e nos vingemos d'elles, apupando-os depois de mortos, uma vez que nos foram prejudiciaes.

É o meio termo d'esta represalia ferina que se dá, sempre que Lisboa assiste ao passamento d'algum alto personagem. Esta capital d'alcoiviteiras e de gatos pingados, de homens com apertos e mulheres com dilatações, ambiciosa mas inerte, pobre mas nunca resignada, quando passa um enterro, transfigura-se, e cil-a a debitar larachas sobre o morto, qual mais sumarenta de velhacaria e de pilheria!

Ri funebre, a maldita, se bem que quasi sempre ria justo. Por exemplo, o humorismo que ella desenvolveu no enterro do rei, deslumbraria o proprio Edgar Pöe, se fosse vivo. Aquelle estranho cortejo de macacos com fardas e de mulheres com farrapos, de carros de flôres e berlindas d'entruído, de vendedores de boquilhas e professoras d'instrucção primaria, de bombeiros d'Ajuda e de meninos engeitados, contentes todos, mirando-se, larchando, detendo-se a comprar pastellinhos, a altercar com os cocheiros, a fazer adeusinho ás relações; aquelle cortejo afinal que representa?

Ninguem o soube. Não teve caracter. Foi apenas patusco, e em certas passagens, abjecto. Podia ter sido tudo... a coroação da rainha do Congo, um certamen de cretinos, o casamento Fernandes, ou a batalha das flôres... Tudo! excepto homenagem prestada á memoria d'um homem que foi vinte e oito annos nosso rei!



Ó senhor D. Carlos, esse radiava, n'aquella sua passeata primeira de rei posto — jubiloso a ponto de não ter ares nenhuns de menino orphão, e ter ao contrario todos, de viuvo. Em torno d'elle, principes e embaixadores, moços fidalgos, moços de curro e moços da vida, faziam-lhe uma especie de galeria de figuras de cera, qual mais estupenda d'insignificancia.

Porque é singular como as physionomias da maior parte dos nossos homens publicos depõem desagradavelmente a seu favor!

Em poucos ha essa nobreza calma de linhas, essa serenidade profunda de olhar, essa luminosa architectura moral enfim, que conta as luctas da intelligencia d'um homem, inin-

terruptamente servido por uma consciencia inviolavel. A maior parte são pequenos monstros de olhar strabico, ou vago, ou fugidio, ou injectado; caras balofas, olheirentas, dessymetricas, com um stygma, algumas, do quer que é de inquietador, que a gente não sabe o que seja, mas lá está a servir de syndroma á manqueira occulta, e a prevenir a opinião contra a boa fé dos esforços d'elles, em prol da causa que juraram servir.

Outro detalhe: assombra o predominio que o typo estúpido começa a ganhar na compostura, (exterior pelo menos) dos nossos grandes funcionarios! Ha uma mistura de porco e cão de fila, de malandro e de tilere, em muitas d'aquellas faces de primeiros officiaes de secretaria, de governadores civis, de tenentes coroneis, de generaes, de bispos, de deputados, de conselheiros d'estado e de ministros. Por sobre as golas das fardas, dos collarinhos altos de cerimonia, das voltas roxas, e dos grillhões symbolicos das sociedades sabias e das ordens militares, as papadas oleosas dizem nutrições prevaricadas, apoplexias de bilis odienta, intrigas rabidas, cubicas, e satyriases secretas d'amor e vinho a

horas perigosas. Em raros as feições mantiveram pela vida fóra, a correcção de seres superiores, immaculadamente votados ao martyrio das lides cerebraes, que vestem a alma dos homens, como a figura, n'uma adolescencia perpetua e espiritual. É ver-lhes o riso, uma careta, estudada ao espelho, para cada effeito scenico da vida; ouvir-lhes as vozes, de galãs professos ou paes nobres, distillando palavras maravilhosas, mas sem repercutir jámais sinceridades; e sorprendel-os por fim quando a mascara lhes tomba, e por detraz do cortezão surge o carnívoro, fígre ou hyena, que do seu antro segue o fio d'um plano tenebroso, syndicato ou embuscada politica, venda de penna ou venda de palavra... A especie d'exitos de toda esta exhibição de mascaras e bobos, em publico, trahê-se nas chufas e arremedos do povolea contra os mais d'elles. A cada momento, um brado rompe — Oh que maroto! — é algum director de banco ou politico illustre que segue no prestito. Os lampeões do gaz, cobertos de crepe, parecem mulatos de chapen alto, alugados para focarem gauzá no precurso do enterro. A passagem dos grotescos é uma ovação macabra e ininterrupta.

O visconde x., brasileiro moço fidalgo, sobre haver substituído a plumagem branca do bicorne, por outra negra, fez-lhe cozer um lençol de panno preto na prezilha, o qual lhe desce, como o d'uma senhora viuva, té lhe dar duas voltas á roda do cachaço.

N'um grande carro vae-se o Maria Fernandes saracoteando, a mostrar o crachá da casaca, coberto de negro, como um brazão de cervejaria. Defronte da casa do Restello, palmas, galhofa: S. M. nova mesmo, deita a cabeça fóra do coche, para sorrir. As janellas do conde estão todas cobertas de côrtes de calças, e ha corôas de perpetuas cosidas a meio da grade das saccadas. Engenhoso! Parece um jazigo de familia, e ha a vantagem de se aproveitarem depois as perpetuas, pr'a xarope. No coche de D. João v, onde o rei vae, todos os florões dourados do tejadillo vão cobertos de fumo, como um preservativo contra as moscas. Uma conversada, uma algazarra. — Adeus ó visconde! — Então não vens? — Ai que massada! — vá de risota, contar historias, baforejar fumaças de charuto pelas portinholas dos coupés... E entre tantos milhares de caras joviaes, faz impressão a

d'um cocheiro que enxuga as lagrimas. Um cocheiro de praça, coitado! a amofinar-se pela morte do rei. Ora, diabos levem o rei!

—O que elle vae chorando, é a morte d'um cavallo.



No Terreiro do Paço incorporam-se as deputações populares. É a parte mais seria do cortejo. Mal porém o elemento grave que ellas metem em scena, começa a impôr-se, a verve dos espectadores rebenta de seu lado, e até ao fim, não ha meio de fazer salgueiro funebre com tal gente.

Às janellas d'um escriptorio commercial do Caes Sodré, damas da alta, trajando escuro, e formosissimas, caramba! passam de mão em mão um cacho d'ivas, que todas que-

rem debicar como calhandras, disputando-se o cacho entre piruetas de grande alacridade; e algumas entreteem-se mesmo a tamborilar com bagos sobre as cartollas de quem vae passando. Os dois carros de flores recordam aos dandys, com saudade, os carnavaes de Nice; e uma mulher da rua exclama ingenuamente:

— Então o rei vae em duas porções?!

A cada momento ha claros no cortejo, paragens em que se intromette o homem dos pasteis, pondo uma nota pelintra d'arraial.

Vozes avulsas:

— Lá vem agora a commissão das camareras. . .

— A caixa economica dos tacões aos domicilios. . .

A tropa começa: batalhões onde os soldados tem numeros de diversos regimentos; coroneis, cujos estuques se fundem, pingando gesso sobre os crachás dos uniformes. A gibosidade do sr. general de divisão tem um successo. Um diabo grita-lhe: estás gravido, Miguel!

Outro propõe-lhe, cosa antes as medalhas nas costas. A alegria do sr. D. Carlos é uma

coisa em verdade esfusiante. Que affabilidade, que verve: até parece que tem menos carne nos sobr'olhos! E n'isto, um grito:

— O d'Edimburgo não veio!

Estava pr'a vir, mas logo pela manhã sentiu-se incommodado. Tanto, que apenas almoçou seis garrafas de vinho do Porto, e quando ia a erguer-se da meza, cahiu com uma d'estas syncopes a que são atreitos em Portugal os marujos e os príncipes d'Inglaterra.

Eis o cadaver chegado a S. Vicente. Os canhões troam. Dobres de sinos. Fuzilaria nas ruas. É aquelle o momento solemne, definitivo, unico, em que o rei morto despe de vez a sua dalmatica de chefe, para transformar-se em lixo e mumia — e foi esse tambem o que a Igreja escolheu, para dizer á rainha que a alma do marido devia estar áquella hora a ceiar com Satanaz!

Por forma que não houve injuria que a cabouqueira do bondoso rei não apanhasse. Príncipes e aulicos, grandes e humildes, tudo lhe ultrajou a memoria, em vez de venerar-l'la. O filho riu-se d'elle. Antigos ministros chamaram-lhe devasso e papas-molles. O pa-

triarcha compara-o á mulher adúltera. E já noite, aquella rustilhada official, batendo em trens vertiginosos, d'á volta de S. Vicente, aquella rustilhada tinha o ar de virar as costas ao pae, para chegar a tempo d'ainda se poder anichar junto do filho.

Não foi d'esses talvez o Hoenzollern, a quem se partiu o coche de cerimonia, e que vindo ao Rocio a pé, c'os ajudantes, largou d'ahi n'um calhambeque, pr'a casa da Carlota.

Pede-se aos cidadãos que ainda conservam algum amor ás coisas do paiz, vão dar uma vista d'olhos pelos edificios da Escola Medica, e pelo chamado *Real Hospital* de S. José. Dizemos-lhe que hão-de gostar, e mais colherão subsidios para fazer uma pequena manifestação de sympathia ao sr. José Luciano, a primeira vez que adreguem vèl-o passar, de nariz ao vento, em qualquer sitio frequentado.

Lá verão como é que o senhor do reino cura os interesses do povo, e como é que os ministros respondem ás sollicitações que todos os dias lhes estão fazendo os funcionarios

encarregados de zelar a medicina e a beneficencia publica, na primeira cidade do paiz.

Comecem pelo hospital, onde continua a não haver uma sala de recepção para doentes, nem salas de *rechange* para onde fazer o transbordo d'enfermos durante a desinfecção das enfermarias funcionantes, nem hospitalizações isoladas para doenças de contagio, nem serviços especiaes de maternidade, nem uma instrumental completa para o exercicio da cirurgia e de medicina, nem um amphitheatro para operações, e nem sequer um quarto decente onde tratar um enfermo, mediante estipendio combinado. Percorram, atravez um dedalo inextricavel d'escadinholas e corredores sinistros, os innumerados andares d'aquella incommensuravel arca de Noé — e n'esses andares as enfermarias innumeradas, atochadas d'enfermos em numero triplo ou quadruplo da sua lotação hygienica e normal.

Estudem a capacidade respiratoria dos ambitos, a altura e disposição dos tectos d'umas enfermarias que ha nos forros do edificio, a distribuição da luz, os systemas de ventilação e aquecimento, a natureza das alfaias que giram no serviço, a mobilia de muitas d'essas enfer-

marias, o estado carunchento dos solos, a humidade ressumbrante de certos muros, a capacidade da massa d'arvoredos e jardins: e concluam depois, mesmo sem serem medicos, como é que aquillo se chama o *Real Hospital*, em vez de se chamar por exemplo estrumeira ou matadouro. Os amigos *reporters*, que todos os dias crueitam nas gazetas, quando lhes vão dizer que o Banco regeitou a deshoras da noite, algum bebado escoriado na testa, e que recebido iria incommodar na enfermaria, dezenas e dezenas de verdadeiros doentes: os amigos *reporters* não se lembraram ainda d'entrevistar os facultativos de S. José, ou de percorrer com um hygienista disponivel (que os ha sempre promptos a dar o braço a qualquer gazeteiro que lhes offereça publicidade) todos aquelles fundões medonhos do Hospital, onde a viva sollicitude do enfermeiro-mór, e os disvellos dos clinicos assistentes, pouco logram fazer, attenta a vergonhosa pobreza, e a inqualificavel promiscuidade em que tudo jaz alli. Com o edificio da Escola Medica, ainda peor.

Desde a primitiva, foi esse edificio um chavascal indigno dos estudantes e professores

que alli se davam *rendez-vous*. Não havia uma aula onde, já não digo commoda, mas decentemente, um escolar podesse ouvir uma prelecção. Os bancos destinados ao auditorio, além de não possuírem costas, tinham por leito uma taboa de dois palmos, de pinho tosco, e nem uma carteira por deante, um pulpito de musica, um pedaço de taboa sequer, sobre que collocar um livro, ou escrever a lapis um apontamento. As collecções e laboratorios d'analyses, os museus especiaes annexos ás cadeiras do curso, como o de cirurgia operatoria, os d'anatomia pathologica e normal, o de histologia e histo-physiologia, eram corredores sem luz nem pé direito, mobilados ignobilmente, com armarios toscos, onde faltava tudo, exemplares e instrumentos, e onde os raros especimens existentes, estavam para alli com um ar d'installação provisoria, á espera de que nos ministerios sobrasse verba, das despesas surdas e das gratificações escandalosas, para então se prover ao abastecimento d'aquellas secções de ensino scientifico e profissional. Quanto a bibliotheca, não fallemos: é uma ruma d'alfarrabios archeologicos, resguardada nas estantes por meio de redes de

capoeira, e servida aos curiosos em mezas de botequim de provincia.

Ao forasteiro que vindo ao Hospital de S. José e seus annexos escolares, por acaso torcia o nariz perante os desconfortos que via, já nas enfermarias, já nas salas d'estudo, nunca o cicerone deixava d'observar :

— Confessemos que seja um pouco magro tudo isto : entretanto v. ex.^a vae já apreciar as duas maravilhas cá da casa !

As duas maravilhas eram, no andar nobre, a chamada sala do conselho, ornada de sanefas còr de sangue, e formando em ordem de sumptuosidade, logo depois das famosas casas d'audiencia do tribunal da Bôa Hora ; e defronte d'esta, no gabinete de histologia, um retrato a oleo do sr. D. João VI, de casaca verde e meias de linha, hoje apeado a um canto, e servindo d'alvo, felizmente, às inconiências d'uretra da rapaziada.

Esta installação não era, como se vê, luxuosissima, e n'esta epocha aperalvilhada, em que tudo mira ao confortavel, e até nas suas repartições os senhores amanuenses teem fogões e parquets nitidos, dava uma impressão d'austeridade ouvir preleccionar Sousa Martins

n'um telheiro frio e desabrigado, e assistir ás demonstrações d'anatomia de Manoel Bento, n'uma especie de amphitheatro de palhaços, espécado por traves de pinho, immundo como um estabulo, e todo cheio de correntes d'ar como um casebre.

Um dia raiou porem, em que á falta de conforto e á falta d'aceio, veio ajuntar-se um factor novo, e este inquietante : a falta de segurança ! Não ter caloriferos, nem fautenils, nem pulpitos girantes nas aulas, nem livros modernos nas bibliothecas, nem aparelhos especiaes nos gabinetes, era já triste ; mas enfim, lá estava a sciencia dos mestres a supprir aquellas defficiencias, e a bemerecer tão duros sacrificios. Em termos que aos rapazes continuaria a ser grato o ir beber entre aquellas nhas paredes d'albergue, as cogitações da sabedoria, se de repente não entra com elles a desconfiança das paredes se estarem preparando, para uma bella manhã lhes cahirem em cima dos costados. De feito, ou porque o solo houvesse oscillado, desviando consigo, da linha de prumo, o empedramento dos alicerces, ou porque as paredes da Escola Medica começassem a embirrar, tardiamente é

certo, com o patronato do sr. D. João VI, o certo foi que o casebre desandou a esbeçar por todas as bandas, e a exprimir desejos de se estiraçar para cima dos canteiros rachiticos do jardim.

A *degringolade* começou pela biblioteca, que houve por bem mostrar a luz atravez as desintersecções dos planos solidos, subito separados, ao tempo em que deixava vergar em papos ameaçadores, todos os madeiramentos do tecto e do soalho. D'ahi correu aos outros cantos do edificio, e houve que se espécar os muros do gabinete de histologia, do amphitheatro d'anatomia e da aula de pharmacia, fugir das aulas, alliviar os madeiramentos de todo o peso de mobílias e alfaias que precipitar podessem a derrocada, transportar enfim os boccas das collecções e a instrumental dos laboratorios, para os corredores e escaninhos do andar de baixo, onde jazem a esmo, quebrados muitos, inutilizados quasi todos, n'uma feira de ladra a fazer córar de vergonha e de colera, lentes e discipulos.

Por falta de casas, as lições começaram a dar-se um pouco em toda a parte, no barracão das autopsias, nos corredores d'entrada do

edificio, sob a marquiza que antecede a sala do conselho, nos pateos do hospital, ou pelas clareiras molhadas do jardim — e assim, á mingua de dez metros de soallho firme, onde collocar um pulpito e quatro bancos, alguns professores, receando pelas vidas dos seus alumnos, pensam em dar aula nas suas proprias residencias, offerecendo á sciencia o refugio que o Estado lhe nega, merecê da rancorosa nullidade do mandarim que está zelando (zoiando é melhor) estas questoes.



E todavia, ha trinta annos que com mais ou menos zelo os enfermeiros-móres reclamam perante os poderes publicos, remedio contra as deploraveis condições do Hospital, agora intoleraveis, graças á affluencia d'enfermos que de toda a parte advem ; e que o conselho da Escola intenta aperfeiçoar e comple-

tar o ensino medico, reclamando dos mesmos poderes a decretação das medidas que adequadas julgou áquelle intento. A resposta, ou tem sido nulla, ou vae-se mantendo em interminas promessas, qual mais cynicamente deixada por cumprir.

No mez de novembro ultimo, a affluencia a S. José foi de tal ordem, que todas as enfermarias tiveram que installar leitos em triplicado, passando os doentes que ainda assim sobraram d'estas palhotas arranjadas á pressa, para barracas de madeira, mandadas armar nos jardins do Estephania. Por outro lado, o pessoal subalterno das enfermarias, vilmente pago, mal escolhido, sem educação profissional, nem garantias de vida, é cada vez mais escasso para assistir a todos os leitos, com a sollicitude paciente, a regularidade e o interesse que deviam convergir n'uma occupação de tanto escrupulo. Não ha uma irmã que administre um remedio, ou diga a um enfermo alguma boa palavra de conforto. Nas enfermarias de homens, o serviço é quasi todo feito por gallegos, que alem de poucos, são o menos adaptaveis possivel á missão de carinho que são chamados a preencher.

Quanto ao serviço clinico, se é verdade que muitos directores d'enfermaria fazem o possivel para prover a todas as urgencias, não é menos certo ser incompativel o interesse, com os excessos de trabalho a que os mesmos funcionarios são forçados. No espaço d'uma ou duas horas quotidianas, que tantas são as que o mais excepcionalmente zeloso medico pôde consagrar á sua enfermaria, como distribuir a attenção, com lucidez igual, por oitenta ou noventa enfermidades differentes, soffridas por individuos que por via de regra nem queixar-se sabem?

Ha-de haver cinco annos, sendo enfermeiro-mór o dr. Thomaz de Carvalho, baixou um ukase mandando suspender nas enfermarias as libações de capilé, medicamento este que custava sete contos annuaes ao Hospital, e com que os enfermeiros empanturravam os infelizes, dias e dias, até o facultativo ter occasião de os examinar.

Pelo que respeita ao zelo do Estado pelos progressos da medicina portugueza, a sollicitude tem-se mantido, perante os relatorios e protestos da Escola Medica de Lisboa, á mesma altura de farfallice inepta e de bestiali-

dade supina, com que Elle já se havia permitido encarar a questão do Hospital de S. José.

Com os progressos da medicina e a especialisação, successivamente mais nitida, dos seus differentes ramos de sciencias complementares e accessorias, urge cada vez mais desdobrar cadeiras, fundar cadeiras novas, ampliar o programma das antigas, e enriquecer enfim de subsidios praticos, quanto mais abundantes melhor, a aprendizagem d'uma profissão que todos os dias se entremeia de responsabilidades e de perigos, e se constitue em arbitro d'uma multidão de causas sociaes escabrosas, mercè da conversão de todos os nucleos de humanidade, em agremiados sem fim de diathesicos e de psycopathas. N'esta ordem d'ideias, tem o conselho da Escola resolvido scindir por exemplo, em duas cadeiras, o estudo da physiologia—a primeira abrangendo o estudo das propriedades vivas da celula e dos tecidos, e reservando-se a segunda a physiologia mais complexa, dos órgãos, e o unisono organico enfim, d'onde resulta o individuo e o ser — e assim fazer professar á parte o estudo da hygiene, e o da medicina legal, sciencias cada vez mais complicadas, e

ainda hoje reduzidas na Escola, a corriqueiras noções sem solidez. Tam pouco o estudo da anatomia topographica cabe na actual cadeira d'operações, e o da anatomia pathologica pôde continuar, como até hoje, platonico e murcho, desajudado das luzes da chimica biologica, e d'uma pratica tenaz no laboratorio. E igualmente é necessario desdobrar as pathologias, interna e externa, fundando cadeiras especiaes d'aquelles ramos morbidos, que por sua importancia e hodierno progresso mais regalias tem ganho de sciencias autonomas. E por outro lado as clinicas, que fazem o medico, posto dirigidas (como de resto as outras cadeiras theoricas) com uma consciencia scientifica que faz honra ao corpo docente, tambem não podem, como estão, ministrar ao estudante, n'um tirocinio de dois annos, a educação professional de que este carece. Seria mister tornar mais aturada a frequencia do escolar na enfermaria, pela fundação do internato e a superintendencia de chefes de clinica: decentralisal-as, separal-as em salas especiaes, como por exemplo a das doenças cutaneas e syphiliticas, a das doenças nervosas, a d'ophthalmologia, a das doenças da maternidade, doen-

ças de creanças, etc. com laboratorios annexos, onde se repetisse a anatomia pathologica, a physiologia e a chimica organica particularmente referentes ao grupo nosologico a encarar.



Como os governos tem comprehendido estas necessidades, já dissemos. Em balde a administração dos hospitaes concita os ministros do reino, a visitarem os serviços clinicos das differentes casas d'assistencia publica, á sua guarda. Em balde os directores da Escola Medica, nas sessões sollemnes da distribuição de premios, tem chamado aos reis, os familiares de todas as sciencias, chegando um a arengar, sem vergonha nenhuma, que D. Luiz era o pae da medicina. — Manteiga inutil!

Pela simples força da sua importancia, um tal problema não consegue interessar os cimos da politica, que entre varias razões sobrelleva esta: a de não ter havido nos corpos di-

rigentes do Hospital e da Escóla, uma força d'intriga eleitoral, onde a teimosia d'um homem pozesse a voz que a simples questão scientifica jámais logrou fazer soar, às orelhas de burro do governo. Ha mais de cincoenta annos que o hospital de S. José está condemnado, e outros tantos que os engenheiros crearam um projecto d'Escóla, escolhendo-se local pr'a fundação, e até mandando-se apontar no orçamento a verba costeadora... que a trapaça ministerial depois sumiu por facturas de casamentos regios e baptisados, por viajatas de convalescença a capitaes de luxo e de prazer, e por desobriga de joias da corôa, nas casas de prégo onde esses adornos teem escritorio certo ha muito tempo.

Ha cinco mezes, quando findo o anno lectivo, o conselho da Escóla Medica attentou pela millessima vez na impossibilidade d'em pleno inverno preleccionar aos alumnos, nos pateos e jardins da cerca hospitalar — unicos logares garantidos contra a derrocada — foi um professor amigo lembrar timidamente ao snr. José Luciano o bem que faria uma visita d'elle, aos restos das aulas e amphitheatros pathologicos, tanto mais que pelo lado da segu-

rança individual, não havia perigo : a rapaziada toda estava a férias, e o caso da autopsia á Bemviuda fôra um episodio que a cirurgia escolar jurava não mais repetir, em qualquer outro microcephalo.

Sobrerogado por aquellas palavras amistosassas, o ministro murmurou que havia d'ir, vagamente receando ainda o quer que fosse, uma cilada, cair-lhe em cima um corredor dos espécados, abater o soalho sob o peso arrobaço da sua insignificancia, vir um magarefe da sala dos côrtes e mareal-o — todos os pusillanimes terrores enfim, dos inconscientes que prohibidos organicamente de medir o alcance dos seus actos, nunca sabem se estão puros ou conspurcados.

Já tranquillizado d'esses pavores, avançou uma manhã, de correio atrás, pela porta do Carro, vindo desabrochar á fachada da Escóla, a cujo portico o conselho Escolar descera a receber-o. Aqui calçou os inevitaveis sócos de borracha, symbolo das precauções a tomar na espinhosa senda da vida publica, passou ás mãos do secretario o chapéu de chuva, imagem em vulto das grandes elocubrações governativas que o finam — dando ao nariz a ultima esfregadella,

sobre os borbotões homerroidarios que alli pegou o habito de continuamente farejar nas perfidias dos seus irmãos de guerra.

Cumprimentos trocados, quando iam a comboial-o pela escada, direito á secretaria, s. ex.^a recusou-se a entrar, attenta a derrocada presumivel; e aos repoupos, como um sendeiro que se péga, recuou novamente até ao pateo, circumscrevendo pela banda de fóra os muros do casebre, á busca d'uma entrada segura para a Escola, que não achou: e assim foi indo, pela porta de grades, até dar de focinhos com a lavanderia.

— Ora aqui está, disse o snr. José Luciano, um edificio onde os senhores podiam preleccionar condignamente! Ricos salões! A barrella dos enfermos de S. José, acaso enojaria aos convívios da sciencia?

— Um pouco menos do que a enojaria a barrella dos enfermos de S. Bento. Entanto, não se fizeram as cloacas para logares d'ensinamento, senão no caso previsto da chimica do estereo ter d'ensaiar os seus reagentes, na focinheira dos estadistas mal creados.

— É uma indirecta...

— Que relembra a v. ex.^a os inconvenien-

tes de chalacear, usando assim galochas de cauchauc. Ora venha d'ahi vêr o casebre onde a infamia dos politicos tem esquecido, ha cincoenta annos, o mais util e o mais brilhante estabelecimento scientifico de Portugal.

Retrocederam com elle quasi aos empurões, fazendo-o entrar nas ruinas allim, onde o seu terror era drolatico, taes estrallos lhe dava o queixo convulsivo, e tão grotesca a descórrelação das suas abstractas pernas de fantoche, recusando-se, as tristes, a amparal-o na marcha, mais além. Mostraram-lhe tudo, as paredes fendidas, os tectos descolados, soalhinhos podres, os bocaes do museu todos partidos; e nas casinholas das aulas, madeiras soltas, janellas sem vidros, poeira, lixo, e toda a fedorenta desolação dos sitios onde o transeunte se agacha em attitudes de budha estercorario. Quando ia a descer

— Mas onde é a Escola? inquiriu s. ex.ª

— É o que todos os visitantes perguntam, e nenhum de nós lhe sabe responder.

O snr. José Luciano recolheu-se n'esta resposta alguns minutos: e lembrava assim um pinto morto, boiando na sania d'um ovo sulfurado.

— De feito, é indispensavel proceder á reedificação, e sobre planos amplos, e desde já.

— E desde já, opinaram todos, animados.

— Vou mandar preparar verba no orçamento. Aponte, ó Brito. Vou mandar revèr o projecto dos engenheiros. É indispensavel dar á sciencia morada condigna, erguer o nivel scientifico, preparar a medicina d'amanhã... Por consequencia, senhores, poder-nos-hemos entender. Todos aqui são homens de palavra?

— Todos homens de palavra!

— Escripta e escarrada?

— A nossa escripta; agora escarrada, a dos collegas de v. ex.^a.

— Condicionemos pois. *Eu dou a Escola.* Mas os senhores hão-de-me cá metter um lente sem concurso.

— Regulamentos e dignidade profissional nos prohibem de transigir com essa velhacada. O concurso é uma intransmissivel garantia, sobre que a Escola estriba a legitimidade mais ou menos inviolavel das suas acquisições. Abolil-o é fazer bancarrota na austeridade do magisterio, pòr a educação da juven-

tude á mercê dos valdevinos sobrecellentes das secretarias e das fiscalisações aduaneiras e ferro-viarias. Sem concurso, quem impediria V. Ex.^a de nos despachar por exemplo o padre Brandão, professor de partos?

— O meu protegido não é ahí nenhum intruso em artes de curar. Facultativo pela Escola de Lisboa, foi ao estrangeiro informar-se d'uma especialidade clinica mimosa, constituindo-se em Vienna d'Áustria discipulo amado dos primeiros ophtalmologistas do mundo, e vindo a sagrar-se professor na grande universidade d'Heidelberg, onde por signal, Bismarek. . .

— Já conhecemos o truce, não insista.

— Deixar partir um tal homem, seria continuar o erro historico, que despedindo Colombo, e não accitando os serviços de Stanley, machadou mortalmente, á distancia de seculos, a frondosissima magnolia da civilisação continental e ultramarina do nosso paiz.

— E aparte esses motivos philosophicos, não terá V. Ex.^a outros, de natureza mais domestica, a verremar-lhe no séstro de cá metter o homem?

— A verdade é que um affeiçoado meu sof-

fria d'olhos. Eu cá sou franco! Cataratas nos olhos pares, um dos quaes por signal que era de vidro, e uma especie de conjunctivite no olho impar. Chama-se o especialista; operação...

— E o doente desandou a vêr.

— Por todos os lados!

— Mesmo do olho de vidro?

— Mesmo do olho impar. Aquillo havia de ser pupilla artificial que lhe rasgaram. Ah, viu as estrellas!

— É o costume.

— Mas ficou com um olho admiravel. Até tem menina.

— E como no conto do macaco, a menina tem... camisa?

— Em termos que necessito pagar ao doutor estes serviços. Dar-lhe um alfinete de pedras, seria galhardo em brasileiro; mas um presidente de conselho necessita de *savoir faire* com mais munificencia. Conto portanto fazel-o professor da sua especialidade, na primeira escola cirurgica do paiz. É negocio saldado, e o edificio da Escola far-se-ha, desde que os senhores digam uma palavra.

— Por aquiescencia nossa, já V. Ex.^a sabe

que não dispensaremos concurso ao seu pupillo. E as razões são flagrantes. Para receber no seu corpo docente um individuo, esta Casa não sabe d'outras proficiencias, alem das que perante ella vem authenticar-se, em provas publicas. Foi por concurso que todos os professores aqui entraram. Se elle não serve, abulam-no para todos, e o protegido de V. Ex.^a entre depois. Agora se elle continua a ser lei, venha o ophthalmologista prestar acto das disciplinas e sciencias que propriamente constituem a summula do curso geral de medicina, que depois d'isso, o nomeal-o proprietario d'uma cadeira, sem os tramites de promoção e adjuvato a que os nossos lentes substitutos se sujeitam, annos e annos, posto represente ainda uma preferencia escandalosa, já então é coadunavel a umas apparencias de justiça, merecê dos estudos especiaes do nomeado, e do aparte das materias incluidas no plano da cadeira nova. Esta é a lei. Tudo quanto V. Ex.^a fizer fóra da moldura que lhe deixamos, importa, como disse B. Raposo no seu relatório ao conselho d'Instrucção Publica, *menos-preso das conveniencias do ensino e da causa publica, offensas de principios e leis reguladoras*

da criação e provimento das cadeiras, e escarneo dos direitos adquiridos, e trabalhosamente consolidados pelos substitutos.

De mais, a Escola repugnaria qualquer reforma concebida fóra da logica e do criterio scientifico aconselhados por ella em mais d'uma representação aos poderes publicos. Etriba-se a aprendizagem clinica, que é a parte util da cirurgia e da medicina, em noções de sciencia geral, que o alumno aspira por exemplo do estudo da anatomia, da physiologia, da pathologia geral, da hygiene e da materia medica, e sem o conhecimento das quaes a missão do medico á cabeceira do enfermo, seria a d'un curandeiro empirico e pedante. D'onde se infere que toda a reorganização do ensino deverá proceder dos fundamentos para as cupulas, principiar pelos desenvolvimentos, sizões e remodelações propostas para as cadeiras fundamentaes acima ditas, tocando-se as especialidades por ultimo, em vez de se andar ás cabriolas pelos catifismos da sciencia, como essa ophthalmologia que é para assim dizer uma prenda de senhoras, e entre as cadeiras de criação proposta, resalte com uma importancia subalterna,

visto estudar-se ella, por fragmentos embora, a diferentes alturas do curso actual. (c)



Taes foram as objecções oppostas pelo corpo docente da Escola, aos caprichos morbidos do sr. ministro do reino, que se retirou .

(c) «... Porque, se alguém pensa que, até hoje os alumnos sabiam das escolas, sem noção d'ophtalmologia, redondamente se engana.

Não leccionavam os professores de anatomia a dos orgãos da visão? Não faziam analogamente os professores de physiologia? Os de pathologia geral e semeiologia, além de outros pontos de pathologia ocular, não demonstravam o uso do respectivo arsenal diagnosticó? Não tem cabido aos de pathologia externa e anatomia pathologica tratarem das doenças de olhos? Excluiu-se alguma vez, do ensino da medicina operatoria, a parte respectiva a pensos e operações no aparelho visual? Não se mostram nas clinicas molestias dos olhos? E ás demais cadeiras não pertence, a cada uma, sua quota parte de estudo attinente a coisas de oculistica?...»

(B. Raposo. *Relatorio citado*).

de nariz apoplectico, saecudindo na portada do casebre, á maneira d'invectiva, o pó das suas sandalias de cautehauc.

Logo alli se futurou que o descontentamento do reformador da optalmologia — que se escamuge ao desembolso dos honorarios do medico, lezando as prerogativas de toda uma faculdade — fosse embaraço ao começo das obras da Escola nova, e travão ferrenho para as reformas scientificas reclamadas. Erro fôra suppôr alguém que os institutos onde se prepara o pessoal superior das sociedades, pairassem em regiões inacessiveis aos caprichos asnaticos dos bonzos que nos mandam, estribados na inania physica das classes eruditas, e na impunidade de prepotencias anteriores.

O resultado foi ordenar o snr. José Luciano por sua conta e risco, e ao inverso do conselho dos entendidos, a creação d'un curso d'optalmologia, funcionando parallelamente á Escola Medica, mas de frequencia facultativa para os estudantes, e d'estipendio e organisação professoral muito diversos dos observados no curso ordinario.

De feito, prefixa o decreto, a par da funda-

ção da cadeira nova, quem determinadamente *ha-de ser o professor*, e desfecha creando um posto d'ajudante, de provimento fechado á occulistica nacional — pois se stereotypa n'elle a condição do candidato ao logar, *ser estrangeiro*. Só em ordenados aufere o lente imposto, annualmente mais, do que entre ordenados e gratificações d'exercicio, os lentes de concurso; e assim o adjunto fica em situação monetaria sobrelevante á dos pobres professores substitutos, que se arriscam a ganhar durante dez, quinze, vinte annos, um estipendio em verdade irrisorio, attentos os labores terriveis que tiveram de vencer para conquistar o seu logar.

Sobre estes excessos, aeresce ainda o de ser a cadeira espuria, a unica que se dá o luxo de ter ajudante preparador encartado. Para as mesmas clinicas, tão trabalhosas, não houve ainda meio de se alcançar um chefe de sala, que reforce as explicações do cathedratico, e ministre aos alumnos, por detalhe, o tão indispensavel tirocinio das minuciosas coisas de enfermagem e de pequena cirurgia.

A bofetada do ministro estála portanto aqui com sensivel fracasso, nas barbas d'uma cor-

poração que se não quiz dobrar ás collisões hystericas e domesticas que o derrengam a elle — e calcula-se pela violencia do acto, o perigo em que incorrem as mais graves coisas do paiz, desde que um tal homem pôde revoogar codigos e preterir direitos, com a sua simples pennada de politico gafe, e sem que ninguém desça á rua a escadeirar-lhe o despotismo.

De feito, o sr. José Luciano não se importou com a opinião dos entendidos; não quiz saber das leis que a prudencia poz de guarda á soberania do alto ensino scientifico; desdenhou a razão e a logica da reforma radical que lhe propunham — e com uma insolencia que só tem similar na bestialidade, emquanto o estudo da physiologia periga, amontoado aÿssim nas cento e vinte lições provaveis d'um anno lectivo; emquanto o estudo da hygiene e o da medicina legal são pura hypothese; emquanto a microscopia morbida é lettra morta; emquanto as pathologias e as clinicas reclamam ampliar-se; e o edificio da Escola desalaba, e a bibliotheca envelhece, e os museus cada dia estão mais pobres: o idiota, em vez de remediar d'um hausto estas miserias, de

firmar com o seu nome uma obra perduravel, só vê na Escola Medica uma repartição de sorrelfas plumitivos, e n'esta um escaninho onde pôr a comer tranquillamente um aliado.

Claro vae que n'esta reprimenda nossa, não entra para nada o nome do homem estudioso a quem o snr. José Luciano deu, com a sua arbitrariedade, um renome diverso do que elle mais tarde virá a conquistar talvez na sciencia portugueza. O professor avulso d'ophthalmologia não desce, a nosso vêr, da sympathia votada aos trabalhadores e aos estudiosos, pelo facto d'um guita lhe ter aberto azinhaga facil á tomadia de 100\$000 reis mensaes, sem trabalho nenhum — embora parecendo duvidar, com o supprimir-lhe as difficuldades do concurso, das suas apregoadas aptidões de sabio e de professor.

Até nós, os governos, quando apertados para arranjar um poiso de favor aos seus *mignons*, tinham um campo d'acção certo e sabido onde lançal-os — campo de responsabilidades modestas, como a burocracia, as administrações de provincia, os pequenos consulados e os cargos subalternos de legação — coisas

inoffensivas enfim, bem ou mal pagas, brilhantes quando muito, e que se defraudavam o erario, nunca vinham a perturbar a circulação das ideias e dos interesses fundamentaes da sociedade. Para servir uma canja ao primo d'um collega, os ministros revolviam tudo, do pessoal das repartições, ao pessoal das embaixadas, mas paravam, transidos de respeito, no limiar de certos sanctuarios por sua natureza inacessiveis ás polluções da cainçada executiva.

— Ingenuos tempos !

Hoje os conselheiros d'el-rei arrogaram-se poderes omniscientes, invadiram as attribuições dos tribunaes superiores, e entram de chicote e esporas nas salas dos cursos, pondo junto ao altar da sciencia, em vèz de tripode, um mijadeiro. O que indigna não é tanto o sr. Gama Pinto, cathedratizado de graça, no hemi-cyclo professoral da Escola Medica, como o sr. José Luciano feito arbitro maximo dos destinos da faculdade !

Se o caso d'este atropellamento da lei menoscabando a aristoeracia scientifica d'um grupo, em vèz de partir d'um tal typo, houvesse partido d'um homem de talento, fami-

liar com os altos estudos, entender-se-hia que o ministro procedera talvez por puro fetchismo de sciencia, embora mofando as formulas legaes da provisào. Mas nem semelhante hypothese logra dar-se, visto como, em primeiro logar o sr. José Luciano é cerebralmente um esvasiado, e em segundo, o sur. Gama Pinto não paira agora tão alto, que não podesse concorrer á ophthalmologia com o sur. Lourenço da Fonseca, ou com o sur. Mello Vianna.

Ora, o melhor.

Este caso da provisào d'um lente por autocracia exclusiva d'um ministro, não é desgraçadamente um caso avulso. Tem antecedentes escandalosos no Instituto Industrial, e vae ter consequentes breve, na Escola Medica e no Curso Superior de Lettras.

Empóz da ophthalmologia, e antes mesmo que se dê principio ás obras da Escola e á reforma geral do curso de cirurgia e medicina, hemos que vêr creada uma cadeira de psychiatria, com especialisação d'um certo homem para lente, e dispensa do concurso im-

plicita, que é para fechar as probabilidades da nomeação a quaesquer outros candidatos. E assim a respeito do Curso Superior de Letras, hoje deserto, se projectam remendos, em guiza d'accommodal-o a uma especie d'escola normal para professores d'instrucção secundaria, modificando-se o programma das disciplinas actuaes, e juntando-se-lhe outras, em cuja provisão medita o sr. José Luciano acorcorar de mão beijada, alguns satellites seus e meninos de còro descontentes.

Ora, é necessario rechassar de vez estas exorbitancias infames do poder, que põem as mais nobres actividades do espirito á mercè do auctoritarismo emphatico dos nullos, e introduzem nos quadros scientificos o mistiforio em que usam assalgallar-se entre nós, os quadros nobiliarchicos. É necessario que esse tal ministro do reino d'uma vez perceba que se não cathedratizam doutores pela mesma receita com que se aviscondalham brazileiros, e que se é certo que a toga vestida pelo sr. Gama Pinto não deshonra felizmente a Escola Medica, mercè dos talentos provaveis do neophito, nem por isso o perdão d'acto deixa de ser uma odiosa esmola, que se vinga do be-

neficio que presta, defraudando a altivez de quem na accita.

Taes concessões, se bem que uma ou outra vez inoffensivas, em geral só costumam purgar de si nefastos resultados, baixas do nivel moral e mental das gerações estudiosas, repulsa dos homens de valor ao magisterio, e desanimo enfim da mocidade, já de si propensa á negação de todas as magistraturas contemporaneas.

Evitem-nos pois o espectáculo do ensino superior gerido por curiosos, e acabe a protecção do Estado aos sabichões sob palavra de honra, como esse zoologo que exclamou uma vez na Polytechnica

— As rãs são lagartos sem rabo.

Ou como esse outro, grande esvurnador das origens etnicas do homem, que costumava dizer no Curso Superior de Lettras :

— Desabotoem as calças d'um homem ; se fôr de fabrica coberta, não ha que errar — é celta !



Interview com o imperador do Brazil.

Á sua chegada a Lisboa, recambiado do throno pela revolução picaresca de 15 de novembro, o imperador do Brazil não viu á roda de si senão personagens de caracter official, e noticiaristas e reporters avidos de novidades com que fazer augmentar a venda aos seus jornaes. Colonia brazileira, muito pouca, e essa constrangida e remordendo contra o soberano deposto um desdem, que nem por ter nascido á vespera, deixava de ter todas as apparencias d'um odio antigo e sigadal.

Comprehende-se entanto a villania. O velho principe, que protegera e acarinhara muitos d'aquelles egoistas, auxiliando-lhes os accessos para a riqueza ou para os cargos publicos, o velho principe descia a Portugal exhautorado, e já não era para elles no imperio o esteio da Ordem, já não garantia com o seu governo a alta de fundos, já não podia dar pensões a estudantes e a escriptores, já não fazia consules nem despachava plenipotenciarios; e desembarcando pobre, era uma especie de *cousin Pons*, de cuja estima nenhum brazileiro authenticico, ou portuguez abrazileirado, podiam auferir vangloria ou esportula de vulto!

Em termos que fóra do carinhoso circuito dos tres ou quatro amigos leaes que vinham a bordo, a familia imperial só achou ao desembarcar em Lisboa, as caras de cortiça do sequito do sr. D. Carlos, e a refilante matilha dos reporters, avida de conspurcar a magestade do infortunio com a inexprimivel solercia das *interviews*, obscenisada por essa absoluta falta de pudor dos que fazem da alcovitice um ganha pão.

Percorrer as reportages de fama, durante os primeiros dez dias que o imperador teve em Lisboa, é edificar-se a gente n'uma multidão de mexeriquices, de parvoçadas, d'abusos de confiança, de calumnias, que nem por passarem no jornalismo por qualidades reputadoras de mocinhos talentosos, deixam de vir no Código como outras tantas causas de pronuncia.

O jornalismo meudo está entre nós tomando uma feição tão pouco nobre, que inutilisal-o seria quasi uma obra de razão. Mas não é agora a melhor occasião de liquidar esta pendencia, que apenas ferí para dizer que não foram intuitos d'entrevisteiro, nem propositos d'esclarecer *os ultimos successos politicos do*

Brazil, quem me levou ha dias ao *Braganza*, com uma pouca de ternura pelos dois nobilissimos velhos desthronados. Ia-me pois a acercar do sr. D. Pedro II, quando subitamente me cortou o passo um dos taes *reporters*, precisamente no instante de se annunciar o almoço imperial.

Á vista do gazeteiro intruso, dos seus movimentos de fura-vidas, da sua sem cerimonia de sachrista, e do seu collarinho de borracha, S. M., que ainda não dera pela minha presença, mal disfarçando um gesto d'enfado, estendeu a mão mollemente ao homemsinho, com a resignada bondade de quem de ha muito se entretém, como Esopo, a fazer fallar os animaes.

— Já sei a que vem, disse o soberano desthronado, ao gazeteiro. V. quer saber, qual o menu do meu almoço. O *maitre d'hotel* vae informá-lo... póde dizer que fiz substituir o *sauté d'agneaux aux pois*, por umas *iscas de figado á la brandura dos nossos costumes*... que dei além d'isso uma audiencia de meia hora ao pedicuro, e que mudei de roupa branca ao levantar. Ha-de querer examinar talvez a roupa suja?...

— A roupa suja! disse o entrevistado, faris-

cando. É um pormenor muito interessante, e em que nenhum dos nossos collegas tocou ainda. A minha *interview* d'amanhã versará então sobre a influencia da roupa branca na queda das dynmastias. Diga-me pois, meu senhor, quantas vezes por semana mudava V. M. no Brazil, de roupa branca.

— Antes de vir á Europa, tres vezes, mas depois das viagens, comecei a mudar todos os dias.

— E á medida que esse requinte d'aceio ganhava publicidade, acaso notou V. M. effervescencias no partido republicano?

— De quando em quando effectivamente, havia nos clubs e nos jornaes, rumores d'ameaça contra o throno, mas attribui-os sempre a factores estranhos á miulha renovação quotidiana de pingas.

— Póde V. M. informar-me, se usou alguma vez no Brazil, meias bordadas?

— Em dias de gala, confesso: mas eram todas feitas pela imperatriz, e em nada faziam exorbitar a lista civil.

— E Deodoro sabia-o?

— Não posso dizel-o. Entanto a redação do *Paiz* lançou-m'o em rosto, para concluir d'es-

ta minha concessão á moda, o que ella chamava as *demasias do meu poder pessoal*.

E todavia eu não fiz mais do que imitar, pela adaptação d'este insignificante artigo de *toilette*, a elegancia dos moços do Rio e Petropolis, que é requintada como sabe, e vem de Paris directamente.

— Isso o perdeu! aventurára-se a exclaimar o entrevisteiro.

— Mas desde que eu me esforcei, durante quasi meio seculo de reinado, por adaptar ao meu paiz, as mais amplas conquistas da liberdade e da civilisação, que mal havia em introduzir na còrte, um pouquinho do luxo que essa civilisação fomenta? Benjamin Constant, o austero, o proprio Benjamin, usa ligas por cima do joelho. . .

— Qual era, meu senhor, a còr habitual das ceroulas de S. A. o conde d'Eu?

— Os côzes, vermelhos, o que lhe valen no povo uma reputação de despota refece. . . as pernas brancas, còr da bandeira de Henrique, e com uma flôr de liz amarellada sobre as costuras da junção.

— Os senhores d'escravos sabiam que as ceroulas de S. A. tinham côzes?

— É quasi certo. Mas foi o exercito, que não usa ceroulas, quem primeiro viu nas de meu genro, um antagonismo de casta, e decidiu insurgir-se, antes que o governo as fizesse incluir no grande uniforme.

— De modo que a causa fundamental e remota da revolução brasileira, não seria tanto o descontentamento pessoal do Deodoro, que queria a presidencia do conselho; nem tampouco os vivas á republica dos alumnos da Escola Militar, mas pura e simplesmente o uso e abuso que S. A. o conde d'Eu fez no Brazil, d'um artigo que o amigo Banana costumava vestir, por dentro das calças.

— Sem tirar nem pôr! Tanto me pareceu esta a origem historica da transformação politica porque o meu paiz acaba de passar, que telegraphiei a Beaurepaire de Rohan, para este expôr ao governo provisório a minha concepção sobre a nova bandeira. Sabe o furor com que *elles* ha duas semanas, se entreteem por lá a discutir a composição do novo pavilhão. Pois a minha ideia é simples. Sobre um fundo listrado a verde e ouro, umas ceroulas atravessadas por um espadalhão... As ceroulas representariam o nó gordio monarchico.

cortado em dois, pela espada d'Alexandre.....
Deodoro da Fonseca.

— Mas á vista dos factos, é positivo que o governo provisório tambem as não usa?

S. Magestade redarguiu :

— Nos paizes calidos, onde o suor abunda, a pouca roupa branca é um signal d'austeridade.

— Nossa Senhora ! como no tempo quente, todos esses grandes homens deverão andar assados !

— Acaso ignora, que não ha estadista brasileiro que não polvilhe as regueifas com farinha de pau?...

— Oh ! as jovens nacionalidades !... Dentro de noventa annos, todo o Brazil dirá : veneremos a memoria de nossos maiores, que se republicanisaram — por uma questão de trajos menores.

— Vou almoçar, disse o imperador. Que mais deseja?

— Desejava... desejava que V. M., certo do meu profundo zelo á sua causa, me emprestasse ali dez tostões.

— Singulares, estes reporters ! Acabam todos as *interviews* da mesma maneira.

— E julga V. M. que uma restauração seja possível?

D. Pedro, á porta da casa de jantar, e despedindo-se :

— Ai de mim! rehaver o imperio é quasi tão inverosimil, como rehaver os dez tostões.

Meu senhor D. Carlos de Bragança e d'Orleans — muito mais d'Orleans, que de Bragança.

A reputação que por Villa Viçosa haveis de grande e sabio príncipe, alliada ao que heilido das esplendidas alfaias que dizem brilhar nos thesouros do vosso paço, me conduziram da pobre herdade onde apaseigo gados e agriculto terras p'ra vos pagar o melhor de vinte moedas de finta, ás festas da vossa coroação, alemnhadas d'opiparas nos annuncios das companhias de caminhos de ferro — por cujo bilhete d'ida e volta me desguarneci de seis mil reis, não contando farnel, e um varino estragado pelos gorgolejos d'um compa-

nheiro de viagem que se emborrachou p'ra vos dar vivas.

Do meu casalejo trazia em folha uma admiração de saloio p'ra quanto visse, e por N. Senhora do Guadalupe vos juro que ninguém sentiu ainda melhor vontade de crer na predestinação divina dos reis sobre o destino dos povos, e na onnisciencia da vossa missão como Dador da prosperidade economica e social de que tanto havemos mister.

Mau grado as calumnias espalhadas ao de redor do vosso nome, mau grado o affiançarem-me amigos vossos a exiguidade da vossa intelligencia e a inverosimilhança da vossa pedanteria; mau grado o dizerem-me, senhor, que menteis com um descaramento inolvidavel, e escarafunchaveis nas ventas com uma teimosia imperecivel, todas estas asserções eu referi a estímulos de cõrte, a mal entendidos d'antecâmara, a ciúmes d'anlicos e a intervenções de republicueiros. E repensando na estirpe olympica do vosso nome, comigo mesmo dizia, ao sentir-me vencer pela suspeita — Tendo este rapaz tão grandes vicios na ascendencia, como é possível não ser elle um poço de virtudes?!

Adquiri n'uma loja um retrato vosso, e contemplando-vos, proseguia o meu sonho de vos glorificar como a um enviado do Senhor. Gordo de mais me parecesteis para monarcha d'um paiz que está na espinha, e immovel e dura se me affigrou vossa veronica, onde de balde busquei vislumbres, verdade seja, d'aquella vossa origem superior. Com uma cabelleira d'esparto n'uma cara de pecego, e dois olhos de fayança semelhantes aos cacos d'um bispóte, antes me destes, senhor, a ideia do cocheiro inglez da senhora duqueza de Palmella, do que a alta e deslumbradora visãõ da auctoridade real, transfigurada no specimen mais puro da belleza aperitiva e intangivel, hoje em dia tão util aos principes como ás *cocottes*, attenta a circumstancia d'ambos terem de fazer com ella, quer dentro da Carta, quer dentro da cama — *un tas de choses*.

Resignar-me-hia entretanto a dobrar o joelho aos pés do throno, impugnando a melhora do que vós ereis, e que o imbecil photographo talvez houvesse deturpado, por suggestões do feroz Consiglieri — se de repente não acorda em mim a profecia sinistra de que os que riem no lucto, hão-de por força derramar

lágrimas na gala; e o presentimento de que vós, senhor, que chaliceastes no coche de D. João v, no dia do enterro, os venerandos restos de vosso pae, no mesmo carro havieis de pagar a irreverencia, pelos apupos do povo, no proprio dia da vossa aclamação.

De feito que foi ella, a vossa aclamação, a mais que o enterro do prestigio monarchico, amortalhado em velludilhos de magica, e seguido por macacos trajando á côrte, acocorados em berlindas de carnaval? Eu quizera, senhor, que vós n'esses cortejos antes houvesseis feito figurar um boneco em vosso logar, vindo comigo por entre a turba das ruas, recolher os commentarios que fazia o povo á passagem dos carros triumphaes. Quizera que avisado da preparação lenta mas firme do espirito publico para uma transformação politica que cada vez vos cinge de mais perto, atcada como vae pelas manobras da colonia do Brazil, e pela exosmose politica de Hespanha — que renegará a estrangeira, mal pereça a pequenina lesma chamada Alfonso XIII — começasseis a preparar com tempo as vossas malas, a fazer economias, a pôr no Banco de Londres os vossos modestos haveres patrimoniaes,

de caminho fazendo praticar as linguas ao vosso primogenito, visto como o elle não poder succeder-vos no throno, sob o nome de rei Luiz Philippe, não é razão pr'a que não ganhe a sua vida, leccionando francez, sob a taboleta modesta de Luiz Philippe... Leite. Porque os *signaes do tempo* deixaram de ser desde hontem, uma revelação do inrognito aos videntes, pr'a se tornarem n'uma legenda fatidica, que todos podem soletrar nitidamente. Seja qual fôr a formula governativa que advenha, melhor ou peor, mais despótica ou mais livre, os dias da realeza estão contados, pois seria indigno de nós o conservarmos por chefe um personagem a quem vimos de desfeitear de *fond en comble*.

E note V. M.! não foi o povo quem iniciou esse acto publico de chacoa à monarchia, nem os republicanos que andaram pelos grupos, alliciando chufas dos animos descontentes. Foram os aulicos, foram os ministros, foram os intimos, foram os cavallariços e servidores de V. M. que o provocaram. Elles que animados de propositos drolaticos, e com desdens de *mise-en-scene* eguaes aos que está tendo a administração do theatro de S.

Carlos, tornaram as festas n'um sorvedoiro de dinheiros publicos, enquanto iam reduzindo a magnificencia real a uma pantomima de checlés vestidos de farrapos, vergonhosa para todos, e a transudar grotesco por todas as costuras. Elles que dictaram o estylo decorativo das salas em que havieis de cantar o juramento, os pavilhões da parada e o programma da vossa procissão pelas ruas da cidade, só comparavel ás danças de carnaval, as mais immundas, e entestada de reis d'armas com as barrigas das pernas ao contrario, e passavantes que piscavam o olho ás ovarinas, dando, no transcurso do prestito, com as massas de prata na cabeça dos gallegos.



Ah, como os monarchas lusitanos d'agora tergiversam, mendigos tontos, da estonteadora pompa das coroações, das embaixadas, das entradas triumphaes, dos cortejos e dos sacres, dos seus grandes antecessores da Renas-

cença, quando as riquezas esbrazeavam nos erarios, o luxo do Oriente e da Italia ia sobredoirando d'offuscantes apotheoses a nossa obra de conquista e descoberta, e o genio da gloria erguia as azas, para levar ao longe, pelo terror e pela audacia, a atoarda dos nossos commettimentos! Basta ler em Damião de Goes e no padre Ósorio, a descripção da embaixada de D. Manoel a Leão X, para se ajuizar da magnificencia estridula d'um cortejo portuguez no seculo XVI, e repassar pela vista o que diz Fernão Lopes sobre a entrada do mestre d'Aviz no Porto, aclamado rei, para sem mais delonga acquiescermos na consanguinidade profunda d'aspirações e interesses, que jungia a investidura do rei, à grande alma pathetica e heroica da nação.

«Sacratissimo e invencivel Cezar, (d) ha poucos dias que são vindos a esta cidade de Roma embaixadores do serenissimo rei de

(d) DAMIÃO DE GOES, *Ch. Del-Rey D. Manoel*, 2.^o v.

BISPO DE SYLVES, *Feitos Historicos del-rei D. Manoel*, 2.^o v.

Portugal, a dar obediencia ao nosso santo Padre Leam. Sua entrada foi cousa fermosa para vêr, porque eram tres embaixadores, hum da ordem dos Baroens, que tinham o primeiro logar, e os outros dois doctores em leis, os quaes traziam huma magnifica e pomposa companhia. Primeiramente vinham diante seis trombetas e seis charamellas; depois hum Indio sobre nua fermoso cavallo ornado de humma sella da India, o qual trazia de traz de si sobre as cubertas das ancas do cavallo, huma besta semellavel a um Leão pardo, mas de menor corpo, e mais delicada, e de muitas e desvairadas côres. A este seguia hum Elephante Indio, que trazia em cima de si hum cofre com um rico presente, que o serenissimo e christianissimo Principe enviava aos sanctissimos Padres, S. Pedro e S. Paulo, e em seu nome ao mesmo Sancto Padre. O cofre era cuberto de hum panno tecido douro, com as armas Reaes, que não tam somente cubria o cofre, mas ainda todo o Elephante, em cima do qual hia outro Indio vestido de huma roupa douro e seda, á palavra do qual o Elephante obedecia, caminhando por um spaço; e logo após elle seguião algumas azemelas mui fermo-

sas (300, dizem os ANNAES HISTORICOS) cubertas com reposteiros de rax e seda, de diversas cores e insignias. Atraz destes vinham os criados dos embaixadores mui bem ataviados, (tantos, quantas as azemelas) e apóz estes a ordem dos nobres, que eram em numero de cincoenta, todos vestidos de pannos douro e seda, com colares de oëro, não menos de peso que demostra, de que os mais delles davam grande resplandor por caso das muitas perlas e pedras de que eram semeados; e entre todos os outros hum filho do primeiro embaixador, ao qual seguia o Rey d'armas do dito Rey, vestido de huma roupa de panno douro, com as armas do reyno coroadas, e cercadas em torno de mui fermosas perlas e rubis; e todos em briosos giuetes com sellas, peitoraes, caprazões e mais arreios douro macisso ou de lavor, esmaltados de perlas e pedras de gran preço. Após estes vinham os embaixadores vestidos magnificamente, e o primeiro delles trazia hum mui rico chapeo de perlas, nãm digo sómente ornado, mas todo cuberto. Depois dos embaixadores vinha muita gente de conselho, de grave e honrada presença, e no fim to a turba dos familiares.

Sahiram a receber e acompanhar os embaixadores portuguezes, os do imperador e dos reis de França, Castella, Polónia, e os das republicas de Veneza, Sena e Bolouha, hum irmão do duque de Milão, e outros grandes senhores prelados com suas familias, a que se ajuntaram bizarramente vestidos os portuguezes corlezãos que andavam em Roma, ecclesiasticos e seculares, o que tudo fazia uma representação numerosa e luzidissima. O Papa com muitos cardeaes se foi ao Castello de Sant'angelo, por ver passar os embaixadores. Todo o povo universal de Roma correu por ver esta novidade, o que nam ha maravilha, porque poucas vezes, ou nunca aconteceo mandarem os Príncipes Christãos legados a Roma com tam magnifico aparato, nem Roma no tempo passado, quando possuia muitas provincias, posto que visse alguns Elephantes da Ethiopia e de Africa, nam viu nenhum dos das Indias, o qual Elephante em chegando deante da janella onde o Papa estava lhe fez reverencia, pondo os jeolhos no chão, fazendo além d'isso outras cousas que lhe o seu rector mandava. Depois desta primeira vista foi assinado dia, no qual os embaixadores forão ao Paço, onde fezerão

obediencia na maneira acostumada, fazendo hum delles huma arenga mui prudente, em latim, e digna de principe christão. Depois em outro dia assignado forão a Belveder, onde o Papa estava acompanhado de todos Cardeaes e embaixadores, e alli lhe apresentarão os dões que lhe levavão, não menos sumptuosos, que religiosos, dando-lhe primeiro uma carta d'aquelle mui poderoso Rei, que continha em poucas palavras o seguinte. *Como elle offerencia as primicias das cousas da India e Ethiopia, ao nosso muito piedoso Salvador, e a seus Santos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, e ao seu Vigario na terra, pedindo a sua Sanctidade humildosamente, que aceitasse seus pequenos dões com aquella benigna vontade, com que lhos elle mandava.* Os dões eram as sagradas vestiduras tanto para os ministros como para os clerigos, para servirem a toda maneira de sacrificio, e tanto ao officio da Missa como ao das vespervas — ás quaes chamam tunica, almategas, casulla, capa, e assim ornamentos de Altar. Todas estas vestiduras eram tecidas douro, e tam cubertas de pedras preciosas, e perlas, que em poucos logares se podia ver o ouro; e eram as perlas, e pedras

postas o metidas com artificio admiravel, per alguns nos entrelaçados a maneira de huma Romã, o qual artificio era cousa muito para vêr, porque a obra era maravilhosa, sumptuosa, e magnifica, em certos lugares era como pintada de ouro e seda a face de nosso Senhor, a dos Sanctos dous Apostolos distinctamente, ornados de muitas perlas e pedras preciosas a que nós chamamos seravonetas ou rubis, nam contra feitos, nem polidos, mas rudos e simples, assim como se trazem dos lugares em que se achão, com seu só resplendor natural, tal qual se deve as consas divinas, que direi mais para comprehender tudo em huma palavra, a materia era preciosa, mas a obra a sobrepujava com espanto. Iam tambem mitra, baclo, aneis, cruces, calices e thuribulos, tudo de ouro ao martello, cuberto de pedraria, e muitas moedas de ouro, de quinhentos cruzados cada uma, tamanhas como grandes maçãs. O que fez dizer ao nosso Sancto Padre Leam — *certo, assim é de crer, que a nenhum papa da Igreja romana foram apresentados tam ricos presentes, nem tam fermosos ornamentos, nem tam preciosos.*»

«... O qual recebimento ordenarom (e) d'esta guisa. Todalas naos, que erom no Rio, muito cedo pela manham, foram apendoadas de bandeiras e estendartes, e postos muitos verdes ramos em certos logares, onde cada hum catendia, que podia melhor parecer. Os bateis delles andavam todos enramados com trombetas e pendoens davante e de ré, fornidos de homens que bem os remavam, delles em camisas com sombreiros de rozas e outros de libré de ramos e flores, segundo se cada huns melhor correger podiam. As gentes da Cidade carecêtes de todo nojo, e cõ as melhores vestiduras, que cada hum tinha; ferviam andando por toda a parte, trigando de se correger tam bem, que nom podessem ser prazmadas. As ruas por hú elle avia de ir, até aos paços hú avia de pouzar, erom estradas de ramos e flores, e ervas de bons cheiros, de guisa, que do cham nom parecia cousa nenhu-

(e) FERNÃO LOPES. *Ch. DelRey Dom Joãõ I.*

ma. As portas das casas destas ruas eram todas abertas e enramadas de louro e doutros frescos ramos, delles, que pendiam lá compria, outros tecidos tam espessamête, que nã leyxavam logar, que todo nom fosse coberto de seda e oiro e brocado, e esto podiam bem fazer naquelle tempo, que era no mes de Mayo; e forçava-se cada hum de vencer seu vizinho por corregimento de portal, e sobrado, poendo às portas defumuras de tantos e nobres cheiros, que bem podiam afugentar qualquer mau ar, que fosse corrupto. As janellas lançavam panos e mantas e outras roupas, de seda e linho bordado, que afermosentavam muyto as ruas, polas quaes andavam certos homens, que desso tinham especial carrego, fazendo afastar e correger toda a cousa sobeja ou mingoada, que trovar podesse sua bõa ordenança. As janellas das casas todas eram acupadas com fermosas donas e molheres doutra condiçam, com gram desejo e amor de o vèr, assim guarneecidas de taes corregimentos, que fealdade e mau parecer, nã ousou naquelle dia entrar na cidade. Em certos logares avia bandos de molheres que cantavam cantigas, e cordas armadas para treparem ho-

mens que bem o sabiom fazer, quando El Rey alli chegasse. Aos misteres e outra muita gente erom encommendadas danças, e jogos doutras maneiras, em que andavam velhos e mancebos todos em leda vontade. As mulheres isso mesmo em seu bando fizeram péllas muyto bem corregidas, as quaes acompanhavam com muytas cantigas, dellas feitas em louvor Del Rey, e outras acostumadas, nom sómente as de menos estado e condiçam, mas muytas das boas da Cidade andavam com ellas por honra da festa. Á porta por hú El Rey avia de vir, estavam muytos Cidadãos honradamente vestidos com guarnimentos douro e prata, e muito outro povo, foram com a insignia da Cidade, huns com varas nas mãos pera reger os jogos, como El Rey chegasse, outros pera ir em sua companhia até aos Paços, hú avia de pousar. Nom com menos sentido de o receber honradamente se fez prestes com sua cleresia o honrado Dom Johão Bispo desta Cidade, ricamente em Pontifical vestido, isso mesmo todolos outros festivalmente, com os melhores corregimentos que tinham, e sendo todos assi aguardando, cada hum em seu lugar, pareceo a gente Del Rey da parte dálem de Gaya, por

hú El Rey avia de vir, e os bateis que andavam caleando pelo Rio, foram logo alli muy prestes com grandes apupos, e grande tanger de trombetas, mostrando grande lédice, antre os quaes era hum grande e fermoso batel ricamente corregido e toldado, em que El Rey avia de passar. E como El Rey entrou com esses fidalgos e das outras gentes quantas poderom caber naquelle e nos outros bateis, começaram todos a bogar ao longo do Rio. O Del Rey deante muyto apendoado, e os outros todos detraz que era grande prazer de vêr. E á porta de miragaya, hú o estavam attendendo, como deaziamos, sahio El Rey em terra por húa larga e espaçosa prancha, hú o beijar da mão e *mantenharos Deos, Senhor*, era tanto que nom podiam aver vèz de cumprir suas vontades; e depois de hum bom espaço, ã. se nisto deliverom, fallou hum Cidadão, a que desto era dado carrego, e disse :

Senhor, tomai esta insignia em vossas mãos, e por ella nos poemos em vosso poder, e vos fazemos preito, e menagem de vos servir com os corpos e averes até despender as vidas por honra do Reyno e vosso serviço.

El-Rey, em quanto elle esto disse, teve as

maõs na haste della, dizendo Que assi era elle prestes para despende a vida e corpo por honra do Reyno, e defensam delles, e que os avia por bons e leaes, e lhes faria muitas mercês, quando lhe por elles requeridas fossem.

Entom começaram a reger suas danças e jogos, nos quaes muy a miude, em muy alta e clara vóz bradavão dezendo *Viva El Rey D. Joham, viva!*

El Rey hia muito passo pola Cidade, que nom podia doutra guisa, porque a gente era tanta polas ruas polo vèr que parecia que se queriam afogar, e as donas que estavão ás janellas, folgavam altamente que o mantivesse Deos muitos annos e bons, e que muyta fosse sua vida, e bõa, e outras taes razoens, e em dizendo esto lançavam de cima muytas rozas e flores, milho e trigo, e outras cousas. Aqual festa e recebimento desta guisa feito, demovia muytas d'ellas a regar suas fermosas faces com doces e apraziveis lagrimas, e assi foi El Rey levado com este prazer e lédice aos paços, hũ avia de pousar, e as gentes se tornaram festejando, cada huns para suas casas, e em esse dia depois de comer lhe foi falar a molher do Condestabre, a qual elle nunca vi-

ra, nem ella a elle. El Rey a recebeu muy bem, e lhe fez grande agazalhado e honra; e som alguns que dizem que anteque se delle partisse lhe fez El Rey mercè para ella e para seu rido, de Bouças e terra de Basto, e terra de Pena, e de Barroso, e mais de Barcellos, e de Penatiel de Bastos; e que de todo lhe mandou logo fazer cartas e privilegios, quaes pera esto cumpriam: Mas nós engeitamos tal opinião, e aprovamos aquella que diz que estas terras, e outras que foram dadas ao Condestabre quando El Rey depois da Batalha lhe deu o Condado Dourem, e Barcellos, como depois ouvireis.»

Está V. M. a entrever como estes cortejos brotam naturalmente d'uma plethora dominante á flôr das duas epochas: na de D. Manoel a riqueza, que passando pelo brazeiro d'Azia, abre o Portugal guerreiro em flôres de maravilha: na de D. João 1 o amor do povo, que farandola com elle n'uma ronda de figurinhas festivas, ogivalmente ingenuas, como as que se veem bailar em Westminster, de ao de redor certos sarcophagos.

Ora, se V. M. arremedando na ridicula ordenação do seu cortejo acclamatorio, a pompa lithurgica dos nossos reis da Edade Media, e as etiquetas peralvillas das antigas côrtes similares da de Luiz XIV, teve em vista revindicar perante o povo, o descabido prestigio do seu throno, e restabelecer que a realeza se estriba, apesar das modernas conquistas democraticas, na predestinação de origem divina d'onde procede para os reis a auctoridade, e na offuscancia do cerimonia luxuoso, de que a magestade é implicito corollario, o meu rei desculpará — mas devia ter mexido melhor os seus pausinhos, em termos de ser ao menos digno, o que apenas foi carnavalesco.

Nenhum de nós estranharia que o monarcha d'um paiz pobre, fosse de manto e sceptro, prestar juramento n'um simples *landeau* a quatro soltas, e sem mais cortejo do que meia duzia de coupés levando a côrte, e alguns esquadrões de cavalleiros no couce da romagem. O povo haveria aceitado esse cortejo na sua expressão de seriedade modesta, como o que mais discretamente convinha a um paiz comido de dividas, roubado e escar-

necido pelos seus alliados, e por todos os motivos inhabil para acompanhar a Europa nos seus grandes trotes de progresso, nas suas epilepsias de novo, e nas suas remodelações de civilisação.

Comprehende-se que D. Manoel, sob cujo sceptro Portugal houve o Brazil e metade da India, grandes retalhos d'África, e archipellagos no tenebrosissimo mar da Oceania — que D. Manoel que fez d'este filete de terra, por um instante, o assombro do mundo, e o bazar de todas as civilisações velhas e novas, buscasse estadear luxo affinente á apotheose universal de que ao mesmo tempo se constituiria centro e propulsor!

Eram outros os tempos!

O rei que aos seus titulos agregava o senhorio das cinco partes do mundo, era de feito o suzerano e proprietario d'esses incomensuraveis e mysteriosos dominios. O seu throno, montões de pedraria e oiro, que trinta naus lhe carregavam de todos os jazigos do mundo; e o seu direito, sobre nascer da revelação, como o de Deus, escorava-se a mais n'um espirito de conquista, d'eleição e de casta, que imprimiam á dymnastia uma indizível

feição de patriarcho. Para elle, a força, quando não provinha d'uma superioridade de luzes e de razão, sorvia alentos n'essa crença profunda n'uma magistratura suprema, que é a primeira condição da soberania. Tudo advinha a engrandecer e a revigorar as dynastias... a tradição, o fetichismo cego do povo, um espirito politico superior ao espirito de consanguinidade e de familia, a incarnação hereditaria providencial d'algum grande principio necessario á existencia das sociedades: mil circumstancias enfim que as faziam insubstituiveis, como introductoras da humanidade nos intermundios da civilisação. Fallar por exemplo na criação da nacionalidade franceza, é fazer a historia dos Capetos: evocar o cyclo dos nossos descobertas e conquistas, é glorificar a dynastia de Aviz.

Comprehende-se pois que o rei da terra, uma vez definido entre estes termos, carecesse como o dos ceus, de revelar-se aos mortaes por entre magnificos involucros, e que os nimbos d'oiro sob que se nos revela nas cathedraes a Hostia Santa, desçam do alto, para vir lautejoular as dalmaticas dos conquistadores e dos imperantes. A magnificencia não é aqui um accessorio

ephemero do *costume*, senão que entra a tres quartos na fascinação que a realeza, infallivel e sagrada, deve produzir na turba multa dos mestiraes e dos homens de guerra.

Se D. Manoel em vez d'enviar a Leão x o seu embaixador Tristão da Cunha, entre o cortejo veronésico que vimos, simplesmente o tem remettido a Roma n'um sahimento de pobres atavios, aquelle senhor do mundo seria pelo menos tão réles como o foi V. M., que sem ser senhor de coisa nenhuma, se entrajou de rei de copas, para vir n'um carro do seculo XVIII, com botas á frederica e mais emplumachado do que uma catatúa, jurar a constituição n'um parlamento que parecia uma barraca de feira, e n'uma sala de municipio que os jornalistas francezes tomaram por uma capella de padres jesuitas.



Porque afinal de contas, quem é V. M.? A ultima vergontea reinante d'uma dymnastia

que nasceu já morta, e cujo advento ao throno, historiador algum ponde ainda explicar por uma qualidade qualquer extranormal, direito de conquista, poderio de fortuna, genio politico, ou qualquer infimo rasgo de valor. O primeiro rei da sua casa foi, como toda a gente sabe, um cagarola, que ainda na vespera do dia em que os conspiradores foram propor-lhe a corôa a Villa Viçosa, se dispunha a figurar no sequito do hespanhol Phillippe IV, e cujo filho, estancado pelo onanismo, expirou no meio de santos, n'um delirio mystico, repellindo a familia, e engulindo hostias de quarto em quarto de hora. D'ahi para cima é tudo um fim de raça, em que os libidinosos se intercalam nos freiraticos, em que os cobardes se succedem aos impotentes, e em que os doidos dão origem aos sachristães, e estes ainda aos toureiros e aos usurpadores.

Percorrer a galeria real da casa brigantina, é visionar historicamente a synthese feroz d'aquelle jacobino que exclamou d'uma vez na Convenção: os reis são na ordem moral, o que na ordem physica são os monstros. De feito, é sob a egide de Bragança que a realza se desintegra em Portugal do seu papel de

cornaca dos povos, e faz estalar as lianas que jungiam o throno á alma publica, cahindo de tutora em filha prodiga, e reduzindo o pontificado real a uma especie de parasitismo. De 1640 a 1834, o espirito dymnastico ainda podia ter sido para nós um instrumento de progresso, se lhe não coartassem a acção, as dissoluções dos antepassados de V. M.

E se o meu rei duvida, vamos abrir a historia e liquidar. Facil tarefa, que sobre ser hedionda é divertida ! Ahi vem Affonso vi, de que toda a gente conhece o famoso processo, filia-dor das suas devassidões entre as de Luiz xvi, sadico e impotente, mandando ás amantes *des boules de la crasse de ses pieds (f)* e as de Henrique iii, que se vestia de noiva para attrahir ao leito os seus *mignons*. Ahi vem D. João v, sultão dos conventos, com o delirio das grandezas como Luiz ii da Baviera, que arruina o paiz pondo *boudoirs* de duzentos mil cruzados ás madres Paulas, e quartos de cama onde os lençoes são perfumados d'incenso, antes da

(f) JOURNAL DES GONCOURTS, 2.º V.

copula, e os peucos de prata teem por azas, grupos de seraphins em oração. Ahi vem D. José, cuja imbecilidade partilha a lingua, entre travessas de doce, e os nombris das fidalgas a quem o Marquez mandava perseguir os filhos e os maridos. Depois Maria I, a doida nymphomanica, de saias erguidas no meio da rua, a urrar que vê o pae a arder dentro do inferno, e a dizer obscenidades no meio das aspersões dos padres jezuitas! Depois D. João VI, trinta vezes chavelho e cantochista, usando bofe em vez de papel, no *water-closet*, trahido por todos, contradizendo-se borrado de medo, fugindo para o Brazil com os thezouros da nação, e abandonando-nos, canalha! ao protectorado de Beresford que decretou o martyrio de Gomes Freire! E por qui fôra, assim chegamos, *cahin-caha*, sem alludir a D. Miguel, um moço de cocheira, e sem mecher no brasileiro D. Pedro, um tarimbão, á desconnexa pessoa de V. M.

N'estes 250 annos quantas humilhações, quantas decadencias, quantas vergonhas! Com os Braganças, Portugal deixou de ter nos reis os fiadores da sua prosperidade e da sua gloria, e passou a atural-os como a feitores e

mastins da Gran-Bretanha. O paço tornou-se n'uma dependencia da legação britannica: os reis de Portugal, bonecos de palha dos plenipotenciarios do paiz dos bebados, das prostitutas e dos ladrões.

Uma a uma, sob o regimen deprimente de taes reis, vemos Portugal entregar as terras d'além mar por elle descobertas ou tomadas, perder a iniciativa do commercio e navegação d'Azia e da America, desvincular a forte e cavalleirosa nacionalidade dos seculos anteriores, e receber da Inglaterra, em vergonhosissimos tractados de commercio e diplomaticas *chantages*, humilhações só comparaveis ás que as nações victoriosas costumam exigir, pela força da guerra, das nações humilhadas e vencidas.

Portanto meu senhor, se a dymnastia que V. M. representa, nunca teve a radical-a no espirito do povo uma forte corrente de tradição gloriosa, nem a justificar-lhe o advento um principio politico indispensavel á manutenção da nossa integridade; se está provado que nenhum dos reis da sua casa tem sido na evolução da vida portugueza um instrumento de progresso, e se todas as derrotas,

todas as affrontas, todos os enfraquecimentos, todas as indignidades, todas as vergouhas, andam jungidas á incuria de vos termos guardado até agora — a vós, reis de cartão pintado, duas vezes estupidos e rapaces, liquidando em corrupções que nós temos pago com o suor e o sangue dos tributos — se tudo isto é verdade, como explicar a mascarada da vossa aclamação por um desejo de reembutir no antigo prestigio historico uma realza que jámais teve prestigio, e d'alardear magnificencia uma casa real que até compra fiado o champagne com que nas comidas de gala bebe á paz da Europa?

Ainda hoje não quero crer n'esse cortejo apothecotico, sujo, arrastando o seu ar de ronda mortuaria, e a cuja angustiosa miseria só faltou uma ponta de vinho, p'ra nos lembrar o cyrio de N. S. do Cabo. Foi do Largo das Côrtes que eu vi chegar essa funerea dança de quinta-feira gorda — um piquete de cavallaria na frente, quatro chechês d'amarello e rubro, bicorne e vara, a figurarem de moços d'estribeira, e muitos gallegos depois trajando á tuna, com vestimentas de bailado sobre gibões de velludillo, que me disseram ser os

arautos, reis d'armas e passavantes, gentes sem sexo, de cujas meias sahiam, pelos rasgões, rolos de trapo, restos de buchadas de pernas que esvidavam, d'aborrecidas co'as tibias de seus donos.

Toda esta cafila passou em cavallos de carroça, mal arreados, coxeando, o pello hirsuto, pondo na via um melancholico rastro de bando de touros e d'arraial.

Ao cabo de meia hora d'espera, disse uma vóz que ali vinham os coches. A municipal esbatia sobre os passeios a turba dos curiosos, ensandwichando-a contra a parede, com a ponta dos sabres, e espanejando-a por ultimo, com os rabos dos cavallos. O primeiro coche allim surgiu tropegamente, no alto da nova rua que atravessa a cerca da Esperança: era uma coisa corcunda e doirada, a gemer dos calos sobre um leito de carro de bois, e que infundia o aspecto do conselheiro Nazareth, envidraçado no ventre p'ra se lhe vêr digerir os figurões que tinha comido. Aquillo ia puxado á sirga por calabres de linho crú, como uma zorra de fabrica, os sotras rubros esporeando cavalicóques cheios d'emplastros: e por traz, na taboa cereada de talhas de ca-

pella, figuras d'anjos faziam motêtes de pedrastas aos solas do churrião que se seguia. Assim passaram tres d'aquelles monstros, com velludos sem brilho, velhos oiros comidos nos detalhes, levando dentro toda a casta de herbigões cobertos de placas de seguros, e re-puxando ao alto das pinhas, n'uma infinidade de pennas de capão.

Na minha simpleza rustica, atrevi-me a perguntar a um cavalheiro, se seriam velhos do asylo. . .

— Ná, não senhor. Isto é a casa civil de Sua Magestade.

— E que serventia dà elle a esta casa?

— É conforme. Uns escrevem nos jornaes que S. M. lê, outros applaudem as asneiras que S. M. diz, e o resto está encarregado de lhe repetir que o povo está contente.

— E S. M. acredita?

— Enquanto lhe pagarem. . .

Vou-me d'ahi, na onda, até ás Côrtes. Á entrada, um baldaquino d'estofo escarlate, que a ventania rasgou, deixando as taboas nuas á vela, como umas nadegas de pedintes. Pela escadaria ha uma passadeira de juta descórada, que atravessa o vestibulo de tijollo, e

avança pelo corredor do claustro, entre pobres vasos com cebolas alvarrãs e ramas de pinho e loiro tanchadas, a fazer d'arbustos raros. Depois na escada que leva á sala do throno, estreita, esconsa, coberta de hera como a da rua dos Condes no beneficio do Sousa Bastos, a mesma passadeira guia-nos, espalmada e exangue como uma tenia, aos intestinos da representação nacional. O ingresso nas tribunas é vedado: o mulhero invadiu todos os cantos, e eu desço, e escorregando, intrujando, sempre consigo meter um pé na sala da cerimonia.

A minha primeira ideia é que vamos assistir a uma férra. As senhoras teem quasi todas trajos de passeio, chapens de telha, binoculos ao travez, vestões abotoados; e em baixo, nas bancadas do circo, alguns deputados e pares teem verdadeiramente um ar de bois. Aqui e alem, no *pele-mele* das carecas e das fardas, duas ou tres leves manchas humoristicas: o capello cramezi do dr. Valle, babujado de collares e corações de filigrana, faz recordar lavradeiras da Maia, pimponaças: ao fundo, enorme, immovel e vermelho, o bispo de Coimbra parece o *Hotel Central*: e n'uma pol-

trona azul, o sr. presidente da Camara, João Chrysostomo, secco, esmoído, entre dois meninos á Luiz XV, dá-me a visão d'um carapau frito, n'uma malga de Coimbra — entre dois dentes d'alho.

Ah meu senhor, que decoração de sala, que alcantifas, que sanefas! As *draperies* do throno são velludo d'algodão esmaecido, com galões d'enterro pobre. Nos degraus, o tapete é feito de bocados. Não ha uma bambinella fresca nas tribunas, occultando a terrivel miseria dos papeis cebentos, rotos, sobrepostos, ou sequer um fundo d'estofo, sobre que fazer destacar um typo de mulher. E isto entristece, porque havia perfis deliciosos.

— O d'aquella de roxo e rendas brancas, grandes olhos de Gioconda, um bonnésinho roxo nos cabellos... *Coquette* femea! e que barriga!

— Mas é o nuncio.

— Outra vez gravido?

Ao som do Hymno da Carta, o cortejo entra. Adiante os arautos, que se bipartem para os dois lados do throno: depois o sr. infante condestabre, que nos degraus se vae postar, d'estoque erguido: logo os gentis-homens e as

damas do sequito, mal amanhadas nas suas roupas de cerimonia; e por ultimo os reis, acertando o passo, com romeiras de pelles, mantos roçagantes, e attonitos de ninguem os mandar recolher ás *coloriages* dos baralhos de cartas, d'onde parecem ter sahido.

Ainda bem as figuras se não teem immobilizado para o quadro do juramento, já duas coizas saltam, deploraveis. Primeira, que a gentilhomeria da côrte é insufficiente para um *ensemble* dramatico de geito, e fôra melhor metter na sala os còros de S. Carlos, ensaiados de mais a mais para o primeiro acto do *Hamlet*, onde ha uma entrada de reis, com marcha, toda chic. Segunda, que sendo V. M. muito mais baixo do que sua esposa, (*g*) e urgindo que a pessoa que perante os Estados vem constituir-se fiadora das instituições, ofereça as mais soldadescas garantias de segu-

(*g*) Esta desproporção d'alturas é tão extraordinaria, que sendo ainda lua de mel no Paço de Belem, um reposteiro ouviu o sr. D. Carlos dizer p'ra sua esposa:

— Mélie, ponha-me em cima da meza, que lhe quero fazer olhos gaiatos.

rança e de força, errado andou quem lhes não fez trocar os vestuários, nem pedir à rainha o sacrificio, d'a bem do Estado, ser ella quem lesse o juramento — com um bigode postico.

E aqui abro parenthesis para lhe lançar em rosto a linda voz. V. M. talvez não seja bem digno d'um throno, mas em compensação merece um palco. A escola dramatica, o timbre com que V. M. leu o juramento! Hu!... Olhando a postura rigida do infante, em pé sobre os degraus do throno, e com o chanfalho aberto de Nun'Alvares — do bello infante cocheiro, em cujo peito brilhava pela primeira vez a gran-cruz dos atropellamentos — todos perguntavam se elle nas imposições do seu cargo estaria ali a fazer guarda de honra ao monarcha, ou simplesmente a apresentar armas ao barytono. Mas meu senhor, como tudo de roda de V. M. escorre uma agonia de *fin de la fin*, uma enregelada miseria de paiz *charogne*, de paiz gasto, de paiz morto, de paiz pôdre! Nas bancadas da sala, pelas tribunas, ás portas, todas essas figuras teem, como o paiz, um ar crivado de dividas: os fidalgos são pequeninos, fininhos, com um ar de coelhos e de grooms. Entre as damas da rainha, que

são oito, tantas quantas as provincias, uma sem nariz, ferculosa, é talvez a allegoria do Algarve. E como a pragmatica prescreve que o alferes mór chegue á varanda, para acclamar tres vezes, á multidão da rua, o rei de Portugal, succedeu que a sua voz cahiu do alto, sem repercussão, sobre o terrivel silencio do Largo, onde alem do piquete de lanceiros, a unica multidão que havia era o popular José Augusto.



Percorrendo a cidade, em balde n'ella procurei signaes de festa. Quasi todas as lojas estiveram abertas, funcionaram os escriptorios de commercio, e a população que nas ruas se agregou a vêr passar o cortejo tinha um ar d'enfado e de birra, um ar de troça e descredito, que empallideceriaes, senhor, se a tivesseis podido ouvir monosyllabar.

Na travessia das Côrtes para S. Domingos, emquanto ieis com vossos fardalhões e ourangos titulados, churriando aos solavancos das sumptuosas berlindas, não se ouvia senão futurar coisas anarchicas, em formulas de desdem, que um tribuno audacioso facil haveria transmuttado em colera revolucionaria.

Às duas bandas da rua, os regimentos postados, feitos de contingentes de proveniencias diversas, faziam uma salgalhada d'uniformes e numeros, d'escandalisar os mais indifferentes às questões do porte militar. A soldadesca guarda uma apathia marroquina, um ar de tristeza penitenciaria, a fazer lastima. Na cara de quasi todos os officiaes ha privações. Desengonçados como bonecos, e seguros nos estribos pelos camaradas à paizana, os coroneis escarrancham-se com dór sobre os cavallos, os rins quebrados, o peito estrallejando d'asthma e tosses chronicas, e tão litteralmente cobertos de medalhas, que dir-se-hia terem feito da farda, escarrador. Na rua Augusta vi eu uma especie de sagni trajando á generala (um d'estes generaes padeiros, d'Administração Militar e Sociedade Primeiro de Dezembro, com cicatrizes de siphilis e car-

min na orelha, que os marujos inglezes pedem lh'os deixem levar p'ra bordo, atados a cordeis) saccar dos coldres, cuidareis que um revolver, senhor? — uma caixa de rapé e um lenço d'Alcobaça. Em S. Domingos, a mesma miseria de decorações, a mesma indigna pompa de lausperenne e d'arraial, e a mesma troça de burguezes scepticos, e de populares desilludidos. Quando o cortejo se apeia dos coches, não se vêem senão fardas cebosas nos cachacos, e com maculas de stearina secca e caldeirada. Quasi todas as boccas vão a mascar pastilhas de cantharidas, e á passagem d'alguns venerandos sustentaculos do throno, conselheiros e grân-cruzes, as faniqueiras que se apinham ao guardavento, estendem o braço p'ra lhes puxar os rabos das fardas.

— Adeus ó catita!

Á altura das cornijas passam, em pequenos papos d'estofo vermelho e branco, velhas sanefas semelliantes a fiadas de chouriços. Ha grandes palmas por todos os altares, symbolicas talvez das extorsões que o povo tem soffrido, sobre o altar da patria sacrificada ao egoismo dos reis.

E meu bom senhor — se podesseis ter vis-

to a gente que a S. Domingos foi communigar nos louvores da Igreja á vossa coroação! Se podesseis ouvir os rumores do que á vossa passagem se arengava!...

Não, não era o *mantenhavos Deos* que o povo dizia no Porto ao seu camarada de guerra, o mestre d'Aviz, a saudação patriótica que vós ouvistes, nem rosas o que vos atiravam, nem lagrimas de jubilo as que a cidade chorou ao vos ver passar, sagrado rei! Ao desgosto que nos inspira o parasitismo dos vossos, á nenhuma especie d'apego que a monarchia nos desperta, e ao vivo odio que nos referve no peito contra todos aquelles que nos teem posto n'este estado — sejam ministros d'Inglaterra ou sejam ministros de Portugal, principes de Bragança ou principes da Rua dos Capellistas — veio ajuntar-se o escarneo d'esse cortejo ignobil, bufonico, estupendo, que se foi digno de vós, nem por isso nos fez menos vergonha, visto como elle achincalhava a ideia do poder, que vós tendes obrigação de respeitar enquanto fordes o chefe da nação.

Tenho ainda nas faces a ardencia da affronta que por vós soffri por essas ruas, e comigo

os que acompanharam os jornalistas francezes e hespanhoes, no rosto d'elles bebendo anciosamente o fel d'uma ironia horrivel, que se mercê da polidez lhes fechava a bocca, nem por isso se lhes trahia menos no fascias, em alternativas de frouxo e crispacão. — Não, não foi o *mantenharos Deos*, a saudação popular que vós ouvisteis, mas chufas, apupos, vaias: os fadistas que vos apontavam ás cigarreiras,

— Olha, lá vae o *canario*...

os conselheiros da coròea que vos faziam *traîne*, como ratos d'esgoto ao fâro d'uma costelleta de cevado; e no côro da igreja os capados góclinhando o seus latins de festa, d'onde pareciam sahir convites para prostituições inconfessaveis; e á porta os moços d'estribeira, com meias d'algodão e a barba por fazer, cantando piolhos de redor do carro D. João v, entre um regougar de velhas maebethicas, que pediam esmola p'ra vos pagar um vinho de honra. Tanto era funebre o aspecto da cerimonia, que um homem simples, que sem duvida chegára, como eu, da sua terra, abordando um archeiro, lhe perguntou se aquillo ainda eram exequias pelo rei!

— Estas agora são pelo reinado.



Cansado de sustentar uma monarchia que o não acompanhava nas suas aspirações, que marcha diametralmente opposto aos seus interesses, que não partilha das suas alegrias, e que até já tem escarnecido os seus pezares, o povo desinteressou-se d'ella, degradou-a da cruzada nacional, começou a considerá-la como uma estrangeira suspeita que se lhe aboletou em casa, delegada e espia d'essa monarchia de reis que traz jungida a si a Europa escrava, e estanca e bebe as seivas das nações.

E meu senhor, este movimento não pára, esta suspeição não se corrige. Duzentos e cinquenta annos de miseria, fizeram do povo portuguez uma lagoa podre, em cujas sanias só podem viver e medrar as carpas coroadas. A draga que limpar o pantano dos limos, ha-de pescar

as carpas orgulhosas, e envia-las em barricas de salmoura, quem sabe! a qualquer hotel de França ou d'Inglaterra, E essa draga está-se armando entre nós ha muito tempo: vêem-se-lhe já as peças formidaveis, os cyclopicos gonços, e as cadeias de bronze humano que lhe circulam, ululando, pelo meio das goteiras e engrenagens.

Podem os espiões de V. M. denunciar ao passaro d'Arcos as isoladas officinas aonde se está acabando de bater uma ou outra peça secundaria. Podem os trabuqueiros d'el-rei metter as sessentas cargas á cara d'alguns descuidosos operarios que se repousam, pondo coròas no pedestal da estatua dos poetas, e se desfogam, pondo alhos no pedestal da estatua dos monarchas. Podem os Serpasitos, os Lopositos, os Arroiositos, arrasar esta ou aquella forja descoberta, suspender a *Patria*, fechar o *Henriques Nogueira*, querellar do *Século* e dos *Debates*. . . Que nos faz isso? A democracia é como as outras febres; um bacillus propaga-a, e do cerebro de cada affectado que o despotismo sequestra á liberdade, milhares de germens se evolum, a contaminar outros tantos reputados immunes, horas antes.

As ultimas ebullições anti-inglezas recambiaram do pavilhão monarchico os ultimos fieis, e ha vinte dias que o paiz não faz senão gritar, viva a republica !

Este grito propaga-se, e galvanisa de cada esperança morta, uma aspiração pujante e fecundissima. Repetem-no em Coimbra tres mil boccas frementes d'academicos ; repetem-no no Porto oito mil rapazes do commercio e das escolas ; repetem-no em Lisboa as cem mil vózes validas das classes fortes, activas, cultas, preponderantes. Os lycens do paiz, é ao som d'elle que vão pelas ruas das suas cidades, pedir esmola para comprar navios de guerra. Os municipios, é ao som d'elle que votam quantias para o thesouro de defeza nacional. As associações de commercio, é ao som d'elle que juram não comprar mais nada ao inglez. Nas aulas, o professorado insinua-o. Nos centros militares e chefaturas civis, os grandes funcionarios acquiescem a admittil-o como o *abre-te sesamo* d'uma Jerusalem futura e libertada. E outros signaes !

Quando ha um mez se reuniram no salão da Trindade, cerca de quinhentos cidadãos de todas as proveniencias, com a aristocracia e o

clero na vanguarda, afim de subscreverem os fundos necessarios ao armamento nacional, essa especie de junta de salvação publica que invocou o auxilio de toda a gente, não pronunciou sequer o nome de V. M. Todos os jornaes monarchicos, sem omissão d'um só, vae em quarenta dias se entreteem a bosquejar, sobre as permissas das recentes agitações patrioticas, o provavel futuro politico do paiz: e todas as hypotheses essas folhas discutem e assignalam, excepto a d'um rei no throno portuguez. Quem nos impedirá então de pôr escriptos no Paço, no dia em que o *Alagoas* chegue a este porto?

O exercito?

V. M. já mandou indagar quem especialmente compra e lê os trinta mil exemplares que o *Seculo* vende? V. M. nunca ouviu fallar nas cinco mil *Folhas do Povo* que a guarnição de Lisboa absorve em cada dia? Nas leituras de propaganda que a officialidade inferior dos regimentos faz nas paradas dos quartéis, á soldadesca?

Oh, já nada, já nada impedirá a draga de revolver o fundo da lagoa, muito embora as cadeias partidas deitem sangue, e a guarda

municipal trave uma ou outra vez a machina cyclopica. Este paiz sem industrias metallurgicas, tem abertas por toda a parte as suas forjas, onde dia e noite martellam, braços de ferreiros que ignoram o canção. Leve-nos muito embora o *Africa* dois ou tres : vinte estão prestes a retomar o malho vigoroso, e a fazer estriar, sobre a bigorna do odio, os fundamentos d'uma existencia social completamente inedita, propulsora da sciencia e da riqueza, remodeladora das instituições e dos costumes, que liberte a consciencia moral e nacionalise a arte, refaça a politica, defenda a terra, e acima de tudo nos desaffronte.

Por ventura ha sido um erro de propagan-da, essa democracia timida, platonica, stritamente prégada intramuros das conveniencias monarchicas ; e haveria produzido resultados mais decisivos e mais fundos, a estatuição d'uma conspiranda permanente, por via de sociedades secretas, que desviassem o povo da simples especção rethorica, armando-lhe o braço, e repetindo-lhe que se não fazem revoluções sem alguns martyres.

O descuido no entanto justifica-se. Antes do ultimatum inglez e da revolução do Brazil,

raros de nós poderiam fazer sondagens certas na profundeza e na efficacia da cruzada republicana que prégavamos: e mal dispostos contra a Hespanha, menos ainda nos sentiamos dispostos a enfunar o estandarte da ideia, com correntes d'opinião sopradas do outro lado da fronteira.

Agora mudou tudo. Os verdadeiros inimigos de Portugal desmascararam-se. A linha que nos separa de Hespanha é apenas uma illusão optica de politicos, filha d'um erro historico de sete seculos, que desviou a Peninsula da sua missão de grande potencia, e tem defraudado a familia latina d'uma força, que virilizando-se, poderia ter disputado, quem sabe! a hegemonia do mundo, ás raças loiras.

Hoje, a Hespanha deixou de ser para nós o papão, e o Brazil, nosso filho, muito bem pôde, mereçê dos 300:000 portuguezes que lá temos, ser no futuro politico, o nosso suggestor. Desde que a Hespanha se republicanise, teremos Portugal mettido entre dois fogos, e facil seria então tornar viavel aquelle grande sonho d'uma federação peninsular, que ha tanto tempo espelha ao longe, entre cerraceiros

de nevoa platonica, a sua gigantesca mancha de nação.

Está V. M. a vêr a pujança d'esta especie de Russia do occidente que seriam os antiquissimos estados da Lusitania e da Iberia, conluídos para a lucta da vida, em pequenas republicas solidarias e autonomas; e por certo abrange a soberbia da formidavel potencia que nós faziamos, portuguezes e hespanhoes, abertos ao mar por todos os quadrantes, com um imperio colonial que seria o segundo na fortuna territorial das nações da Europa, magnificos portos, esquadras temerosas, pictorescas cidades, culturas, minas, e todas as riquezas da industria e da arte, fecundadas por uma raça outra vez juvenescida pelas aguas lustraes da democracia pura.

A omnipotencia d'esse colosso novo sopêsa-se, sonhando-o ligado á França, e constituindo com ella um novo regulador dos destinos do mundo. E o esplendor da sua adolescencia reconstrue-se, pondo Lisboa nas guias como uma cidade de dois milhões de habitantes, chave do Atlantico, terminus de toda a rede ferro-viaria da Europa, ponto de convergencia do inecalculavel commercio americano... — e

magnifica de grandeza, coberta d'estatuas e palacios, com o museu de Madrid nas Janeltas Verdes, mulheres de Hespanha renovando o typo morbido das nossas, forasteiros aos milhares, parques de leguas á beira do rio amplissimo como um mar — e a par do luxo, um alto tom de civilisação e de cultura, a litteratura opipara, a sciencia seria, uma arte independente — e depois ainda, no fim de tudo, a vingança.

Oh, a vingança !

Por ventura vem longe ainda essa condição *sine qua non* da nossa felicidade, que só uma federação peninsular pôde trazer, e que começando por expulsar o dinheiro inglez das nossas necessidades e das nossas empresas, viesse em cuspir de Gibraltar os fardas vermelhas, em correr a chicote do interior d'Africa, esses puritanos meio padres, meio gatunos, que civilisam o negro com algemas e opio, acabando por expulsal-os enfim da India, e por lhes estancar a iniciativa, o prestigio e a força, em todos os cantos do mundo onde o maldito polvo cuidasse de viver sugando os seus irmãos.

Vem longe de certo ! Mas nada pôde des-

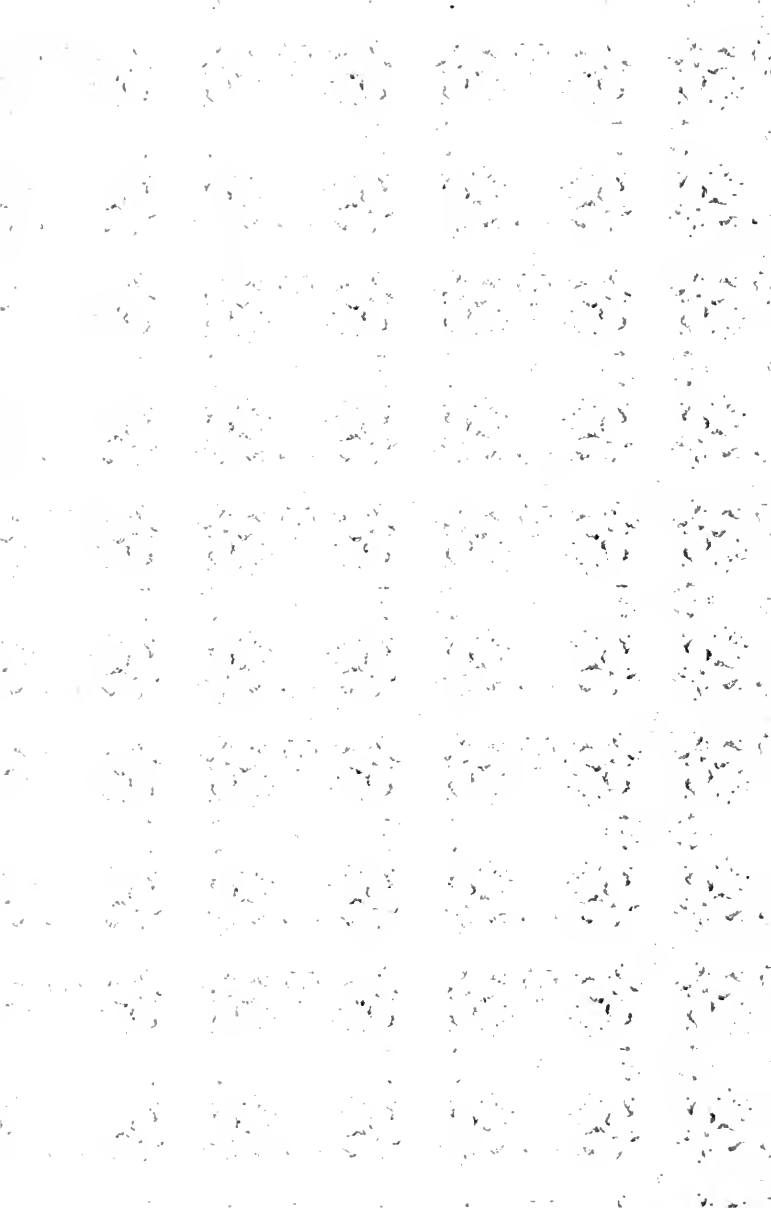
viar a corrente, embora lenta, embora obscura, da convergencia politica de Portugal para a nação irmã, nem contrariar no futuro essa confederação ideal de toda a Iberia, base d'uma era de oiro, em que os filhos dos nossos filhos, senhor, repassando em memoria a feiura de reis da casa de Bragança, só encontrarão para V. M. estes dizeres :

— Sim, era um tal Carlos, sempre cerrado de gastronomos e de toureiros, e que chamava *piolheira* ao paiz de que era rei.



Handwritten text, possibly a signature or date, located in the bottom right corner of the page.





L.Por

F4388g

Author Fialho d'Almeida, José Valentin

Title Os gatos, No. 1, Agosto de 1889.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket

U.S. Pat. "Ref. Index File"

Made by LIBRARY BUREAU

